

Dr. Penna Ribas

CAMINHO DA ILUMINAÇÃO



Dados Biográficos do Autor

R. Penna Ribas, médico, filósofo, jornalista, conferencista, atuante colaborador, sem qualquer interesse pecuniário, na imprensa, no rádio e na televisão, em defesa do Espiritismo e do Neo-espiritismo, do qual é fundador. Pela imprensa escrita e falada, sempre lutou pelo avanço de sua especialidade médica — a Homeopatia. Nasceu em Paraíba do Sul/RJ no dia 04 de fevereiro de 1907 e desencarnou em Niterói/RJ, no dia 11 de abril de 1994.

Na imprensa, escreveu no *Diário da Manhã*, no *Estado* e no *O Fluminense*, jornais de Niterói.

No Rio, foi colaborador de *A Vanguarda* e, em período mais longo, de *O Jornal*, dos *Diários Associados*, onde manteve a coluna *Espiritismo — Roteiro para o Mundo*.

Autor de reportagens de projeção internacional em *O Cruzeiro* e em *Fatos e Fotos* sobre, mediunidade e doenças provocadas por Espíritos, por ele neologicamente denominada **Espiritopatias**.

Na rádio, proferiu, durante mais de 2 lustros, palestras, através da *Rádio Guanabara*, da *Rádio Mundial* e da *Rádio Copacabana*.

Na televisão, participou de inúmeros programas na *Rede Globo*, nas extintas *TV Rio*, e *TV Tupi* — no Rio de Janeiro; na *TV Paraná*, em Curitiba, e na *TV Bandeirantes*, em São Paulo. Nesses programas, realizou demonstrações da fenomenologia mediúnica com médiuns da *Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas*, da qual foi idealizador e é presidente perpétuo, desde a sua fundação em 12 de junho de 1949, tendo desenvolvido, com dissertações científicas, trabalho pioneiro, fruto de suas experiências e observações, para a elucidação dos



CAMINHO DA ILUMINAÇÃO

Dr. Penna Ribas

4ª Edição
SEPE

Copyright © Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas
Rua Visconde de Itaboraí, 265
CEP 24.030-091 — Centro — Niterói-RJ
Tel (021) — 620-8574, 717-2706 e 714-0682

R482c

Ribas, Penna, 1907-1994.
Caminho da Iluminação/Penna Ribas. —
3. ed. — Niterói, RJ : SEPE, 1999.

192p.; 21 cm.

ISBN 85-86004-03-0

1. Espiritismo. I. Sociedade de Estudos e Pesquisas
Espíritas. II. Título

CDD - 133.9

Todos os direitos reservados com exclusividade pela SEPE. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ele total ou parcial constitui violação de lei.

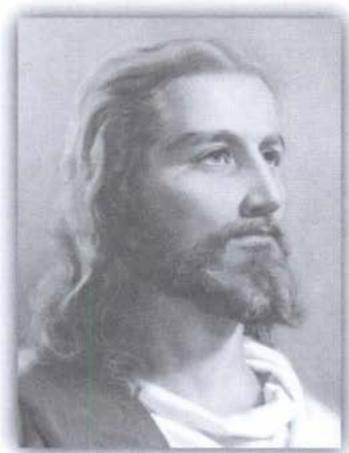
Caminho da Evolução

*R*ogo, em nome de Deus, ao meu Mentor, dono de meu destino na presente encarnação, o amparo para que eu possa ler, compreender, sentir e praticar todas as verdades contidas neste opúsculo, a fim de que, protegido e estimulado pelas verdades nele contidas, eu possa fortalecer as minhas convicções doutrinárias e retificar os meus erros, de acordo com meu desejo, para merecer cada vez mais o socorro dos meus Amigos do Mundo Espiritual e, dessa forma, obter o equilíbrio de minha mediunidade, saúde para meu corpo e paz para meu Espírito.

Rogo, outrossim, em favor dos Mentores dos Espíritos que se encontram neste ambiente a fim de que, também eles sejam amparados pela misericórdia do Pai.

Mas em tudo seja feita a vontade de Deus, conforme ensinou Jesus de Nazaré, o Supremo Mestre da humanidade!

Mestre dos Mestres
Jesus de Nazaré



“Amar a Deus sobre todas as coisas
e ao próximo como a si mesmo.”

Mestre Allan Kardec



“Um outro caráter da revelação espírita e que ressalta as condições mesmas nas quais ela se produz, é que, apoiando-se sobre os fatos, ela é e não pode deixar de ser senão essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, a qual, sendo a exposição das leis da Natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor das leis. As descobertas da ciência glorificam Deus, em lugar de O rebaixar; elas não destroem senão o que os homens edificaram sobre idéias falsas que eles fizeram de Deus.

O Espiritismo não estabelece, portanto, como princípio absoluto, senão aquilo que está demonstrado com evidência ou que ressalta logicamente da observação. Ligado a todos os ramos da economia social, aos quais empresta apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, elevadas ao estado de verdades práticas e saídas do domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; deixando de ser o que é, desmentiria sua origem e sua finalidade providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará.”

A Gênese - Edição Especial — Editora Lumen págs. 36 e 37.

Mestre Léon Denis

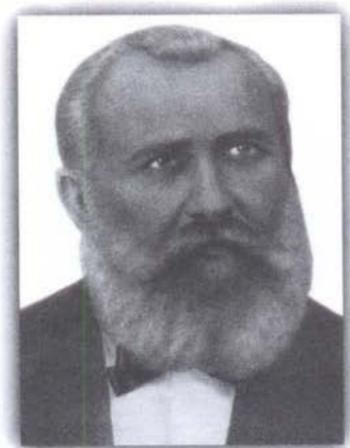


“Não vos viemos dizer que devemos ficar confinados no círculo, por mais vasto que seja, do Espiritismo kardequiano. Não; o próprio Mestre vos convida a avançar nas vias novas, a alargar a sua obra.

Estendemos as mãos a todos os inovadores, a todos os de boa-vontade, a todos os que têm no coração o amor da humanidade.”

Léon Denis — *No Invisível*
Federação Espírita Brasileira 7ª edição — pág. 4

Mestre Bezerra de Menezes



“O mundo tem todos os dias a prova material de que, na medida do desenvolvimento da perfectibilidade humana, descem das alturas novas e mais avantajadas revelações.

O mundo, porém, não aprende, e, sempre cego, obedece fatalmente ao impulso que o leva a repelir tudo que é novo, tudo que vem substituir alguma peça do mecanismo construído por seu saber.

A revelação religiosa, do mesmo modo que a científica, tem vindo sempre progressiva, e na razão do desenvolvimento da perfectibilidade humana.”

Bezerra de Menezes - *Estudos Filosóficos*
Editora Edicel — 1ª parte — págs 11 e 17.

Mestre Penna Ribas



“O Cristianismo, o Espiritismo e o Neo-espiritismo são doutrinas que, em conjunto, representam três fases gradativamente aperfeiçoadas da incessante revelação divina, cuja finalidade é iluminar, com luz cada vez mais forte, a consciência moral dos Espíritos terráqueos, à medida que evoluem, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados, de molde a incrementar a fraternidade entre os dois planos de vida: o visível e o invisível!”

R. Penna Ribas — *Jesus de Nazaré* — como
ele foi. Como ele é — Pág. 341

Mentora Palmyra de Carvalho Ribas



Não foi na Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, da qual foi, juntamente com seu ilustre marido, Dr. Randolpho Penna Ribas, idealizadora e fundadora, que a Mentora Palmyra iniciou seu verdadeiro apostolado, pois desde 1935 veio trabalhando, com raro idealismo, pela difusão do Espiritismo. Médiun de caráter integérrimo, sempre se submeteu docilmente às provas que se lhe exigiram, sem se magoar, jamais, com as pessoas que duvidavam dos fatos por ela manifestados. À sua formação moral, à serenidade com que sempre aceitou as pesquisas em torno de suas espetaculares faculdades mediúnicas e ao desejo ardente com que, constantemente, se empenhou na verificação dos fatos com ela ocorridos, deveu-se a sensacional conversão de seu esposo, contra a expectativa de quantos com ele privavam e conheciam sua formação intelectual, infensa ao misticismo. E, fato curioso, não foi, apenas, no terreno filosófico-religioso que a

Mentora Palmyra exerceu decisiva influência na orientação de seu marido: também no terreno científico a contribuição da Mentora Palmyra foi peremptória, embora involuntária. Foi nela que o autor, médico de grande clínica já, pôde observar a primeira cura espetacular efetuada pela Homeopatia, numa enfermidade que, durante seis meses, sem qualquer melhora, desafiou toda a terapêutica Alopática. A influência dessa cura sobre o espírito do Dr. Penna Ribas foi tão profunda que ele deliberou mudar, definitivamente, o rumo de sua carreira profissional, tornando-se Homeopata, a despeito do enorme prejuízo material que tal resolução lhe causou, na ocasião.

Coube, portanto, à Mentora Palmyra o mérito de haver convertido seu marido ao Espiritismo e à Homeopatia; e só os que ignoram quanto as pregações e as receitas do Dr. Penna Ribas têm aliviado a alma e as doenças do corpo de quantos a ele recorrem, só esses céticos ou desinformados, poderão menosprezar o valor dessa conversão e o mérito de quem o converteu!

PREFÁCIO

Convidado a elaborar o prelúdio deste livro, deparei-me com a grave responsabilidade do discípulo chamado, porém, consciente de não estar à altura de ser escolhido para produzir um proêmio à obra do Mestre do Neo-espiritismo. A eloquência da obra dispensa considerações. A notoriedade do autor dispensa apresentação.

Seria temerário, senão presunçoso, a qualquer discípulo fazer um discurso exordial, introduzindo seu Mestre. Não arriscarei a pretensão. Tentarei, apenas, guindar-me a bosquejar o plano do trabalho.

De efeito, o privilégio da leitura prévia da obra, permitiu-me verificar que o trabalho do autor veio de encontro à ansiedade de quantos já leram seu livro *Jesus de Nazaré — como ele foi. Como ele é*, e que indagavam mais do caminho percorrido pelo autor, até a produção daquela maravilhosa apresentação do verdadeiro papel histórico, daquele precursor da fraternidade humana, então, como ainda hoje, tão postergada pelo individualismo material de uma encarnação efêmera como a que vivemos obumbrados pelo imediatismo das coisas, cegos para a eternidade do infinito.

O presente livro traz a lume verdadeira retrospectiva e também o itinerário da meta de um jovem médico, formado nos idos de 1930, que, embora materialista diante das experiênci-

as da vida acadêmica, desde o primeiro ano da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, contaminou-se pela solidariedade aos semelhantes na dor física dos homens que lhe desfilavam pelas enfermarias da Santa Casa, e depois, no segundo ano, já residente interno, sem remuneração, no Hospital Marítimo Paula Cândido, e por fim, então, no último ano do curso, a serviço do Dr. Raul Penna, diretor da Maternidade do Hospital São João Batista da Lagoa.

O caminho palmilhado na dor física dos seus semelhantes, desenvolveu naquele médico a determinação de encontrar a razão do ser, do destino e da dor humana, buscando, com pertinácia, as respostas que a vida mundana não esclarece, que a Ciência tenta explicar, e que só a religiosidade, a busca da espiritualidade, pode proporcionar, como conseqüentemente logrou encontrar e revelar-nos em seu livro *Jesus de Nazaré — como ele foi. Como ele é.*

Tal retrospectiva revela a conversão do autor, ao Espiritismo, confessada em seus primeiros artigos jornalísticos, ora no *Vanguarda*, ora no *O Jornal*, da antiga Guanabara, ora no *O Estado*, no *O Fluminense* ou no *Diário da Manhã*, em Niterói, como também em diversas e duradouras palestras radiofônicas na *Rádio Guanabara*, através do programa *Seleções Espiritualistas* e na *Rádio Copacabana*, no programa *Tribuna Espírita*, nas décadas de 50 e 60, quando, já médico homeopata e dor espírita, pugnava com todas as forças das fímbrias do seu ser pela defesa da sobrevivência do espírito e sua eternidade nas sucessivas encarnações e experiências terrenas, estas últimas como apenas uma etapa, um estágio da evolução do espírito humano. 

Fundador da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas - SEPE, em 12 de junho de 1949, ali consolidou uma tribuna em defesa dos mais sinceros e nobres ideais em defesa do Espiritismo, seja em permanentes palestras doutrinárias, seja em periódicas reuniões experimentais de pesquisa da fenomenologia mediúcnica, no diuturno escopo de conhecer a permanente interação entre os Espíritos encarnados e desencarnados, observada nos mais variados fenômenos físicos e espirituais.

Este livro contém a revelação do caminho de um Mestre, que assim se tornou pela pureza de seus sentimentos fraternos e solidários com seus semelhantes, irmãos encarnados e desencarnados. Essa revelação possibilita a quantos sinceramente se proponham ao mesmo desiderato, assimilar anos de experiência e labor do pensamento de um Mestre espírita, e, finalmente, compreender o sentido teológico do Neo-espiritismo.

Caminho da Iluminação, como se denomina apropriadamente esta obra, é a esteira espumante e dinamizada do fluido de um trabalho eterno em prol da evolução espiritual humana, desenvolvido pelo autor no caminho que percorreu até o livro *Jesus de Nazaré — como ele foi. Como ele é*.

Este livro satisfaz o conhecimento daqueles leitores da obra *Jesus de Nazaré — como ele foi. Como ele é*, de como o autor chegou a compreensão daquele Mestre-mor, vislumbrando a religião do futuro, aquela que fará o homem universal e verdadeiramente cristão, porquanto Espírito eterno e tendo por seu único paradigma o Mestre Jesus, um homem como nós, Espírito de última encarnação terrena, que nos legou a verdade da vida, a despeito da divinização que lhe atribuem os teólogos, que barganharam a humanização de Deus (*in Jesus de Nazaré — como ele foi. Como ele é*, pág. 41).

A coletânea de pensamentos e ensinamentos, relatos de experimentos e casos espirituais, cientificamente comprovados, que este livro nos traz, demonstra a cabal sobrevivência dos Espíritos, revelando a importância do Espiritismo na compreensão do ser e da própria existência humana.

Tentar, pois, elaborar um prolegômeno ou falar sobre cada um dos temas dos artigos jornalísticos e palestras radiofônicas aqui reproduzidas, somente a outro Mestre caberia fazer, na medida em que, diante da eloquência e comunicabilidade da abordagem dos temas desta obra, a nós discípulos não resta senão o benfazejo e oportuno convite à leitura do livro.

Aldir Raimundo Moraes do Valle

APRESENTAÇÃO

Em 1985, a Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas — SEPE, editou, em forma de livros, vários artigos e palestras que o Dr. Penna Ribas, ao longo de vários anos, escreveu e proferiu em vários jornais e rádios na labuta de levar a todos ensinamentos capazes de proporcionar, aos que sinceramente os praticarem, saúde e paz. Dentre eles *Caminho da Iluminação* - volumes I e II, tratando de vários temas acerca do Mundo Espiritual.

Assim sendo, a SEPE, sempre buscando facilitar a compreensão das obras do autor, com o objetivo único de promover maior divulgação desses ensinamentos, agrupou-os por assunto.

Para este novo *Caminho da Iluminação*, o tema selecionado foi mediunidade, mostrando que o sentimento puro e o desejo lídimo de servir de instrumento, exclusivamente, aos bons Espíritos, leva-nos a caminhar em direção da luz, ao encontro da verdadeira felicidade.

SUMÁRIO

A Minha Conversão ao Espiritismo.	29
Bezerra de Menezes — o Apóstolo do Espiritismo	32
Escola para Doutrinadores	35
Falta da Escola de Médiuns	40
Iniciação antes do Desenvolvimento da Mediunidade....	47
Necessidade de “Iniciação”	54
A Preparação dos Médiuns	60
Das Dificuldades para a Formação dos “Grupos de Médiuns” — I	67
Das Dificuldades para a Formação dos “Grupos de Médiuns” — II ..	73
Das Dificuldades para a Formação dos “Grupos de Médiuns” — III .	78
Das Dificuldades para a Formação dos “Grupos de Médiuns” — IV ..	83
Médiuns Mistificadores & Médiuns Mistificados	88
Do Desenvolvimento Mediúnico	93
Considerações sobre a Mediunidade	99
Considerações sobre as Produções Mediúnicas	105
Em torno da Atividade do Espírito Durante o sono	110
A Respeito dos Sonhos Proféticos ou Mediúnicos	117
Desinteresse do Mundo Científico pelos Fenômenos Mediúnicos ..	123
Mensagens Espíritas	129
Considerações sobre as Mensagens Espíritas	134
Considerações sobre o Receituário Espírita	139
Considerações sobre as “Espiritopatias” I	145
Considerações sobre as “Espiritopatias” II.....	151
Considerações em torno da Sobrevivência dos “Mortos”	158

Considerações acerca das Aparições dos “Mortos”	163
Contudo, os Espíritos se Manifestam!	169
Comentários em torno das Superstições	174
A Respeito da Mediunidade Torturada	180
Os Dois Caminhos do Médiun	187

1

A MINHA CONVERSÃO AO ESPIRITISMO

O fato culminante na fenomenologia mediúnica é, incontestavelmente, a identificação dos Espíritos.

Ainda hoje, decorridos já tantos anos, eu me recordo, com profunda emoção, do momento crucial de minha conversão ao Espiritismo. Foi quando, através duma médium que tudo ignorava a respeito de minha família, pude conversar, pela primeira vez, com um Espírito desencarnado — o Espírito do meu avô materno!

Eu era, nesta época, muito jovem e estava recém-formado em Medicina. Materialista, com a cabeça povoada de sonhos e o coração repleto dos mais nobres sentimentos, vinha sentindo, no entanto, nas mais íntimas fibras do meu ser, quanto são falazes as teorias otimistas, que procuram dar ao homem a ilusão de que “querer é poder”.

A vontade, inegavelmente, é uma grande força propulsora na realização de todos os objetivos terrenos. Mas não é tudo. E eu percebia, claramente, que uma força superior dominava minha vontade e governava meu destino, da mesma forma que domina e governa o destino de todos os homens.

Era natural, portanto, que buscasse nas filosofias, e, sobretudo, nas filosofias religiosas, a explicação do mistério. Máxime porque a Ciência me revelara que uma potentíssima inteligência organizara o Universo com imensa sabedoria, e, no

entanto, o que eu via diariamente diante de meus olhos era uma humanidade sofredora, constituída de elementos heterogêneos, diferentes no sexo, na cor, na posição social, na inteligência e nas virtudes, tudo isso na mais flagrante demonstração de absoluta falta de senso de justiça por parte de nosso Criador!

Como conciliar, pois, o poder de Deus com a detestável injustiça revelada na disparidade dos destinos das miseráveis criaturas humanas?

Esse era, naquela ocasião, um dos problemas que me torturavam. Primeiro, porque não havia ainda obtido provas convincentes da existência do Espírito; segundo, porque, mesmo que a admitisse, para discussão, cairia forçosamente no dilema da “predestinação” e, por conseguinte, não me libertaria do pesadelo de ser governado por um Deus injusto!

O fato é que li muito e debati repetidamente com vultos representativos do Catolicismo e do Protestantismo os problemas filosóficos relacionados com o destino humano, sem chegar, infelizmente, a uma solução satisfatória, não obstante a erudição de alguns dos meus interlocutores.

Entretanto, o que me não puderam dar os livros, nem os religiosos com os quais discuti, deu-me uma enfermeira, de instrução primária apenas — a certeza, não só da existência do Espírito no homem encarnado, como, também, de sua sobrevivência à morte do corpo físico; e, mais do que isso, a convicção absoluta de que, quando separado do corpo, pela morte, o Espírito conserva sua identidade e pode ainda comunicar-se com os seres amados, que aqui ficaram cumprindo provas, se, porventura, dispuser dum médium com o qual possa sintonizar-se pela similitude do estado vibratório do perispírito de ambos e se houver permissão de seus respectivos Mentores Espirituais.

Foi o que aconteceu com o Espírito de meu avô materno, que, na vida encarnada, teve um nome tão extenso quanto magnânimo foi seu coração de médico filantropo, o Dr. Randolpho Augusto de Oliveira Penna.

Quando vi — oh! Maravilha da natureza — aquela tímida enfermeira, metamorfoseada, inesperadamente, na marcante personalidade de meu avô, que palestrou comigo mais duma hora, focalizando problemas íntimos, que só eu conhecia, e discutindo assuntos secretos da família, que a médium não podia, absolutamente, saber, não pude mais duvidar que estava, de fato, diante de meu avô, que, como amigo, vinha rasgar o véu que ocultava aos meus olhos espiritualmente míopes, o deslumbrante mundo dos Espíritos!

Foi assim, pois, pela certeza da sobrevivência e da comunicação do Espírito de meu avô, que cheguei à conclusão da existência do Espírito. Dado que foi este o primeiro passo em busca da verdade, não me foi difícil encontrar, na Lei da Reencarnação e na Lei do Carma, a solução racional da justiça de Deus, manifestada na diversidade dos destinos humanos!

Não oculto, porém, que o valor dessa prova é pessoal. Só eu mesmo posso ter a certeza de que falei com meu avô. Eu e mais oito pessoas de minha família, que, posteriormente, também falaram com ele, por intermédio da mesma médium.

Todavia, não faltam casos, na literatura espírita, em que a prova de identificação do Espírito do desencarnado pôde ser feita de modo mais objetivo pela permanência de documentos escritos, ou pela prova fotográfica, conforme demonstrei em outra oportunidade.

2

BEZERRA DE MENEZES — O APÓSTOLO DO ESPIRITISMO

Coincidindo a irradiação deste programa com a recente data do aniversário natalício de um dos Mentores da SEPE, nascido a 29 de agosto de 1831, no Estado do Ceará, é com forte emoção que, em nome da Diretoria, do Supremo Conselho e de todos que sentem palpitar, no coração, os formosos ideais sepeanos, queremos, neste momento, render pública homenagem a esse grande brasileiro, que, em vida, fora, talvez, o maior apóstolo do Espiritismo, em nossa pátria — Adolpho Bezerra de Menezes.

Inteligência brilhante e caráter ímpoluto, de estudante pobre e desprotegido, se fizera médico erudito e membro da Academia Nacional de Medicina; e de cidadão desconhecido, prestigioso representante das mais lídimas aspirações populares, reelegendo-se sucessivamente, pelo Partido Liberal, primeiro para o Conselho Municipal, e, em seguida, para a Câmara dos Deputados, deixando, de sua passagem pela vida pública, valiosas contribuições para o progresso de nossas instituições e, acima de tudo, raros exemplos de independência moral e dum caráter sem jaça.

Contudo, não é ao médico dos pobres, nem ao talentoso parlamentar, que desejamos testemunhar nosso apreço e nossa gratidão: é ao venerável doutrinador, que, convertido ao

Espiritismo em idade provecta, contra seus interesses materiais, consagrou o resto de sua valiosa existência à causa que, com tanto entusiasmo, abraçou contribuindo, poderosamente, para incrementar o prestígio da Filosofia Kardequiana, numa época em que a Igreja Católica estava ligada ao trono e o espírito corria o risco de ser, senão apedrejado, pelo menos apupado, na via pública! Sem embargo, a Bezerra de Menezes não faltou a determinação para afrontar os preconceitos sociais e religiosos, e, de líder católico que fora, uma vez convertido ao Espiritismo, superou o seu dignificante passado de homem público, engrandecendo-se como autêntico paladino do Espiritismo, a militar, diuturnamente, na verdadeira caridade cristã mediante o socorro médico gratuito à pobreza, e a debater, através da imprensa e da palavra, os princípios da Doutrina que abraçou!

E quando, após os anos de luta que cercaram sua gloriosa velhice, a morte o despojou do corpo depauperado e paralítico, o valoroso combatente não se deixou empolgar pelos galardões que lhe couberam no Além — continuou bem junto de nós, animando aqui e acolá, os confrades, que, como ele, sabem colocar a Doutrina acima de tudo, convictos como estão de que ao Espiritismo caberá, fatalmente, a glória de reunir, no futuro, toda a humanidade numa só família, ensinando os homens a viverem como verdadeiros irmãos!

É de inteira justiça, portanto, a admiração e a confiança que os espíritas brasileiros dedicam ao iluminado doutrinador. E, para consagrá-lo, bastariam as obras que nos deixou, destacando-se, dentre elas, pelo arrojo da tese *A Loucura Sob Novo Prisma*, onde se abre novo capítulo à Medicina, e *Estudos Filosóficos*, onde a erudição e o talento do consagrado doutrinador nos legaram a mais perfeita exposição, até hoje publicada entre nós, do estudo comparativo entre a Doutrina Católica e a Doutrina Espírita.

Por todos esses excepcionais méritos, e, sobretudo, pelo desvelo com que esse abnegado Mentor assiste à nossa querida SEPE, sentimo-nos felizes, pela oportunidade que se nos depara de testemunharmos publicamente o nosso imenso apreço e imorredoura gratidão ao iluminado Espírito de Bezerra de Menezes, implorando a Deus que o recompense por tudo que tem feito não só por nossa instituição, como por muitas outras congêneres, nesse glorioso rincão da América, que é o nosso estremecido Brasil!

3

ESCOLA PARA DOCTRINADORES

A maior desgraça do Espiritismo tem sido a de não ter podido contar, até hoje, com um número suficiente de doutrinadores.

Freqüente como é, presentemente, a mediunidade desequilibrada, ou torturada, conforme a denominou André Luiz, através da psicografia de Chico Xavier, é natural que grande massa de sofrendores, considerados neuróticos ou psicopatas pela Medicina terrena, convirja diariamente para os Centros Espíritas em busca de lenitivo para certos males de misteriosa etiologia, onde a terapêutica dos homens costuma fracassar espetacularmente, em contraste com a medicina dos Espíritos, que tão belas curas proporciona a esses enfermos.

E pouco lhes importa que, ao saberem da cura, os médicos, desapontados, invoquem os mais eruditos argumentos para explicar a razão da cura em ambiente espírita. O que lhes interessa é que aquilo que não conseguiram no consultório médico, obtiveram, gratuitamente num Centro Espírita. Tornam-se, dessa maneira, espíritas por gratidão. De Espiritismo, porém, pouco saberão, se não estudarem a Filosofia Espírita, ou se, ao menos, não receberem reiteradas instruções de competente doutrinador.

Ora, contrariamente ao que acontece com as diversas religiões e filosofias, no Espiritismo, em virtude de falso conceito de tolerância e de fraternidade, qualquer orador de beira de calçada se arvora em doutrinador, e esparrama a confusão, desfigurando impunemente a Doutrina, com as mais estapafúrdias interpretações dos fatos e dos princípios. E se, porventura, o presidente da sessão, apavorado com a deturpação dos postulados doutrinários, lembrar-se de cassar a palavra de importuno trapalhão, arriscar-se-á a ser tachado de prepotente, porque não teve “caridade” com o intrujão, que, por vaidade, vertia pernicioso verborrhagia sobre um auditório boquiaberto, conturbado com o desconcertante mistifório...

O pior, porém, é que, muitas vezes, seja por falta de coragem para romper com esse estulto preconceito, que nivela a tolerância com a conivência, seja por lamentável incompetência, o dirigente da sessão não tuge nem muge, permanecendo calado como uma múmia, enquanto o improvisado pregador completa a saturação do ambiente, com a soporífera arenga, que lhe inspirou a mórbida fatuidade.

A conseqüência desse estranho método de divulgação doutrinária é a tremenda confusão imperante no seio do Espiritismo, onde as práticas mais antagônicas se misturam ostensivamente, em chocante promiscuidade.

É assim que antigos freqüentadores do Espiritismo, embora se considerem espíritas, continuam a adorar as imagens nos Templos Católicos, persistem no absurdo hábito de fazer promessas e de acender velas, conservam santinhos ao pescoço, casam-se no religioso, batizam os filhos e, até, mandam rezar missas em ação de graças! Outros, fazem isso tudo, e mais — vão à cartomante e à macumba!

Como se vê, tais criaturas, não obstante freqüentarem o Espiritismo, e a despeito de se dizerem espíritas, não assimilaram a Filosofia Espírita, de vez que dão contraditório testemunho da Doutrina que apregoam praticar.

Entretanto, essa situação, verdadeiramente calamitosa para o prestígio do Espiritismo, seria superada, sem grande dificuldade, se cada Centro se tornasse, antes de tudo, uma escola de Filosofia Espírita.

Mesmo porque a caridade, quando praticada sem discernimento, transmuta-se, quase sempre, em verdadeiro atentado à caridade, por isso que concorre para incrementar a tendência à exploração, que é ingênita em certas criaturas inescrupulosas.

E não se diga que o fato é excepcional no seio do Espiritismo. Ao contrário, é exatamente nos ambientes espíritas que a exploração mais frondece, em virtude da propensão natural de todo espírita para praticar, espontaneamente, os mais edificantes atos de fraternidade!

É verdade que, de quando em quando, se nos deparamos confrades, que, não obstante serem criaturas de poucas letras, praticam o Espiritismo com mais fidelidade do que certos doutrinadores. Isso, porém, é uma exceção; e não é com exceções que se fazem as regras. Todos nós, reencarnacionistas, sabemos que um Espírito que, embora sem cultura, absorve facilmente a Filosofia Espírita, e aceita, como norma de vida, os seus princípios morais, é, certamente, um Espírito de vastas experiências passadas, já amadurecido para a compreensão duma verdade maior, posto que, na presente encarnação, por motivos justos, esteja, provisoriamente, privado de cultura intelectual, para sua humilhação.

De um modo geral, no entanto, a transformação do neófito em adepto se processa na proporção do nível de compreensão que pôde alcançar. Quanto mais compreende, mais sente a Doutrina no coração.

Urge, pois, que se estimule, nos Centros Espíritas, o gosto pelo estudo da Filosofia Espírita transformando-se, assim, em autênticos espíritas todos os freqüentadores de sessões, e, principalmente, os médiuns. Se, acaso, o presidente de determina-

do Centro não possuir o dom da palavra, ou não souber doutrinar, deve pôr o orgulho de lado, e, pelo amor que consagra à Doutrina, atrair, para o Centro que dirige, doutrinadores capazes; pois há muitos confrades cultos, que não participam do movimento espírita porque não concordam com o que se observa na maioria das sessões. O que não se compreende é que, por mera vaidade, o dirigente dum Centro prefira achincalhar a Doutrina com ostensivas exibições de ignorância, preferindo à orientação de um confrade estudioso e esclarecido, os conselhos duvidosos de médiuns desequilibrados e mistificadores, que, sem prévio estudo doutrinário e sem a devida preparação moral, foram colocados, intempestivamente, na mesa de desenvolvimento, e, por isso, tiveram como “desenvolvedores” os próprios Espíritos que os perturbavam, quando, em desespero de causa, procuraram o Centro.

Não, meus prezadíssimos confrades, o Espiritismo não pode continuar no pé em que está: é preciso salvá-lo da ignorância, expungindo-o de práticas atrasadas e de credices obsoletas, reintegrando-o no seu verdadeiro papel de vanguardeiro do progresso espiritual da humanidade. Mas, para tamanha empresa, necessário se faz amplo movimento de renovação cultural em nossa grei — não vejo outro caminho. E, por isso mesmo, desde quando fui presidente da Federação Espírita do Estado do Rio, me venho batendo em prol da organização de cursos para doutrinadores — única maneira pela qual se poderá melhorar o padrão do ensino doutrinário e elevar o Espiritismo à altura a que faz jus. E mal me desvencilhei dos compromissos assumidos temporariamente com a Federação fundei a Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, onde com sacrifício da saúde e avultados prejuízos materiais, tenho tentado superar as defecções e vencer as incompreensões, para implantar, definitivamente, uma verdadeira escola de Filosofia Espírita, onde cada “sepeano”, pela palavra e pelo exemplo, — mais pelo exemplo do que pela palavra, — possa transformar-se em autêntico paladino do progresso do Espiritismo.

Em que pese a preferência da humanidade atual pelos ambientes de cultos primitivos, onde se barganha a felicidade ao preço de “trabalhos” e de “despachos”, como se as leis de Deus pudessem ser sustadas para satisfazer aos caprichos dum macumbeiro, em que pese essa preferência, repito, certo estou de que o meu ponto-de-vista é partilhado por muitos confrades, sobretudo por legítimos líderes do Espiritismo, como é o caso do meu prezado amigo, o escritor Deolindo Amorim, um dos idealizadores do Instituto de Cultura Espírita, cuja finalidade está de tal forma implícita em sua própria denominação que dispensa maiores especificações.

De toda forma, urge que os responsáveis pelas entidades que lideram o movimento espírita em nossa pátria dediquem maior atenção ao problema, esmagando o tabu de que no Espiritismo não há mestres, como se no Espiritismo não houvesse nada a ensinar, ou como se não existisse ninguém com desejo de aprendê-lo. Porque a verdade é essa: onde quer que haja alguém que saiba e alguém que queira saber, sempre haverá um mestre e um discípulo, pouco importando a matéria, a arte ou o ofício que se ensina, ou que se aprenda. O que não se compreende é que, por inadmissível tolerância dos que conhecem, de fato, a Doutrina Espírita, doutrinadores improvisados e de vida duvidosa se arvorem em orientadores dos que, cruciados pelas provações, buscam explicação e conforto moral na “Filosofia dos Espíritos”. Porque da má orientação, e, sobretudo, do mau exemplo, podem redundar — e redundam muitas vezes — graves conseqüências para aqueles que, indo ao Espiritismo cheios de esperanças, saem do seu contato com a alma crestada por terrível decepção!

Que se organizem, pois, enquanto antes, nas instituições representativas do Espiritismo, como medida profilática contra a deturpação da Doutrina, as escolas de doutrinadores — tão indispensáveis quanto as escolas de médiuns à vitória definitiva do Espiritismo!

4

FALTA DA ESCOLA DE MÉDIUNS

Discutindo, há muitos anos, quando me encontrava no esplendor da mocidade e no auge do entusiasmo proselitista, com distinto confrade, que, decepcionado, vinha de abandonar o convívio dos companheiros de ideal, decidido a não voltar nunca mais a nenhum Centro Espírita, tantas foram as mistificações que observara no último que freqüentara, ouvi, com o coração amargurado, da própria boca de meu interlocutor desencantado, terrível sentença que jamais se me apagou da memória e de cuja veracidade infelizmente me certifiquei decorridos apenas alguns meses: “O Espiritismo, doutor, é mesmo uma maravilha — disse-me ele — mas os médiuns é que são a desgraça de nossa Doutrina!”

Ora, sabido como é que toda a Filosofia Espírita fora estruturada pelo gênio de Allan Kardec com a matéria-prima que lhe forneceram alguns médiuns, a primeira impressão que se tem é que semelhante conceituação é de berrante incoerência; pois parece inconcebível que os próprios fautores duma obra constituam empeco ao seu progresso. Mas, infelizmente, por paradoxal que se nos afigure, a sentença do espírita desiludido é, no estado atual de evolução da Doutrina Espírita, uma dolorosa realidade! Nota-se, desgraçadamente, tremendo contras-

te, entre os belíssimos ensinamentos da Filosofia Espírita e a chocarrice das manifestações mediúnicas geralmente observadas. Vê-se, por toda parte, a mensagem fingida, dada, muitas vezes, com finalidade inconfessável, por médiuns sem caráter, que não têm a menor noção do que seja ser espírita! E quantas vezes criaturas sofredoras chegam a certos Centros sedentas de paz, e encontram, na mistificação de médiuns mentirosos, a agravação de suas desditas! Entretanto, nenhuma responsabilidade cabe aos Espíritos por este descabro. A Doutrina é clara, positiva, decalcada sobre fatos irremovíveis. Não se pode incriminá-la pela audácia dos aventureiros, que, dotados de faculdades supranormais, deturpam as manifestações propositalmente, movidos, muitas vezes, apenas por estulta vaidade, mas guiados, também, não raro, por interesses escusos. Porque, a verdade é essa: quer tenham agido impulsionados pela vaidade de aparentar dotes espirituais que não possuem, quer tenham procedido prosaicamente arrastados por conveniências subalternas, tais médiuns estão ferindo frontalmente os postulados morais do Espiritismo. Não são espíritas, portanto: são perturbadores do movimento espírita, que devem ser soerguidos moralmente pelos ensinamentos doutrinários, nas Escolas de Médiuns, que todo Centro Espírita deveria ter.

Com efeito, o fator preponderante da calamitosa freqüência com que se nos deparam as falsas mensagens espíritas, reside na incúria de muitos dirigentes de sessões espíritas, que, sem prévio preparo moral, colocam à mesa de desenvolvimento mediúnico, qualquer criatura que, arrebatada no turbilhão do sofrimento humano, arriba, casualmente, nos Centros que orientam; ou melhor — que desorientam!

É fato de observação que a maioria das pessoas que aportam no Espiritismo são náufragos do imenso oceano das provações terrenas, exaustas, já, de pedir socorro aos médicos e às

religiões, sem que nenhum auxílio eficiente lhes pudesse ter sido dado, e que vislumbraram, finalmente, na Doutrina Kardequiana, a esperança de um mar bonançoso, que poderão singrar, com segurança, confiantes de que alcançarão o porto da salvação. São, quase todas essas criaturas, médiuns torturados pelos desequilíbrios nervosos inerentes à mediunidade descontrolada. Angustiados por cruciantes sintomas subjetivos, atormentados por medonhas sensações, aniquilados por fobias execráveis, estes médiuns, que não encontraram lenitivo na terapêutica dos médicos, nem sentiram conforto espiritual nas nebulosas interpretações teológicas de seus preceptores, são, de fato, vítimas ocasionais das próprias faculdades maravilhosas que possuem: sofrem, no momento, as conseqüências de permanente irradiação mental de Espíritos sofredores, que retêm em seus corpos espirituais, em seus perispíritos, apreciável cota de fluido vital que animou seus centros nervosos durante a encarnação terrena, fluido vital esse que é, em última análise, o substrato mesmo de todas as sensações que possuímos. Retendo, pois, em seus perispíritos, fluidos vitais específicos das diversas sensações da vida corporal, não é para admirar que, embora desprovidos de órgãos materiais, os Espíritos sofredores acusem sensações como dor, frio, calor, fome, sede, dispnéia, etc. E, em acusando tais sensações, se irradiarem, reiteradamente, seu pensamento sobre um médium qualquer, não é para estranhar que, ao cabo de certo tempo, esse médium venha a sentir todas as sensações que lhe foram transmitidas, telepaticamente, pelo Espírito sofredor. Numerosas experiências de “sugestão mental”, que se poderiam, talvez, denominar com mais propriedade de “subjugação mental”, porque nelas não existe absolutamente sugestão, — comprovam que um homem desde que seja hipnotizador, isto é, desde que possua certa radiação particular, pode, só pela ação de seu pensamen-

to, sem proferir palavra, sem sugerir coisa alguma, contra a vontade do sensitivo, não só dominar sua motricidade e sua sensibilidade, como, até, alterar sua personalidade, obrigando-o à prática de atos revoltantes, forçando-o, por exemplo, a representar o humilhante papel de autêntico vira-lata, a caminhar de quatro pés, a ladrar ou a ganhar ao sabor da vontade do hipnotizador... Sei perfeitamente que tais casos são muito raros porque dependem de dois fatores que nem sempre se conjugam: da potência psíquica do hipnotizador e da sensibilidade do *sujet*. Se forte for a radiação do hipnotizador e débil a sensibilidade do “receptivo” — nada feito; se, por outro lado, sensibíllissimo for o receptivo, ou o *sujet*, como dizem os franceses, e fraca se revelar a radiação mental do hipnotizador, negativo será, outrossim, o resultado. Por isso mesmo, os casos positivos, insofismáveis são muito raros. Por mais raros que sejam, no entanto, bastam para demonstrar o poder fantástico que, sob certas condições, o pensamento de um homem pode exercer sobre o corpo e o Espírito de outro, e isto, sem necessidade de sugestão de espécie alguma — contrariamente, portanto, ao que quis universalizar a escola de Nancy no fim do século passado, e de acordo com o empirismo dos antigos magnetizadores, tantas vezes ridicularizados pelos teóricos de gabinete, que preferiram combater do que verificar com os próprios olhos.

Mas demonstrado como está atualmente a formidável influência da radiação mental de certos indivíduos sobre os sensitivos, torna-se fácil compreender a tremenda ação que um Espírito sofredor, um Espírito atrasado, portanto, pode exercer sobre o corpo e a personalidade de um médium. É só transmutar os papéis dos personagens, porque o Espírito sofredor está para o hipnotizador como o médium está para o sensitivo. Se o hipnotizador pode provocar, sem sugestão, e, com sugges-

tão, melhor ainda, uma doença artificial, uma paralisia psíquica, uma crise de vômitos, acompanhada de todo o cortejo sintomático da intoxicação pela ipecacuanha, por exemplo, só pela afirmação verbal, ou, o que é mais importante, só pela “subjugação mental”, impropriamente chamada “sugestão mental”, se o hipnotizador, repito, pode só pela ação de seu pensamento, causar uma “doença artificial” no sensitivo que adormece, não há de que admirar que um Espírito sofredor, que possui pensamento e radiação mental, também possa, em certas circunstâncias, provocar uma doença artificial nos médiuns dos quais se aproximam, angustiados por terríveis sofrimentos e dominados pelo desejo de se comunicarem com os seres queridos, que permaneceram neste mundo. Toda gente pode calcular o que deve ser a Vida Espiritual para quem não está preparado. Não deve ser nada agradável a uma pessoa afetuosa e muito ligada às criaturas terrenas ver-se, de repente, privada de todos os órgãos de comunicação como os seres queridos. Se, por ventura, for advertida de que por intermédio de determinado médium ela poderá comunicar-se com os amigos deste mundo, dificilmente um Espírito, nessas condições, deixará o médium em paz antes de ter logrado seu desiderato. E, enquanto isso, o médium está sofrendo os efeitos da radiação mental do Espírito sofredor, de tal modo que, a pouco e pouco, se esboça, no médium, toda a sintomatologia clínica que levou o Espírito à morte do corpo físico.

Fato conhecido desde épocas imemoriais, tem sido sistematicamente negado pela Medicina científica. Negado *a priori*, porém, sem provas decisivas. Provas decisivas existem, isto sim, de que microorganismos de várias espécies são responsáveis por diversos estados mórbidos. Mas não existe, absolutamente, nenhuma prova científica de que os Espíritos dos mortos não podem, também, causar estados patológicos. A afirmação

duma verdade, não exclui a outra. São verdades paralelas, que se não destroem; e já era tempo da Medicina ocupar-se com o assunto, porque ele está adstrito à órbita das atividades profissionais, não devendo, portanto, permanecer ao sabor das especulações dos charlatães. É essa, aliás, uma das revoluções que o Espiritismo com o estudo das Espiritopatias fatalmente fará nos vastíssimos domínios da Ciência médica. Enquanto a Ciência não delibera, porém, acumulam-se fatos, que demonstram, decisivamente, a influência dos Espíritos sofredores na etiologia de certos estados patológicos. Muitas vezes já observei casos como este: um indivíduo aparentemente psiconeurótico vai, pela primeira vez, a um Centro Espírita; não conhece ninguém ali; foi por indicação dum amigo, mas não teve oportunidade de falar com o presidente da sessão, nem com médium algum; tudo de sua vida é mistério para todos os presentes; de repente, um dos médiuns principia a queixar-se na mesma linguagem e dos mesmos males que ele, e, simultaneamente, desaparecem-lhe todos os sintomas, sentindo-se, instantaneamente, curado, sem compreender por quê. Em seguida o Espírito que está a manifestar-se, ou o que se comunica através dos órgãos vocais do médium, conta suas angústias, desde que desencarnou, identificando-se perante o auditório. Doutrinado que seja tal Espírito, concordando em afastar-se do médium, curada está a Espiritopatia. E curada numa noite, sem prévia sugestão, nem qualquer outro método terapêutico conhecido nos meios científicos. Ora, centenas de fatos semelhantes ao que acabo de apontar, registrados no mundo inteiro, comprovam fartamente que os Espíritos, de fato, podem, à guisa dos micróbios, provocar enfermidades de várias ordens, de vez que os Espíritos sofredores transmitem moléstias que apresentam o mesmo quadro das doenças que os vitimaram. Donde se conclui que os Espíritos podem causar enfermidades semelhantes a todas as doenças conhecidas, e, talvez, muitas outras, ainda desconhecidas.

O grande caso, porém, é que: o indivíduo que chega a um Centro Espírita com um quadro mórbido provocado por Espíritos sofredores não pode, absolutamente, merecer confiança como médium, enquanto não se reformar totalmente pelos ensinamentos morais da Doutrina. E, no entanto, é regra, na maioria dos Centros, convidar tais médiuns para desenvolverem suas faculdades mediúnicas, sem lhes darem, primeiramente, nenhuma orientação a respeito da responsabilidade moral que pesa sobre os médiuns, como aparelhos que devem ser dos Espíritos instrutores, que desejam a evolução da humanidade pela compreensão mais clara das divinas leis que regem os destinos de todas as criaturas.

Ora, se em muitos Centros não se cuida dessa instrução prévia dos médiuns, não é para admirar que numerosas mistificações existam por aí afora a desencantar criaturas de bom caráter, como o confrade de quem vos falei, que não admitem de forma alguma a mentira, venha em nome de quem vier.

Sei de ciência própria, por “um saber todo de experiência feito”, como disse o vate dos *Lusíadas*, que a maioria dos médiuns torturados que procuram os Centros Espíritas não querem nada com ensino moral, mas visam, apenas, libertarem-se de seus padecimentos. Vão para a mesa de desenvolvimento com o espírito preconcebido — querem saúde e felicidade. E se lhes enganaram que o caminho é abrir as portas da mediunidade, que se arrombem tais portas, pouco importa, porque o essencial é que alcancem os fins que o levaram ao Centro. Com tal mentalidade, só se obtém médiuns desequilibrados e mentirosos, que comprometem a Doutrina diante dos que a ignoram, retardando, assim, a sua expansão.

5

INICIAÇÃO ANTES DO DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

Estranham alguns irmãos — continue eu a insistir na necessidade de “iniciação” dos médiuns, quando nas obras Kardequianas nenhuma menção se faz ao fato.

Estranhar deveria eu, que, decorrido já um século de prática diária, ainda haja dirigentes de Centros que se não aperceberam dessa gravíssima lacuna deixada nas obras básicas de Allan Kardec.

Sem ter a veleidade de arvorar-me em intérprete do pensamento irrevelado do Mestre, a mim se me afigura, não obstante, que, muito de propósito, omitiu ele certos ensinamentos, com receio de prejudicar sua obra. O fulgor da revelação que ele esparziu sobre a humanidade, num século corroído pelo cepticismo religioso e pelo materialismo científico, se fosse excessivo, invés de atrair prosélitos, provocaria a fuga espavorida daqueles que, agarrados, ainda, aos destroços das crenças espatifadas pelo impacto do progresso, se vissem, de repente, surpreendidos por coruscante clarão espiritual, a espancar as trevas que os envolvem. Temerosos duma cilada do inimigo, entrariam em pânico, e tapariam os olhos, para não verem o caminho de sua própria ascensão espiritual!

Se, entretanto, válida não for tal explicação, não há estranhar o silêncio de Allan Kardec; nem se pode inferir de seu alheamento ao problema da iniciação, que seus discípulos estejam obrigados a pensar da mesma forma.

A Doutrina Espírita não foi empalhada com dogmas, e não deve ficar mumificada numa vitrine de museu. Ao contrário, é uma Doutrina dinâmica e progressiva, essencialmente evolutiva. Corrige-se e dilata-se à medida que se dilatam e se corrigem os conhecimentos humanos. Enriquece-se e aperfeiçoa-se, gradativamente, à proporção que os Mensageiros do Além, por meio de provas convergentes, vão ampliando os ensinamentos doutrinários. Como se fora infinito espectro de luz, a mente divina vai multiplicando e alargando as faixas da revelação, à medida que a inteligência do homem, desenvolvida numa luta multissecular, adquire receptividade para captá-la, e absorvê-la, em proveito de seu Espírito imortal.

Eis por que muitas coisas, que não estão explicitamente mencionadas nas obras de Allan Kardec, são conhecidas, atualmente, por seus discípulos.

E, como exemplo, cito os esclarecimentos trazidos pelas mensagens de André Luiz, através da prodigiosa mediunidade de Chico Xavier; ensinamentos que, inegavelmente, ultrapassaram tudo o que, a respeito da Vida Espiritual, fora esboçado pela mão do fundador do Espiritismo. Digo mais — ensinamentos cujo alcance não foi devidamente aquilatado por muitos irmãos, e, quiçá, pelo próprio médium, que deixou jorrar sobre a Terra aquela maravilhosa cascata de luz, produzida pela munificência de um grande trabalhador do Além!

E nenhum desdouro existe neste fato. Allan Kardec, como é notório, não foi médium, na verdadeira acepção do termo. Entrando em contato com os fenômenos espíritas quando já contava com cinquenta anos de idade, ainda que o quisesse,

pouco teria logrado em matéria de desenvolvimento mediúnico, cuja fase ideal não deve afastar-se muito da época da puberdade.

Exceção feita para alguns fenômenos tiptológicos, por ele consignados numa de suas obras — e isso numa ocasião em que um dos seus Instrutores desejava adverti-lo a respeito da corrigenda dum texto do *Livro dos Espíritos* — nada deixa entrever, em seus escritos, fosse ele dotado de faculdades supra-normais. Aliás, o próprio caso que venho de citar é um desmentido formal à hipótese contrária. Se Allan Kardec pudesse captar, diretamente, o pensamento dos Espíritos, seu Guia nenhuma precisão teria de andar a provocar ruídos nos móveis, numa vã tentativa de com ele se comunicar, sendo ao cabo de tudo, obrigado a aguardar a oportunidade em que o Mestre se pôs em contato com um médium de sua confiança, para que, afinal, lhe pudesse explicar, claramente, o sentido da manifestação tiptológica.

Não é nenhum mistério que Allan Kardec obteve as provas da sobrevivência e as instruções concernentes à Vida Espiritual por intermédio de meia dúzia de médiuns, pertencentes a diferentes credos, e dotados de caráter ilibado, o que constituiu seguro penhor para solidificar a confiança de todos na autenticidade das manifestações. Sabe, também, toda gente que lê o Espiritismo, que a Filosofia Espírita foi criteriosamente construída, à custa de laborioso trabalho seletivo, com o colossal acervo de mensagens, que, diariamente, chegavam às mãos do Codificador, oriundas das mais diversas fontes; mensagens que, no conjunto, formaram o indestrutível corpo de provas para as verdades que o Espiritismo propala.

Pelo fato, pois, de não ter sido médium, não perdeu Allan Kardec a autoridade para realizar a codificação. Ao contrário, maior força moral pôde ter diante do mundo intelectual, para quem o médium era, como é ainda hoje para muitos, histérico ou degenerado. E considerado degenerado ou histérico, que prestígio teria tido Allan Kardec para que seu trabalho fosse levado a sério pelos homens de bom senso?

Conceituado, ao contrário, como era, por suas excelentes qualidades morais e por sua brilhante vocação ao magistério, armado estava Allan Kardec de respeitável força moral para arrostar galhardamente a fúria de adversários rancorosos; ao passo que, se se tivesse tornado médium afamado, naquela época, sua Doutrina, na melhor das hipóteses, seria recebida pela população de Paris, e, talvez, do mundo inteiro, com estrondosa gargalhada!

Lucrou, portanto, o Espiritismo, em certo sentido, com o fato de não ter sido médium o codificador da Doutrina; mas, noutro sentido, não deixou de ser prejudicado, porque, se Allan Kardec tivesse sido médium, com as virtudes e talentos que possuía, talvez nos houvesse legado um patrimônio muito mais valioso do que o que nos doou, embora, com isso, a expansão da Doutrina se retardasse, tão inacreditáveis se afigurariam aos cépticos seus ensinamentos.

Analisada serenamente, desses diferentes ângulos, a glória de Allan Kardec não sofre o mínimo arranhão, e justificada fica sua aparente negligência em relação à iniciação dos médiuns.

Coube, no entanto, a Léon Denis, o maior filósofo do Espiritismo, o mérito de haver chamado a atenção dos espíritas para o imenso valor das “escolas iniciáticas”. Lamento, porém, que os conceitos luminosos que estampou em *No Invisível* não tenham tido, até agora, a merecida repercussão. Poucas “escolas de médiuns” existem até hoje. E quando apareceu um iluminado, como Bezerra de Menezes, que tentou fundar, na Federação a primeira “escola de médiuns” do Brasil, Espíritos maléficos trabalharam para destruir, no nascedouro, o sonho do missionário, substituído, pouco depois, na presidência da Federação, por outro médico eminente, mas in-fenso àquele ideal!

Infelizmente, com exceção da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, por mim idealizada e fundada, não conheço nenhuma instituição que, em seu Estatuto, haja colocado uma cláusula que torne a “escola de médiuns” órgão obrigatório, para a seleção dos médiuns. E é de se lamentar. Porque, a miúdo, encontramos médiuns, que, em plena fase de desequilíbrio da mediunidade, apresentando o quadro proteiforme das psico-neuroses, são convidados a desenvolver suas faculdades supranormais, sob a alegação de que, em se desenvolvendo, a doença cessará. Não há, com efeito, maior erro. O mistério do desenvolvimento mediúnico resume-se, em grande parte, na sintonização das vibrações do perispírito do médium com as vibrações do perispírito do Espírito que o vai desenvolver. Ora, nas qualidades das vibrações do perispírito se refletem, fielmente, as qualidades morais de cada espírito. Um médium torturado por cruciantes sintomas subjetivos, angustiado por uma enfermidade que poucos compreendem e a maioria menospreza dizendo-lhe que não é nada, que é “nervoso”, apenas, e que deve reagir, quando ele sabe, de fato, que não tem forças para lutar sozinho, agravando-se, por conseguinte, a sintomatologia subjetiva com a humilhação e a vergonha provocadas pelos que não o souberam confortar. Um médium, nessa compungente situação, nunca poderia emitir vibrações perispirituais sintonizáveis com as vibrações de paz e de felicidade, de um Guia Espiritual. Pelo contrário, se a origem de sua enfermidade não foi o constante bombardeio de seu “fluido vital” pelas radiações psíquicas de um Espírito desequilibrado; se não se trata de um caso de Espiritopatia ou atuação espiritual, como se diz geralmente; se seu mal sobreveio, ao contrário, de desequilíbrios neuro-glandulares, por infecções microbianas, choques emocionais, ou transgressões no regime de vida, ou por tudo isso reunido, de qualquer forma, a tendência será para às

causas materiais e psíquicas, se sobrepor a causa espiritual. Pois, como sabem todos os espíritas, a lei que rege as relações entre os Espíritos, e que os grupa em sociedades congêneres, é a “lei de afinidade espiritual” afinidade que se computa pela qualidade dos fluidos que existem em cada perispírito, ou, noutros termos, afinidade que se manifesta pela sintonização das vibrações do perispírito de um Espírito com o perispírito de outro. Na hipótese, a sintonização só se poderia dar com o perispírito de um Espírito tão sofredor quanto o médium psico-neurótico. Colocado, pois, na mesa de desenvolvimento mediúnico, seu desenvolvedor seria fatalmente um Espírito sofredor, provavelmente o que já o vinha desenvolvendo dia e noite, em angustiante tentativa para apossar-se de seu equipamento mediúnico. Desenvolvida com Espírito sofredor, desequilibrada estaria, por muitos anos, a mediunidade, com sério risco para a saúde do médium, sobretudo para seu equilíbrio mental. Além disso, um médium dessa espécie, jamais poderia servir de instrumento à manifestação dos verdadeiros Instrutores do Além. Na melhor das hipóteses, transmitiria mensagens de “africanos” ou de “caboclos”. As formas mais interessantes da mediunidade estariam, irremediavelmente, perdidas! E é isso que, desgraçadamente, acontece a cada passo, em vários Centros. Por isso mesmo, oitenta por cento das manifestações mediúnicas são grosseiras mistificações. Tudo seria mudado, no entanto, se os médiuns que procuram os Centros Espíritas soubessem certas coisas que se ensinam, ou que se devem ensinar, nas “escolas de médiuns”. Se soubessem, por exemplo, que, para ser bom médium, é necessário, em primeiro lugar, perfeito equilíbrio psicossomático; e que, além da mais rígida moral, o médium tem o dever de manter o equilíbrio da vida emocional, e de seguir um regime de vida que lhe garanta saúde tão perfeita quanto possível.

Os alimentos, por exemplo, devem ser rigorosamente selecionados, evitando-se os que sobrecarregam o aparelho digestivo, como medida protetora da energia electromagnética dos gânglios nervosos, pois, além da função fisiológica, essa energia representa importantíssimo papel na fenomenologia mediúnica.

Por outro lado, o médium deverá acordar sistematicamente de madrugada e fazer, diariamente, um passeio a pé, em jejum, entre 5h30min. e 6h30min. para aproveitar o ozônio, que, neste horário, abunda na atmosfera, e que é, além de valioso catalisador biológico, acelerador das trocas orgânicas, precioso elemento para a recomposição do perispírito.

Outro ponto importantíssimo: o médium não poderá ter vício de espécie alguma. Não poderá fumar, porque a nicotina afeta as sinapses dos neurônios, altera o “fluido vital” dos nervos, tornando-o, como médium, um aparelho de pouca eficiência, para dar “passes”, ou para “fluidificar” a água. Além disso — é lei — o médium que fuma tem sempre a rodear-lhe Espíritos viciados, angustiados para absorverem as emanções de seu corpo, na esperança de saciarem o desejo de fumar...

Também não poderá beber o médium que quiser possuir boa assistência espiritual. Porque, neste caso, mais graves serão as conseqüências para a saúde e piores ainda os prejuízos espirituais, pois os companheiros invisíveis do médium beberão são Espíritos perigosos, desequilibrados emocionalmente, que facilmente o arrastarão ao hospício ou à cadeia.

Da mesma forma, o jogo deve ser interdito ao médium. Pois, a par dos distúrbios nervosos provocados pelas emoções, o jogo, acarreta, sempre péssima assistência espiritual, que, na maioria das vezes, leva o médium a degradação.

Além disso, o médium, para ter boa assistência espiritual, terá de destituir-se de todos os defeitos graves, como o orgulho, a vaidade, o ciúme, o rancor, a cobiça, tudo, enfim, que lhe possa criar no perispírito um campo magnético favorável à imantação com Espíritos atrasados.

Há mais ainda, e melhor. Tudo, porém, deverá constituir o programa das “escolas de médiuns”, para que, no futuro, os médiuns sejam muito mais espiritualizados do que os atuais e as mensagens por eles transmitidas muito mais elevadas do que as do presente. Nesse dia, a mistificação terá sido escorraçada dos Templos Espíritas, e a verdade refulgirá com tanta intensidade que converterá o mundo à Doutrina dos Espíritos!

6

**NECESSIDADE
DE "INICIAÇÃO"**

A conceituação do Espiritismo oscila, atualmente, entre dois extremos: uns, querem-no exclusivamente Ciência; outros, somente Religião. Nem uns nem outros, porém, o definem fielmente. Porque, na verdade, o Espiritismo nem é Ciência, nem é Religião — é filosofia religiosa. Filosofia — porque seu conteúdo doutrinal consiste na sistematização de postulados que imprimem peculiar sentido à vida e ao Universo; religiosa — porque, dentro do sistema, estão formuladas leis morais, que vinculam a criatura ao Criador de todas as coisas. Ciência não chega a ser o Espiritismo porque não pôde, por enquanto, formular as leis que presidem à fenomenologia. Religião, no sentido pragmático, também não é, porquanto não se subordina a um corpo sacerdotal, nem se amolda a normas litúrgicas. Todavia, o Espiritismo não é, apenas, filosofia, de vez que, por força de seus princípios basilares, Criador e criatura estão moralmente ligados por leis imprescritíveis...

Ora, a aceitar-se a etimologia de Lactâncio, perflhada também por São Jerônimo e Santo Agostinho, é de *religare* — ligar — que se originou o termo — religião. Portanto, com ser filosofia, e, sobre ser filosofia, ser, outrossim, instrumento de ligação moral entre o Criador e as criaturas, evidente se torna

que o Espiritismo, palavra que caracteriza a Codificação Kardequiana, é, de fato, uma filosofia religiosa. E, conceituado como filosofia religiosa, claro se torna que o Espiritismo dispensa a interferência de qualquer religião, valendo seus postulados como norma de vida e fonte de orientação espiritual. Não se pode ser, portanto, católico ou protestante, e, ao mesmo passo, espírita. O espírita é somente — espírita.

Contudo, pelo fato de ser filosofia religiosa, o Espiritismo impõe rijas normas morais a que se devem sujeitar todos os profíctes. E como dentre os adeptos, muitos há, que, além de espíritas são, também, médiuns, isto é, intermediários entre o nosso e o outro mundo. É intuitivo que a esses, particularmente, dada a sublimidade da missão que lhes cabe, toca tremenda responsabilidade moral no progresso do Espiritismo!

Não obstante, por displicência dos orientadores, sobretudo dos dirigentes de Centros, os médiuns, antes de tentarem o desenvolvimento de suas preciosas faculdades, não se submetem, via de regra, ao indispensável regime de depuração espiritual, passando pelo crivo de rigorosa iniciação. Ao contrário, mal se lhes despontam os primeiros indícios de mediunidade, quase sempre bastante desagradáveis, ou se apavoram e tentam recalcar os sintomas, como se a mediunidade fora tara vergonhosa, ou, levados pela vaidade de serem, talvez, aparelhos de Espíritos iluminados, vultos heróicos do panteão da História, entregam-se, passivamente, a Entidades atrasadas e, não raro, inimigas, que, sem maiores dificuldades, se assenhoreiam de suas sublimes faculdades, utilizando-as para o mal e esparramando a mistificação, com graves prejuízos para tais médiuns e lamentáveis conseqüências para a divulgação da Doutrina Espírita!

De toda forma, porém, o caminho está errado. Aniquilar a mediunidade é empreitada inglória que só se consegue ao preço de cruciantes sofrimentos, traduzidos em misteriosas enfermidades, marcadas por profundos e duradouros padecimentos morais, que oscilam entre a neurose, a angústia, as psicoses e a degradação moral. Por outro lado, envaidecer-se pela mediunidade, como se fora apanágio próprio e instrumento de sensacionalismo, é perigosa prosápia porque é roteiro para a obsessão!

Com efeito, a primeira verdade de que todo médium deveria compenetrar-se é que ele não é dono da mediunidade, porquanto quem a controla são os Espíritos. Com seu assentimento ou contra sua vontade, os fenômenos mediúnicos se lhe manifestarão ao alvedrio dos habitantes do Além. A participação do médium só é efetiva no que tange à qualidade das manifestações. Médiuns espiritualmente evoluídos, de apurada vida moral, são instrumentos de mensagens verídicas e edificantes, ao passo que médiuns de caráter fraco ou vaidosos, ainda mesmo quando produzam manifestações verdadeiras, mostram, pelo cunho rasteiro de tais manifestações, a origem de Espíritos atrasados que com ele se sintonizam pela afinidade de sentimentos! Porque, de toda maneira, a lei que preside às manifestações mediúnicas é a lei da afinidade espiritual, de tal sorte que, cada médium recebe a proteção que merece e transmite a mensagem a que faz jus...

E isto é fácil de compreender. Basta atentar no fato de que os Espíritos nada mais são do que homens despidos do corpo carnal, da mesma forma que os homens são Espíritos eternos provisoriamente revestidos dum arcabouço material. Ora, se diariamente daqui partem Espíritos missionários, como Allan Kardec, e gênios benfeitores da humanidade como Édson e Marconi, partem, também, temíveis facínoras, autênticos tar-

tufos e toda uma malta de marginais, que, livres do corpo físico e invisíveis aos olhares humanos, adquirem maior liberdade de ação. Conseqüentemente é temerária, e sobremodo perigosa, a atitude dos médiuns que, por leviandade ou por mórbida vaidade, forcem as manifestações, atraindo para junto de si, Espíritos pouco evoluídos. Porque, neste caso, os Espíritos elevados, desalentados, se afastam, mas os maus, esses rejubilam-se, pois encontram, no médium faltoso, instrumento passivo à expansão de seus maléficos desígnios, contribuindo, com suas mistificações, para manter a humanidade apartada do caminho da verdade!

De fato, longe de tornar-se fonte de inspiração, de conforto moral e de regeneração espiritual, o médium vaidoso ou prevaricador transforma-se em instrumento de decepções, de retaliações pessoais e de revolta contra o Espiritismo! E quantas vezes não tem ocorrido entre nós esse trágico dissídio, que separa irmãos, componentes de um mesmo grupo, companheiros de uma mesma “corrente”, só porque um médium ingrato, movido por interesses inconfessáveis, ou, quiçá, por mera vaidade e insopitável anseio de sobressair-se, forjicou mensagens apócrifas e falsas instruções espirituais? Quantas vezes, nas organizações espíritas, tem acontecido que médiuns despeitados, dando ensejo a Espíritos inferiores, inimigos do Espiritismo, transmitem mensagens capciosas, causadoras de lamentáveis incompatibilidades, a ponto de a todos desorientar e, até, esfacelar uma obra que não é apenas deste mundo, porque é, sempre, produto do idealismo dos Missionários do bem, que, do outro lado da vida, se preocupam com o progresso espiritual da humanidade?

Urge, pois, que, enquanto antes, os Centros Espíritas se transformem em autênticas “escolas de iniciação”, onde os médiuns, através do estudo doutrinário e da disciplina iniciática, apren-

dam a amar, acima da própria vida, a Doutrina que lhes assegurou o progresso espiritual, dando-lhes, em meio às adversidades terrenas, confortadora tranqüilidade, e garantindo-lhes, no futuro, infável felicidade!

Por falta de estudo doutrinário, e, sobretudo, por falta de iniciação, médiuns possantes, justamente afamados, têm padecido inesperadas mistificações, algumas de repercussão mundial, pelo assanhamento que provocam nas hostes inimigas do Espiritismo. Haja vista o que ocorreu, duma feita, com Valiantine, o célebre médium norte-americano, que tantas provas deu aos incrédulos cientistas que lhe observaram as estupendas manifestações.

Hóspede do Dr. De Wyckoff, advogado milionário, que nele depositava inteira confiança, certo dia, inesperadamente, Valiantine recebeu estranha mensagem na qual o advogado fora concitado a tentar rendosa expedição à Guiana inglesa. Tão convincentes eram os argumentos que o Dr. De Wyckoff já se dispunha à aventura. Mas eis que, de repente, surge no espírito do causídico terrível dúvida. Foi quando pediu ao médium que lhe copiasse certo documento e, perplexo, verificou a semelhança entre o talhe de letra da cópia e a mensagem mediúnica que o incitara à expedição. Torturado pela dúvida, De Wyckoff apelou para um grafólogo. E ficou furioso quando o exame grafológico revelou que a mensagem psicográfica e o documento de próprio punho do médium tinha a mesma origem. Resultado — cortou relações com o médium, escrevendo-lhe uma carta altamente injuriosa!

Entretanto, tudo diz que Valiantine estava inteiramente inocente, porque via de regra, nas mensagens mediúnicas, o talhe de letra do médium é conservado, de vez que é produto da coordenação muscular treinada durante anos e ligada, já, a mecanismo automático. Todavia, o advogado assim não o entendeu e o médium muito teve de lutar para reabilitar-se perante ele.

Na verdade, jurando que jamais cometera a mínima fraude, Valiantine compareceu à casa de De Wyckoff disposto a submeter-se a todas as provas, levando, inclusive, uma corda para que o amarrassem durante a sessão. Contudo, dado seu próprio estado emocional, a sessão foi totalmente inútil: não houve qualquer manifestação, o que reforçou as suspeitas do advogado, deixando o médium em situação crítica, propenso, até, ao suicídio ou à obsessão.

Sem embargo, se o médium tivesse tido “iniciação” saberia que, embora verdadeira, a mensagem fora escrita por um Espírito embusteiro, que tentara incentivar a cobiça do rico advogado que o protegia, para levá-los, ambos, à decepção, e, com a decepção, à inimizade, com escândalo para o Espiritismo e trágicas conseqüências para o pobre médium invigilante.

Contudo, não obstante o escabroso episódio, Valiantine fora médium honesto e dotado de notáveis faculdades, comprovadas rigorosamente, por numerosos vultos da Ciência. Onde se infere que, ao lado dos que enganam, é preciso enquadrar os médiuns que são enganados. Mas enganando ou sendo enganados tais médiuns, nunca, jamais, poderão desmoralizar o Espiritismo, cujos alicerces estão consolidados por um bloco indestrutível de fatos experimentalmente comprovados; e cuja Doutrina, tão simples quanto genial, dia-a-dia se confirma pela explicação racional dos fatos e dos acontecimentos, emprestando à vida um sentido mais nobre e convidando o homem à sublimação de suas virtudes, para a sua futura felicidade e para a glória do Criador!

7

A PREPARAÇÃO DOS MÉDIUNS

Quando se aproxima o dia glorioso em que se vai comemorar entusiasticamente o centenário da codificação da Doutrina Espírita — Doutrina tão combatida ainda quanto lamentavelmente incompreendida, combatida, talvez, apenas por não ter sido compreendida, — torna-se urgente, inadiável e imperativa a mobilização de todos os valores autênticos, a arregimentação de todos os verdadeiros espíritas, daqueles que sinceramente sentiram, e conscientemente aquilataram, o colossal poder consolador e a incomensurável força regeneradora, que promanam, esplendidamente, dos admiráveis postulados dessa sublime filosofia religiosa, a fim de que se possa elevar ao plano de perfeição a que faz jus o padrão moral e cultural das sessões espíritas que se realizam em toda a extensão de nossa imensa pátria, que, na expressão carinhosa de Humberto de Campos, em brilhante mensagem póstuma, é a pátria do Evangelho e o coração do mundo!

Com efeito, confrades que me ouvis, é profundamente lamentável que, decorrido já um século de árduas pelejas incruentas e de incessantes trabalhos de divulgação e de doutrinação, em que tantos vultos representativos da humanidade, sábios e santos de todos os países, deram o melhor de suas vi-

das, luminosamente assinaladas por belos atos de heróico altruísmo, pelo progresso do Espiritismo, é profundamente lamentável, repito, que, após tantos labores e labutas, ainda se nos deparem numerosos Centros, apelidados de Espíritas, onde a prática constitui, não obstante, o mais formal desmentido à teoria, porque as sessões se processam ao arrepio dos ensinamentos doutrinários, mescladas de rituais esdrúxulos, copiados de cultos estranhos, ali intrometidos pela ignorância ou pela fatuidade de dirigentes incapazes, protegidos pela liberalidade de nossas leis, em detrimento do próprio Espiritismo!

Cabe, portanto, aos espíritas do Brasil o indeclinável dever de propugnarem no sentido de escoimar a Doutrina dessas mazelas insidiosas, que os degrada aos olhos dos homens de boa formação moral e de mediana capacidade intelectual, combatendo, implacavelmente, toda deturpação da Filosofia Espírita, e aprimorando diuturnamente os trabalhos práticos dos Centros que dirigem, para que sirvam de exemplo aos que, sem conhecimento algum, se metem a diretores espirituais da humanidade terrena e o que é pior — da humanidade extraterrena!

Sei de experiência própria quanto é espinhosa tal empreitada. A humanidade, de um modo geral, ainda não quer o Espiritismo, que é Doutrina de regeneração, a exigir-lhe a renúncia de muitos prazeres e a impor-lhe a correção de muitas faltas. A humanidade prefere as doutrinas que pactuam com ela, que lhe desculpam os erros, que lhe perdoam os crimes e que prometem ajudar a realização de seus ideais terrenos. Por isso mesmo, nos ambientes onde se ilude com a promessa de melhorar a vida, e não se exige que o candidato à felicidade se melhore previamente, aí, geralmente se acotovela densa multidão sôfrega de prodígio. Ao passo que, nos locais em que se ministra a verdadeira Doutrina Espírita, aquela que ensina que

a única maneira de suavizar nossas provas é corrigirmos nossos defeitos e resgatarmos nossas faltas, embora se expliquem os defeitos e se esclareçam os meios de corrigi-los, nesses ambientes sobram lugares, tão poucos são geralmente os frequentadores.

Pouco se nos deve dar, no entanto, que a maioria prefira o engodo dos “terreiros” ao esclarecimento dos legítimos Centros Espíritas. O que nos deve interessar é a verdade; e, com a verdade, não pode haver transigência! O Espiritismo não deve ser deformado para agradar aos que só desejam tirar proveito dos espíritas e dos Espíritos, forçando as leis divinas, para a satisfação de anseios inconfessáveis!

E para colocar logo o dedo na ferida, devo confessar que o motivo principal da desorientação que ainda se observa em muitos Centros Espíritas reside na falta de competência dos presidentes das sessões, que não cuidam da preparação doutrinária dos médiuns, dando ensanchas a que qualquer indivíduo, mal chegue ao Centro, já se aboleta à mesa e dê vazão a um bestialógico qualquer que trazia engatilhado, aguardando, apenas, a esperada oportunidade, para “assombrar” a assistência com a bela “comunicação”!

É inegável que grande cópia de enfermos, muitos já desesperados, da medicina terrena, aflui constantemente para os Centros Espíritas, à procura de lenitivo para seus males, que são, muitas vezes, mais da alma do que do corpo. É fato, também, que a maioria desses doentes, rotulados como histéricos, neuróticos ou psiconeuróticos, são, apenas, médiuns torturados, a saldar onerosos resgates de faltas de vida passada. Estão sofrendo os efeitos das vibrações mentais de Espíritos enfermos ou desequilibrados que a eles se imantam pela afinidade de sentimentos, e que, pouco a pouco, vão dissociando não só a estrutura mental, como, também, minando o fluido

vital de todos os órgãos de suas vítimas indefesas. Fato sabido desde épocas imemoriais, tem sido sistematicamente negado pela Ciência, sem que no entanto, os cientistas, até hoje, se hajam dignado a estudá-lo seriamente. Julgam-no contrário à sua experiência, e, por isso, combatem-no como obra da ignorância e do fanatismo. Mau caminho este, porque há muita coisa contrária à nossa experiência ordinária, que, mais tarde, por via de inesperada experiência, adquirida em terreno até então inexplorado, se transforma aos nossos olhos em deslumbrante realidade!

Deixemos, pois, que a Ciência continue a negar por enquanto, já que possuímos suficiente acervo de fatos para dirimir toda dúvida. Vamos, pois, ao fato. É notório que um hipnotizador, sem proferir palavra, e agindo a distância, pode dominar a vontade e a sensibilidade de um “sensitivo” — tudo pelo poder de seu pensamento, telepaticamente transmitido ao ponto em que se encontrava o “receptivo”. É sabido, outrossim, que, em se aproximando dum indivíduo a dormir, se ele for “sensitivo”, basta que o hipnotizador pense com energia, embora não emita palavra, que o receptivo, ao despertar, terá de realizar tais ou quais atos, basta isso, para que, em acordando, o hipnotizado se comporte, irresistivelmente, como lhe foi sugerido mentalmente durante o sono. Em que pesem as teorias errôneas que prevalecem atualmente nos meios científicos, estamos diante de dois exemplos em que o pensamento puro, sem palavra alguma, isto é, a radiação mental do hipnotizador realizou o prodígio de dominar duas personalidades obrigando-as a efetuarem as ações sugeridas. No primeiro caso, estando o receptivo a distância, e em estado de vigília; no outro exemplo, permanecendo perto do hipnotizador, mas dormindo, inconsciente, pois, do que se passava à sua volta. De toda forma, o que agiu foi o pensamento ou melhor, a radiação

mental do hipnotizador. Ora, pensamento por pensamento, os Espíritos também o possuem, porque não se pode conceber a sobrevivência da alma, se, com a morte corporal, a destituímos da faculdade de pensar. Se existe, pensa. E como sabemos que a alma existe, depois da morte, porque possuímos a esse respeito provas decisivas, materiais, objetivas, irrecusáveis, segue-se que sabemos realmente que a alma continua a pensar depois da destruição do corpo físico, quando se despoja da carcaça anatômica. Se, portanto, um Espírito encarnado — um hipnotizador — pode agir sobre outro só pelo pensamento, não há razão para que, um homem desencarnado — um Espírito — não possa também agir sobre o organismo de um Espírito encarnado — um homem — desde que, para que tal ação se realize seja suficiente existir apenas o pensamento — força que existe, de fato, nos habitantes do Além.

Fácil é compreender, portanto, que, em certas circunstâncias, em sendo médium a criatura, isto é, sendo receptivo para os pensamentos dos Espíritos, assim como o sensitivo é receptivo para o pensamento dos hipnotizadores, fácil é compreender que, em certas circunstâncias, pode um Espírito só pela ação de seus pensamentos causar diversas enfermidades ao médium, seja conscientemente, por vingança, seja inconscientemente, por aproximação e irradiação de sua onda mental de sofrimento, pois a maioria dos Espíritos que perambula em torno deste planeta, são sofredores em provações complementares às que tiveram na Terra, para elevação de seu Espírito.

São estes Espíritos sofredores que, à guisa de sapadores, primeiro abordam o médium, na fase em que ele dever ser chamado ao cumprimento nesta fase inicial da mediunidade, que a maioria dos indivíduos são levados ao Espiritismo, depois de haverem percorrido vários consultórios médicos, sem

melhora alguma, porque, com efeito, não é com drogas, que se eliminam do perispírito as radiações dos Espíritos sofredores sobre o organismo dos médiuns, nem é com a terapêutica terrena que se conforta um Espírito desesperado, com o despertar no Mundo Espiritual, ou revoltado contra as iniquidades da vida social deste planeta, injustiças de que se julga, quase sempre, a vítima indefesa, e, por isso mesmo, procura vingar-se de quantos supõem responsáveis por suas desditas. A ineficácia terapêutica estava, pois, assegurada de antemão, a menos que o médico seja médium, para compreender o fenômeno e encarar o caso mórbido, sob outro prisma muito mais interessante, aliás.

Ora, são estes médiuns perturbados, que, torturados por Espíritos sofredores ou obsessores, afluem, desesperados, para os Centros Espíritas, onde realmente poderão encontrar a cura radical, se forem bem orientados.

E é isso que não acontece geralmente, em virtude da ignorância de certos dirigentes de instituições que se dizem espíritas. Porque, em chegando a tais Centros, ouvem logo os doentes da boca do presidente da sessão que são médiuns, e que estão sofrendo, porque não praticam a caridade. Claro que, em tal conjuntura, qualquer um quererá praticar a caridade, e aceito que seja o convite, são tais doentes colocados à mesa, para desenvolverem suas faculdades mediúnicas. Ora, desenvolver mediunidade é espiritualizar o médium, melhorando sua onda mental, a fim de poder sintonizar-se com o pensamento de Espíritos elevados, Instrutores da humanidade, com capacidade moral e intelectual para melhorar não só o médium como aqueles que recebem diretamente seus ensinamentos. Ora, um médium torturado, é um instrumento falho, com o corpo espiritual, o perispírito, impregnado de fluidos ou radiações prejudiciais à própria saúde. Não pode, conseqüentemente, servir

de aparelho a nenhum Espírito elevado, no estado em que se encontra. Precisa primeiro reformar-se moralmente pela Doutrina, na escola de médiuns. Só depois, poderá ser um médium útil. Como se encontra, se se sentar à mesa, para desenvolver-se, desenvolver-se-á com o Espírito sofredor que o assiste. E é isto que acontece muito por aí fora. Os guias dos médiuns, são sofredores à procura de fluidos vitais; na verdade são caçadores de fluidos! E os médiuns, o que serão?

8

**DAS DIFICULDADES PARA A FORMAÇÃO
DOS "GRUPOS DE MÉDIUNS" — I**

Por paradoxal que pareça, o maior problema do Espiritismo ainda é a formação dos grupos de médiuns.

Como é notório, diariamente batem às portas dos Centros Espíritas, centenas de criaturas desesperadas pela dor moral ou torturadas por estranha sintomatologia clínica, que desafiou os recursos da Medicina. Quase todos são médiuns, e, dentre os que são médiuns, todos deveriam colaborar com o Mundo Espiritual tornando-se instrumentos úteis à disseminação do Espiritismo, para o aperfeiçoamento da humanidade. E, na verdade, sequiosos de alívio, muitos desejam desenvolver imediatamente suas faculdades, na esperança de que, terminado o desenvolvimento, a vida se lhes transmutará num mar de rosas...

Sem embargo, o problema é mais grave do que parece. A mediunidade não é construção mecânica, necessitando, apenas, de ajustamento de peças e de lubrificação de eixos, para que tudo funcione às maravilhas. Mediunidade é, sobretudo, sensibilidade espiritual propulsionada pela depuração moral e pela vocação à caridade. De modo que não é pelo fato de sentar-se em torno duma mesa, de braços esticados, mãos espalmadas e olhos fechados que um médium bisonho desenvolve-

rá suas faculdades supranormais. Não; antes de tudo, é imprescindível que o médium se desenvolva interiormente, acrisolando seu próprio Espírito, expurgando-se de vícios e de delitos morais, que o incompatibilizam com Espíritos evoluídos. Ceder aos anseios de um médium torturado, que, com o desenvolvimento, aspira somente a libertar-se dos sofrimentos, sem aproximar-se de Deus pela prática caridosa da mediunidade, é cometer lamentável erro. Em tal estado d'alma e alimentando egoísticas intenções, o campo mediúnico do pretendente ao desenvolvimento, estaria assaz desequilibrado, de sorte que só se poderia sintonizar com as vibrações perispirituais dos próprios Espíritos que já vinham contribuindo para os sofrimentos de que se quer livrar! Logo, a intempestiva tentativa de desenvolvimento mediúnico, sem prévio preparo doutrinário, longe de ser um recurso para minorar sofrimentos, é oportunidade para cruciantes provações, de vez que pode se arvorar em "protetor" um Espírito "sofredor", que carece de amparo, não estando, portanto, em condições de guiar ninguém. E tanto isso é verdade que os médiuns "desenvolvidos" em tão precárias condições, depois de considerados "prontos", se sentem piores de saúde do que antes do "desenvolvimento". Como se vê, o prejuízo foi grande, afetando, além da saúde, o futuro espiritual do médium. De resto, o fruto espúrio dessa mediunidade abortada são mensagens duvidosas, comprometedoras do Espiritismo.

Contudo, quando se pretende organizar um grupo de médiuns de acordo com as exigências da Doutrina Espírita, surgem obstáculos quase insuperáveis. Via de regra, os médiuns não se conformam que, para obterem manifestações autênticas e de caráter mais elevado, terão de submeter-se a demorado regime de auto-disciplina, corrigindo-se de muitas faltas, que, aos olhos dos homens, não têm maior significação, mas

que, diante do Mundo Espiritual assumem muita importância. De fato, como já ficou entrevisto, o segredo do desenvolvimento mediúnico consiste em o médium aperfeiçoar-se moralmente, de molde que seu campo mediúnico se torne mais luminoso, entrando num estado vibratório compatível com o estado vibratório do perispírito de verdadeiros “protetores”, Espíritos que podem controlar os centros nervosos relacionados com a mediunidade sem ocasionarem o mínimo distúrbio orgânico ou psíquico; ao contrário, equilibrando a saúde e proporcionando um sentimento de paz e de otimismo, que muito ajudam o médium a vencer os percalços da vida angustiante de nossa época! Sendo assim, é evidente que o desenvolvimento da mediunidade é problema árduo, de solução demorada. Exceção feita para os médiuns de rara sensibilidade, que principiam bruscamente a dar manifestações de Espíritos, que, embora bem intencionados, são, na realidade, bastante atrasados, conhecendo, muita vez, com maior perfeição, os problemas da Terra do que os do Além, pois, embora desencarnados, perambulam na órbita de nosso mundo — exceção feita para tais médiuns a regra é que a mediunidade se desenvolva lentamente, à medida que o médium se eleve moralmente. Refirme — é claro — à verdadeira, não à falsa mediunidade, que por aí abunda, esparramando mensagens apócrifas e dando ensanchas a toda sorte de mistificações, para regalo de exploradores e gáudio dos basbaques destituídos de senso crítico! E o motivo da demora é óbvio. Desde que o processo do desenvolvimento mediúnico esteja condicionado ao aperfeiçoamento espiritual do médium, é evidente que as faculdades não se lhe aflorarão repentinamente. Não é fácil a correção moral. Ninguém perde a vaidade de um momento para outro; e, no entanto, a vaidade é o pior inimigo do médium. Pela vaidade, o médium não só se suscetibiliza com quem o adverte como

chega a mistificar, para aparentar o que não é. Ainda mais — pela vaidade, o médium torna-se presa de Espíritos zombeteiros, que, manifestando-se-lhe com nomes respeitáveis, levam-no ao declínio moral e ao fracasso espiritual! Conseqüentemente, enquanto o médium alimentar vaidade em relação aos dons que possui, para seu próprio bem, a mediunidade permanecerá estacionada, a menos que mereça a degradação ou a obsessão. A inveja, igualmente, é detestável defeito num médium; e enquanto, caladamente, no íntimo da consciência, ele nutrir um sentimento de despeito contra um ou mais elementos do grupo a que pertence, é fora de dúvida que nenhum Espírito elevado concordará em assumir a responsabilidade de seu “desenvolvimento mediúnico”. Permanecerá, por conseguinte, longo tempo sentado à mesa de desenvolvimento, sem apresentar qualquer manifestação; salvo se o dirigente do grupo não contar com o apoio de “Protetores” categorizados, hipótese em que o médium faltoso poderá, em breve lapso, dar manifestações anímicas, produtos de seu próprio Espírito, ou, o que é pior, servir de instrumento a Espíritos atrasados e mistificadores, fingindo-se de “Guias” e de “desenvolvedores”! Da mesma forma, o ciúme é defeito execrável, que inutiliza o médium, tornando-o instrumento dócil ao pensamento de Entidades inferiores, que podem levá-lo até ao crime passionai; e quando as conseqüências não chegam a assumir tais proporções, o mínimo que o ciúme faz é enquadrar o ciumento no rol dos caluniadores, assim que ingresse no Plano Espiritual!

Faltas muito graves são, também, os vícios, mesmo aqueles que socialmente são tolerados e, até, estimulados, como o de fumar, porque, na verdade, determinam indesejável assistência espiritual, constituída de Espíritos desequilibrados, antigos viciados, que a despeito de despojados do corpo material, per-

manecem acorrentados aos desejos e imantados aos médiuns viciados, em angustiante expectativa, aguardando oportunidade de sentirem, por intermédio do sistema nervoso de sua vítima, as sensações a que se escravizaram durante a vida terrena!

E se, em vez do fumo, o alvo do vício for o álcool ou o jogo, então muito pior será a situação, porque a paixão, a verdadeira obsecação com que certas criaturas se entregam, inermes, a tais vícios, ocasionam tremendos desequilíbrios espirituais, que acompanham o viciado na vida de Além túmulo. Nessas condições, os Espíritos, que assistem os médiuns viciados no álcool ou no jogo, são elementos de viciação e de degradação moral, que, em pouco tempo, levam o médium invigilante ao mais abjeto aviltamento!

Perigo idêntico cerca o médium que adquire vícios sexuais, pois muito numerosos são os Espíritos que perambulam aqui mesmo, no plano terreno, dominados ainda pela ânsia de satisfazer antigos hábitos de libidinagem!

De toda sorte, pois, o vício, seja ele qual for, é, sempre, altamente prejudicial ao médium, de vez que atrai para junto dele Espíritos mentalmente desequilibrados, dominados por desejos que não podem satisfazer senão por meio dos neurônios específicos do médium que com eles se afina em sentimentos e paixões . . .

Vale dizer que, com assistência espiritual dessa espécie, o médium jamais poderia “desenvolver” suas faculdades, de vez que seu perispírito está contaminado com “fluidos” maléficos, oriundos dos Espíritos infelizes que o assediam dia e noite, na esperança de torná-lo instrumento passivo para a satisfação dos vícios que alimentaram na Terra, e que, apesar de “mortos”, continuam a acalentar no íntimo da alma!

Urge, pois, que os médiuns compreendam a santidade da mediunidade, esforçando-se para se corrigirem dos defeitos mais graves, e, se possível, também dos menos graves, a fim de que o campo mediúnicos se lhes ilumine, de molde a poder sintonizar-se com o perispírito iluminado dos verdadeiros Mensageiros do bem — aqueles, que, de fato, lhes podem completar o “desenvolvimento”, transformando-os em valiosos aparelhos para a manifestação da verdade e em preciosos instrumentos para a propagação do Espiritismo — fonte de luz e amor, para a salvação da humanidade nesses dias atormentados de incessante “guerra fria”, sob o signo ameaçador da hecatombe atômica!

9

**DAS DIFICULDADES PARA A FORMAÇÃO
DOS "GRUPOS DE MÉDIUNS"— II**

Como prometi, vou prosseguir no tema da palestra anterior, mostrando as tremendas dificuldades que se nos antolham na formação dos “grupos de médiuns”, célula vital dos Centros Espíritas e metacentro do barco do Espiritismo, nos mares procelosos que deverá singrar.

Em verdade, para elevar-se o padrão do Espiritismo, colocando-o no nível que a Doutrina impõe, urge que se preparem “grupos de médiuns” constituídos de autênticos espíritas. Só assim o “desenvolvimento” dos médiuns ficará a cargo de Espíritos evoluídos, dotados de conhecimentos doutrinários e iniciáticos, que tornarão suave essa fase delicadíssima da evolução da mediunidade. Caso contrário, assumirá o controle do médium um Espírito atrasado, que, embora desejoso de evoluir, não tem capacidade para orientá-lo levando-o, não raro, ao fracasso. E o pior é que, muita vez, apresenta-se, como “desenvolvedor”, a própria Entidade que já vinha acompanhando o médium e ocasionando-lhe os distúrbios psicossomáticos que o obrigaram a procurar o Espiritismo! Como é evidente, nesta hipótese, ao invés de melhorar de saúde, o médium, no decurso do “desenvolvimento”, vê seus males se agravarem... E dada a displicência com que se costuma colocar à

mesa de desenvolvimento todo médium torturado, que penetra num Centro Espírita, fácil é concluir-se dos motivos por que existem, presentemente, tantos médiuns perturbados dizendo-se “receitistas”, “passistas”, “curadores” etc., quando, no fundo, sentem na própria carne e, sobretudo, na própria alma, as lamentáveis conseqüências de uma má iniciação, ou — melhor — da falta total de iniciação! Entretanto, se antes de haver preocupação com as manifestações, houvesse havido interesse pelo estudo da Doutrina e pela reforma moral do médium, de maneira que viesse a proceder como verdadeiro espírita, a situação seria certamente muito diversa. Embora enfrentando as provações, que, independentemente da religião e da mediunidade, as leis inflexíveis do destino lhes houvessem traçado, o médium, antes do “desenvolvimento”, primeiro que se lhes desabrochassem as faculdades supranormais, demonstraria completa recuperação da saúde e perfeito equilíbrio psíquico — fatores indispensáveis para que o candidato possa tomar assento na “corrente de desenvolvimento”.

Com efeito, para curar os outros, é mister que o médium esteja curado. Com o organismo desequilibrado, com o sistema nervoso descontrolado, com focos de infecção na intimidade dos tecidos, o “passe”, longe de surtir efeito, pode causar sérios danos em quem o recebe. Por conseqüência, “passista” ou “curador”, o médium, para ser útil, deverá estar em bom estado de saúde e, principalmente, com ótimo equilíbrio emocional. Só assim logrará realizar curas verdadeiramente admiráveis.

Ora, “desenvolvidos” como são quase todos os médiuns — uns, aos trancos e barrancos, maltratados por Espíritos atrasados, quase sempre, por força da origem de nossa nacionalidade, indígenas ou africanos, que, do outro lado da vida, conservam ainda a mesma mentalidade primitiva; outros, acossados

por velhos inimigos de anteriores encarnações, e, conseqüentemente, sofrendo violentos distúrbios neuro-psíquicos — “desenvolvidos” como são quase todos os médiuns, é inevitável que, ao lado dos casos excepcionais, a maioria das manifestações espíritas permaneçam, até hoje, em plano inferior, em chocante contraste com os alevantados objetivos do Espiritismo! Tudo, porém, porque o problema da organização dos “grupos de médiuns” a serviço da causa Espírita não tem sido encarado com a seriedade que exige. Espíritos elevados, Mestres do melhor quilate, doutrinadores conspícuos, intelectuais brilhantes, artistas consagrados, toda uma plêiade de missionários de escol aguardam, pacientemente, o aperfeiçoamento moral dos médiuns, a fim de transmitirem à humanidade seus valiosos conhecimentos e suas preciosas experiências no ciclo das vidas sucessivas. O que lhes falta são os “aparelhos” adequados, os médiuns sinceramente espíritas, aqueles que paudem suas vidas pelos postulados morais da Filosofia Espírita. Como é notório, o segredo da comunicação com o Além reside na sintonização das vibrações do “campo mediúnico” do sensitivo com as vibrações do perispírito da Entidade que deseja manifestar-se. Logo, o “desenvolvimento mediúnico” deve ser uma decorrência lógica da elevação espiritual do médium. Daí a necessidade da prévia correção de todo médium que pretende ingressar num grupo, para desenvolver suas faculdades.

Consoante acentuei na palestra anterior, enquanto o médium não se despoja de certos defeitos, como a vaidade, o orgulho, o ciúme, a inveja, a vingança, a maledicência, a zombaria etc., nem se destitui de vícios como o de jogar, o de beber e o de fumar, não poderá contar com a colaboração de Espíritos de maior elevação. Nessas condições, se tentar o “desenvolvimento”, terá de contentar-se com a assistência de um

Espírito pouco evoluído, talvez menos evoluído do que o Espírito do próprio médium, como é o caso de criaturas cultas, que, inadvertidamente, vão tentar o “desenvolvimento” sob a direção de Espíritos atrasadíssimos, cujo equilíbrio mental e cujos sentimentos dependem, em grande parte, da absorção de elementos terrenos, como os vapores da marafa, a fumaça do charuto, os gases da pólvora, o fluido vital dos animais sacrificados nos “despachos” e nas “obrigações”... É claro que num ambiente dessa espécie, controlados por Entidades dessa categoria, o médium, prontamente, entrará em transe, transformando-se em “cavalo”. Mas, na verdade, não se desenvolveu. Nem precisava. O “protetor”, espiritualmente falando, está abaixo dele — foi negro ou índio, que se não elevou, permanecendo imantado à Terra, vampirizando as energias vitais dos médiuns incautos — sobretudo dos gananciosos, que pretendem tirar partido dos Espíritos, metendo-os em seus negócios e, quiçá, em seus amores! Portanto, pelo fato de “receber Espíritos”, o médium nem por isso se desenvolveu; ao contrário, degradou-se, equiparando-se aos quadrúpedes, transformando-se em “cavalo” de Espíritos atrasados!

Em contradição, o verdadeiro “desenvolvimento” é demorado — pode durar meses ou anos; e nunca terminará: desenvolvida uma faculdade, inicia-se o desenvolvimento doutra, de acordo com os sentimentos do médium e de conformidade com o estado fisiológico dos centros nervosos ligados às diferentes formas de mediunidade. É por ignorar tal fato, que muitos médiuns, os melhores talvez, depois de tentarem algum tempo, desistem do “desenvolvimento” decepcionados porque nada sentiram, quando na “corrente”. Sentir precocemente sentem, na verdade, os médiuns já “trabalhados” por Espíritos sofredores. Mas sentem as vibrações de Espíritos, que, embora desejem progredir, são irmãos pouco evoluídos.

Se o “desenvolvimento” deve ser feito por Espíritos de maior elevação, então o médium terá de aguardar longo tempo, até que, por sua conduta austera, de inflexível obediência à Doutrina Espírita, logre iluminar seu “campo mediúnico”, de tal modo que possa receber as vibrações luminosas dos Mensageiros do bem. E para que se aquilate da importância do comportamento do médium em fase de “desenvolvimento”, vou dar um exemplo em que, posto à margem todo convencionalismo e exclusão feita para o pundonor, o prejuízo é certo, pela inibição que provoca. Suponhamos que uma jovem integrada num “grupo de médiuns” e em período de “desenvolvimento”, por vaidade feminina ou por deliberado artifício exagerou no decote, percorrendo a via pública de busto desnudo, sofisticado por irrisório “tomara que caia”. Tomara que caia! O apelido já disse tudo. Por onde passar, a jovem imprevidente receberá no perispírito, as vibrações de luxúria de indivíduos situados nas mais diversas camadas sociais e nas mais díspares escalas espirituais. No perispírito, qual quadros cinematográficos, os pensamentos de todos os homens que a desejaram lá estarão deslizando aos olhos dos Guias, quando, à hora aprazada, a virgem sentar-se à “mesa de desenvolvimento”. Resultado: embora virgem, a médium, por haver tentado a concupiscência masculina, apresenta, no “campo mediúnico” cenas de brutal lascívia, como se fora lúbrica meretriz... É natural, portanto, que enquanto perdurar, no perispírito, esses quadros de lupanar, nenhum Espírito elevado queira sintonizar-se com o “campo mediúnico” da jovem para o exercício rotineiro do “desenvolvimento”. Sobretudo, se o Espírito encarregado do “desenvolvimento” for o duma moça pudica, antiga religiosa ou filha de Maria, educada outrora numa escola de moral e de respeito à dignidade do sexo!

Como se vê, o problema do desenvolvimento dos médiuns é mais complexo do que geralmente se imagina — tão complexo que sobre ele continuarei a falar na próxima 6ª. feira, se Deus quiser.

DAS DIFICULDADES PARA A FORMAÇÃO DOS “GRUPOS DE MÉDIUNS” — III

Continuando a focalizar as dificuldades que se nos deparam na formação dos “grupos de médiuns” das instituições espíritas, vou mostrar-vos hoje novos aspectos do magno problema.

Como é óbvio, para que um “grupo de médiuns” se torne verdadeiramente eficiente, é imprescindível que o anime fraternal espírito de equipe, reinando perfeita harmonia entre todos os elementos do grupo e profundo respeito pelo dirigente dos trabalhos. De resto, é indispensável que os médiuns estejam, todos, identificados com os alevantados objetivos da Filosofia Espírita.

Posto que não seja inatingível, não é, com efeito, uma meta fácil de alcançar. Se, isoladamente, a preparação de um médium é problema árduo, o trabalho em conjunto, impondo paridade moral entre os diversos elementos do grupo, maior esforço exige do responsável por sua organização.

De fato, consoante deixei bem claro nas palestras anteriores, o problema do “desenvolvimento da mediunidade”, encarado do ponto de vista terreno, depende, todo inteiro, da preparação doutrinária do médium. O segredo da comunicação dos Espíritos, reside na sintonização da radiação do pensa-

mento dos Guias com a radiação do campo mediúnico do médium. Se o padrão vibratório é de baixa frequência, se os fluidos perispirituais são condensados, formando “aura” sombria em torno da cabeça do médium, o “campo mediúnico” estará adequado à sintonização com Espíritos sofredores e — o que é muito pior — com obsessores. Nessas condições, o médium poderá servir de “aparelho” a Espíritos atrasados. E, muitas vezes, sem prévio preparo, pode “incorporar” espontaneamente Espíritos deste padrão, para pedir socorro, ou para ameaçar os circunstantes. Isto não significa, entretanto, que o médium esteja “desenvolvido”. Prova, apenas, que o estado vibratório de seu campo mediúnico estava de acordo com o estado vibratório de Espíritos pouco evoluídos, razão por que se tornou possível a fortuita sintonização entre eles. Sem embargo, se, nessa altura, o médium julgar-se “pronto”, caminhará, fatalmente, para o precipício da mediunidade torturada, tornando-se juguete de Espíritos atrasados, que, sobre o atormentarem, ainda poderão induzi-lo às mais torpes mistificações. Médiuns dessa espécie existem muitos por aí. E, nesse rol, incluem-se muitos médiuns apressados, que correram aos Centros, em busca do lenitivo que a Medicina não lhes deu, e, vítimas da própria impaciência ou da ignorância do presidente das sessões, consideraram-se ou foram considerados “doutro linha”, desviando-se para os “terreiros” do africanismo, impropriamente denominado “baixo Espiritismo”.

Todavia, se outro fosse o estado vibratório do campo mediúnico; se os “fluidos” perispirituais estivessem mais aperfeiçoados; se a “aura” do médium refletisse a luz da elevação espiritual, fácil se tornaria a interferência de Missionários divinos, de vez que não encontrariam obstáculos insuperáveis na adaptação dos “fluidos” luminosos de seu corpo espiritual aos do corpo espiritual do médium. Entretanto, a iluminação do cam-

po mediúnico é apanágio do médium que se depura moralmente; e que transforma o ônus da mediunidade em sacrossanta oportunidade de esparzir o bem, fortalecendo a fé nos corações combalidos e aplacando as dores alheias, para complementação de sua própria evolução espiritual. Donde se colhe que o verdadeiro “desenvolvimento da mediunidade” é inerente ao progresso espiritual do médium, sob o influxo regenerador da Doutrina Espírita. Daí a necessidade da prévia correção do médium que pretende ingressar num “grupo espírita”. E ingressando no grupo, maior deverá ser a vigilância, a fim de que seja preservada, em perfeito equilíbrio, a mediunidade. Assim é que pequenos defeitos e pequenos vícios, desculpáveis, talvez, noutras criaturas, devem ser repudiados por todo médium que aspire a contribuir para o progresso do Espiritismo, conservando-se na posição de aparelho fiel, controlado por Espíritos elevados. Na verdade, pouca gente perceberá os graves prejuízos espirituais que advêm do vício de fumar, ou do hábito de tomar, de quando em quando, um aperitivo ou um copo de cerveja; ou do costume de “fazer uma fé” no jogo. Entretanto, tudo isso é prejudicial — sobretudo para o médium, porquanto acarreta a assistência de Espíritos mentalmente desequilibrados, que, não obstante destituídos do corpo carnal, permanecem torturados pelo desejo de saciar antigos vícios. Nessas condições, o trabalho realizado no perispírito do médium, durante o desenvolvimento, é seriamente afetado pelo contágio de fluidos grosseiros, absorvidos do perispírito das Entidades atraídas pelo tabaco, pelo álcool ou pelo jogo. E se o médium insistir no fumo, na bebida ou no jogo, acabará dominado por Espíritos atrasados, que, vampirizando-lhe o fluido vital dos centros nervosos, passarão a participar do vício, sentindo a sensação como se encarnados estivessem. E dessa má convivência espiritual, resultará, inevita-

velmente, lamentável destruição de valiosos fluidos do campo mediúnico, ficando interdita a comunicação de Espíritos de maior evolução.

Outro fator importante, no aperfeiçoamento da mediunidade, é o regime alimentar. Todo alimento indigesto deve ser evitado. A congestão dos órgãos digestivos ocasiona distúrbios circulatórios cerebrais, que, embora sem gravidade, afetam a atividade mental, determinando certa dificuldade de raciocínio, falhas da memória, e, até, torpor, que obriga os glúteos a dormirem depois das copiosas libações com que se regalam. Ora, a mediunidade, embora originária do perispírito, está ligada aos centros nervosos. Assim sendo, tudo que de algum modo possa prejudicar o perfeito funcionamento cerebral, deve ser evitado pelo médium que tem exata noção de sua responsabilidade perante o Mundo Espiritual. De resto, condimentos como vinagre e pimenta devem ser radicalmente abolidos da alimentação do médium. A própria carne deve ser ingerida com parcimônia. Sobretudo no dia de reunião, quando o médium vai participar da “corrente”, para sintonizar-se com o Plano Espiritual. E não só a carne, mas tudo que possa aumentar a acidez estomacal deve ser abolido da refeição que precede à sessão. E o motivo é simples: a hipercloridria e a fermentação provocam distúrbios no campo eletromagnético que circunda o plexo solar e que, como é sabido, representa papel fundamental, no processo da “incorporação” ou da psicofonia. Conseqüentemente, se o médium, no dia do compromisso espiritual, abusar da alimentação, a mediunidade sofrerá as conseqüências, com prejuízo para si próprio, para os demais elementos da “corrente” e para os Guias Espirituais, que não poderiam utilizá-lo, para transmitir seu pensamento.

Com maior razão, o regime sexual é de suma importância para os médiuns de autêntico “grupo espírita”. A explicação é fácil. A cópula provoca tremenda descarga electromagnética em todo sistema nervoso, máxime na cortiça cerebral e na

medula espinhal. Resultado: com o coito, o perispírito do médium perde grande cota de fluidos, que deveriam ser utilizados na “corrente”, com vistas às manifestações dos Espíritos.

Na realidade, o menosprezo dessas regras, e de mais algumas que seria cansativo mencionar, tem contribuído para a pouca eficiência da maioria dos “grupos de médiuns” existentes na atualidade. Manifestações há por toda parte. Mas provas decisivas ainda são raras, prevalecendo o animismo e a mistificação. Contudo, à Doutrina Espírita é que não cabe a mínima responsabilidade pelo descabro. Ao contrário, quando os médiuns a sentirem em sua consciência; quando pautarem a vida por seus postulados morais; quando obedecerem à disciplina indispensável ao equilíbrio da mediunidade; quando cada elemento do “grupo” se despersonalizar, destituindo-se da vaidade, para ver, apenas, a produção do grupo, e todos se mantiverem unidos, em verdadeira confraternização, com o único escopo de evoluírem espiritualmente e de favorecerem o progresso do Espiritismo, então, nesse dia, a Filosofia Espírita passará a ser o farol da humanidade, para a felicidade do homem e glória de Deus!

DAS DIFICULDADES PARA A FORMAÇÃO DOS "GRUPOS DE MÉDIUNS" — IV

Dado o interesse que o tema vem despertando, ainda hoje, prosseguirei na focalização de alguns aspectos do árduo problema da formação dos "grupos de médiuns", dentro das instituições espíritas. Sim, porque é preciso saber distinguir entre a responsabilidade de um grupo familiar, organizado para consolo, dentro dum lar, onde acima do senso crítico, paira, quase sempre, incondicional sentimentalismo, e a responsabilidade de um grupo de médiuns de um Centro Espírita, destinado a manter a corrente progressiva da revelação divina, iniciada com a Codificação Kardequiana. Num, as mistificações, que, porventura, se verificarem, pouca repercussão poderão ter, ocultas como estarão as manifestações, no recesso inviolável de um lar, e, além disso, destinadas à orientação particular, quase sempre interesseira; noutro, as manifestações são públicas, de caráter altruístico, visando o amparo de crentes e de descrentes, e, sobretudo, destinadas a comprovar, perante os espectadores desconfiados, a realidade dos postulados do Espiritismo. Não pode haver, pois, paralelo entre as conseqüências duma mistificação processada em recinto privado e duma mistificação verificada, publicamente, num Centro Espírita, que, para ser Espírita, deve ser, antes de tudo, um templo da verdade e do

amor, à disposição de Missionários divinos, encarregados da expansão da Filosofia Espírita, para regeneração e consolo da humanidade sofredora! Donde se colhe, que é deveras muito grave a responsabilidade da organização de um “grupo de médiuns” a serviço do Espiritismo. E, na verdade, muito ao contrário do que se admite geralmente, não é qualquer espírita que pode dirigir um “grupo de médiuns”. Não basta conhecer teoricamente a Doutrina Espírita para poder assumir a responsabilidade da direção dos trabalhos mediúnicos de um Centro Espírita. Também não importa a posição social, nem os títulos científicos. Posição social e títulos científicos ajudam muitíssimo, quando o espírita já trouxe, da Vida Espiritual, antes de encarnar, o compromisso da realização duma obra, para maior difusão da Filosofia Espírita. Só assim, ele poderá contar com o apoio de um grupo de Espíritos diretamente interessados no progresso da instituição. Sem esse apoio, por mais proeminente que seja sua posição social e por mais honrosos que sejam seus títulos científicos, o “grupo de médiuns” que tente organizar, logo se fragmentará, desarvorado por irritantes emulações e por freqüentes mistificações! De fato, não é pelo conceito social, nem pelo prestígio científico, que se adquire força moral diante dos Espíritos, para dirigir uma obra divina, como deve ser todo Centro Espírita: é, antes de tudo, pelo padrão moral de sua vida que o doutrinador conquista o direito à cooperação dos Espíritos com ele compromissados, e, dessa forma, consegue manter a união e o progresso do “grupo de médiuns” que dirige, podendo então amparar, de fato, os que buscam socorro nas sessões que preside. Sem essa cooperação, quaisquer que sejam suas credenciais perante os homens, jamais poderá manter, nas reuniões, um ambiente de concórdia e de respeito; e, muito menos, logrará livrar da magia negra os “macumbados”, que lá comparecem, torturados por terríveis desequilíbrios psíquicos e flagelados por dolorosas privações materiais...

De fato, para solucionar os diversos problemas das criaturas, que, em desespero de causa, batem às portas dos Centros Espíritas, é imprescindível que o presidente conte com a colaboração de Espíritos de diferentes categorias, cada qual trabalhando num setor compatível com seu nível de evolução e com as experiências que levou deste mundo. Se para curar os enfermos indispensável se torna a cooperação de Espíritos que foram médicos, ou, pelo menos que foram “curandeiros”, isto é, médiuns curadores, que, na existência terrena, receberam orientação espiritual a respeito dos imensos recursos terapêuticos da flora medicinal, para aliviar uma obsessão ou qualquer Espiritopatia das várias psicopatias classificadas pela Psiquiatria, é obrigatória a intervenção de ex-africanos, Espíritos conhecedores da magia negra e dos recursos para neutralizar-lhe os temíveis efeitos.

Entretanto, conforme procurei deixar bem claro, a colaboração espiritual recebida por um presidente de Centro Espírita é o resultado de compromisso realizado no Além, antes da reencarnação, compromisso que, nada obstante, fica condicionado ao comportamento moral de quem traz a sublime incumbência de trabalhar para o progresso do Espiritismo. E é por desconhecerem tal fato que muitos médiuns vaidosos, mal principiam a obter as primeiras manifestações, já se julgam “eleitos”, predestinados a dirigirem seu próprio Centro, razão por que abandonam aquele onde se vinham beneficiando. Mas, na verdade, quando tal deserção é injusta, movida apenas pela megalomania de ser “presidente”, as trágicas conseqüências não tardam. Espíritos mistificadores, inimigos do Espiritismo, intrometem-se, sorrateiramente, no “grupo da vaidade”, e, com nomes pomposos, disfarçados em respeitáveis líderes espíritas, a pouco e pouco, vão conquistando a confiança dos incautos, até que o desmascaramento das fraudes vem por à mostra

o desprestígio espiritual do “presidente-desertor”, arvorado, por conta própria, em apóstolo da Doutrina Espírita! E o pior é que, não raro, insaciado com a insólita traição, o desertor ainda tem a ousadia de afirmar, publicamente, que, com ele, desertaram, também, os Guias do Centro que atraíçoou, como se essa questão de proteção espiritual não estivesse regulada por leis invioláveis e os Espíritos Missionários, mentores de determinada obra, não tergiversassem em trair velhos compromissos, para acompanhar o primeiro pelintra que deliberasse escafeder-se, pavoneado em “presidente” doutra organização!

Para maior perplexidade dos que não têm grande experiência acerca da gênese dos fenômenos, é sabido que, via de regra, quando, num Centro, surge um médium de materialização, os Espíritos que lá se materializam, logo passam a materializar-se, também, em vários outros locais, como se, para materializar-se, só houvesse, do lado de lá, um punhado de Espíritos predestinados! Entretanto, quando a aparência dos fantasmas materializados coincide, exatamente, com o aspecto físico das materializações observadas com outro médium, o que ocorre é o seguinte: a vaidade do médium, ajudada pela boa fé dos assistentes, levou-o a mentalizar a materialização de Entidades conhecidas no meio Espírita. Ora, para materializar-se, um Espírito precisa não só do fluido específico do médium de materialização e do fluido vital de todos os presentes, como deve contar com ambiente livre de pensamentos fixos e de tensão emocional, motivo por que pede canto ou música. Além disso, ele próprio e os Espíritos cientistas, que o assistem no fenômeno da materialização, deverão mentalizar o corpo a materializar-se, consoante os caracteres morfológicos que teve na encarnação terrena. Nessas condições, o desejo ardente e o pensamento concentrado em determinada En-

tidade, constitui tremendo obstáculo à organização do ectoplasma. E, quase sempre, para evitar decepções, que poderiam redundar em graves prejuízos espirituais para os iniciantes, o Espírito destinado a materializar-se vê-se obrigado a valer-se da forma-pensamento plasmada pelo desejo do médium, ou dos assistentes, tomando a aparência física do Espírito desejado. Nesta hipótese, embora a aparência seja a mesma, o Espírito é outro — fato que passa despercebido, porque, além de difícil, a identificação de um Espírito depende de sua própria vontade. E aí está a razão por que, atualmente, o mesmo grupo de Espíritos aparece em vários Centros, como se só eles tivessem o privilégio de materializar-se.

Contudo, no caso, não há propriamente mistificação: a intenção é provar a sobrevivência mediante a materialização de antigo habitante deste mundo. Seja ele qual for, provado que, como Espírito, continua vivo, provada fica, outrossim, nossa imortalidade. Sem embargo, no caso do médium que, desertando dum Centro, finge que está sob a direção dos Protetores do Centro por ele repudiado, aí a coisa muda de feição — é fraude. E a prova não demorará. Abusando do nome de Espíritos elevados, aos quais deve o máximo respeito, os Espíritos mistificadores esfacelarão a obra que pretendeu construir. E, desgraçadamente, contra o progresso do Espiritismo, o fato se reproduz por toda parte, com formação de novos grupos e constante divisão de forças, tudo porque a maioria ainda não se convenceu de que, para dirigir um Centro, é preciso merecer o apoio dos Espíritos encarregados da expansão do Espiritismo em nosso planeta!

MÉDIUNS MISTIFICADORES & MÉDIUNS MISTIFICADOS

Para infortúnio do Espiritismo, em proporção ao número de médiuns verdadeiros, é enorme a quantidade de médiuns, mistificadores e de médiuns mistificados existentes na atualidade.

Sem embargo, para início de conversa, urge ressaltar que ao Espiritismo nenhuma responsabilidade lhe cabe por tamanho descabro.

Com efeito, é preciso não confundir médium — intermediário na comunicação dos habitantes do “outro mundo” com a humanidade terrena — com espírita — partidário da Filosofia Espírita, codificada por Allan Kardec. O médium, médium nasce. Suas faculdades medianímicas independem da crença que professa. Originam-se, na verdade, de misterioso trabalho espiritual, a cargo de Espíritos superiores, realizado no perispírito ou corpo espiritual, antes da geração do corpo carnal, quando o médium está prestes a encarnar. Nessas condições, o sistema nervoso do embrião é plasmado sob o impulso de energias espirituais específicas, inexistentes nas outras criaturas. Tais energias constituem, em grande parte, a força vital dos núcleos de origem dos nervos sensoriais. Mercê delas, o médium “vê” e “ouve” imagens e sons que os outros não vêem nem ouvem, e, por isso, repudiam, ingenuamente, essas “visões” e essas “vozes”, considerando-as meras alucinações...

De toda forma, é necessário frisar que não só a “vidência” e a “audiência” como as demais faculdades mediúnicas não são apanágio do espírita — são características do médium.

De fato, como é notório, o advento do Espiritismo é recente: data da publicação de *O Livro dos Espíritos*, obra fundamental da Filosofia Espírita, em 18 de abril de 1857. Contrastando com esse fato, a prática da mediunidade ou seja o mediunismo é antiquíssima: perde-se nas brumas dos tempos, quando os primitivos habitantes das cavernas já recebiam, através dos curandeiros, orientação para o tratamento das doenças e para a cura dos ferimentos...

Embora, no transcurso dos séculos, tenha variado sobremodo a denominação, o fato é que o hierofante, o profeta, o pajé e o “pai de santo” nada mais são do que médiuns. O prestígio, que em todas as épocas desfrutaram, sempre lhes adveio da faculdade de entrarem em contato com os habitantes do Além.

Ora, se a mediunidade é faculdade inata nos mais remotos terrícolas e sua prática, o mediunismo, fato encontradíssimo nas mais diversas nações desde os primórdios das civilizações, é evidente que não existe, como geralmente se imagina, uma conexão absoluta entre ser médium e ser espírita. Mesmo presentemente, quando o Espiritismo já se expandiu em vários países, sobretudo no Brasil, muitos são os espíritas que não são médiuns e muitíssimos os médiuns que não são espíritas. E é por não atentar nesse fato que numerosos cidadãos conceituam desprimorosamente o Espiritismo. Passando das palavras aos fatos, vou apontar um exemplo de médium mistificado.

Duma feita tive oportunidade de tratar duma senhora, que à margem dos medicamentos para os distúrbios nervosos e a hipertensão arterial, desejava orientação para seu problema

espiritual. Por falta de conhecimento doutrinário, freqüentou e trabalhou como médium numa organização umbandista da qual se viu forçada a afastar-se por não suportar a truculência do “chefe do terreiro”. Na verdade, o processo é bárbaro. Para afastar os obsessores que se apoderam dos “cavalos”, o chefe do terreiro, dizendo-se o caboclo tal, avança para o médium “manifestado” e, para expulsar o Espírito mau, agarra-o à unha, soca-o contra a parede, dá-lhe chaves de dedos, entra, enfim, em violenta capoeiragem com o pobre médium, quase sempre uma mulher frágil, que no dia seguinte, com o corpo coberto de equimoses, passa o dia derrengada, sem ânimo para as lides domésticas... Em suma — um sistema cruel e improficuo. Improficuo porque se “manifestado”, o “cavalo” fica anestesiado, pela exteriorização da sensibilidade, igualmente insensível à dor é o Espírito que o “tomou”; cruel, porque, embora, no momento, não magoe o médium, castiga-o ao despertar, deixando-o estropiado no outro dia! De toda maneira, um procedimento condenável, que atesta sesquipedal ignorância e ausência total de proteção espiritual!

E o pior é que muita gente confunde essa coisa com Espiritismo! O mais grave, porém, é que muitos médiuns, embora constrangidos com a convivência de alcoólatras, que comparecem para dar “passes” fedendo à marafa, não têm coragem de romper o vínculo espiritual com tão sórdido ambiente, temerosos da vingança dos “protetores” da “tenda”. Permanecem, portanto, com graves riscos, num círculo que, não obstante destinar-se à prática da caridade, por incompetência dos dirigentes, se transformou num antro de mistificadores e de mistificados, amalgamados por aviltante vampirismo espiritual!

Todavia, o Espiritismo, nada tem a ver com tais fatos. Nem mesmo a verdadeira Umbanda, porque quando o umbandista é iniciado, sabe, de experiência própria, que Espíritos maléficos se afastam não aos trancos e aos golpes de capoeira, mas

pela força moral e pela assistência espiritual do “pai de santo”. Isso, aliás, é uma lei geral que abrange todas as religiões que cultivam o intercâmbio direto com o Mundo Espiritual.

Entretanto, independentemente dos falsos Centros Espíritas, que tanto mal causam ao Espiritismo, há por aí muitos médiuns que, por falta de orientação, e, sobretudo, por obstinada vaidade, se metem em empreitadas para as quais não estão espiritualmente preparados. O resultado é que, a despeito da boa intenção e de algumas qualidades morais, esses médiuns vaidosos acabam vitimados por sua presunção, como presas inconscientes de Espíritos mistificadores, que, disfarçados com o nome de Mensageiros da alta espiritualidade, dão comunicações abaixo da crítica e terminam, não raro, completamente obsedados.

Posto que procedam de boa fé, esses médiuns dão ensejo a lamentáveis decepções do Espiritismo. Quase sempre desconhecendo os rudimentos da Doutrina, arvoram-se em “receitistas” e “curadores”, com graves prejuízos para o próximo e para o Espiritismo.

Com efeito, dentre outros, posso citar um caso que me foi dado observar. Em estado de grande angústia, compareceu ao meu consultório uma jovem, que me vinha solicitar fosse ver sua mãe em Madureira. Não dispondo, porém, de tempo para visita tão distante, recusei inicialmente o chamado. Não obstante, a moça insistiu e abriu-se comigo. Explicou-me que a mãe, depois de algum tempo de sofrimento, em virtude de terrível dor na perna, fora operada e que, na ocasião, os colegas preveniram à família sobre a possibilidade de agravar-se o mal, hipótese em que o recurso seria a amputação do membro. E, de fato, após efêmera cura, a dor voltou, cada vez mais cruel, enquanto que a coxa se avolumava dia-a-dia. Apavorada com a ameaça de amputação, a paciente não quis voltar aos antigos

médicos e, apesar de não ser crente, em desespero de causa, deliberou apelar para o Espiritismo. E não lhe foi difícil encontrar um médium para assisti-la. Discordando dos médicos, o médium diagnosticou “trabalho de magia” e prometeu curá-la. E, na verdade, de graça e com grande dedicação, vinha dando “passes” e prescrevendo mezinhas havia vários meses. Contudo, a situação estava agravando-se a olhos vistos. Por isso queria minha opinião. Compreendendo a gravidade da situação e a posição delicada do Espiritismo, com sacrifício, resolvi ir à casa da doente. E a impressão foi deveras chocante. O caso era berrante. Pelo menos um terço do fêmur estava transformado em volumoso osteossarcoma e a salvação seria, talvez, a amputação imediata! Usei, pois, da máxima franqueza, desmentindo o médium e recomendando o internamento num serviço de câncer. Depois disso, perdi o contato com a família, mas soube por terceiros que a pobre senhora fora internada na Santa Casa, onde aguardava a operação.

Em conclusão, um caso doloroso, em que a leviandade de um médium mistificador ou mistificado, não posso afirmar qual das duas hipóteses deve prevalecer, contribuiu para decepcionar uma família inteira a respeito do Espiritismo!

Contudo, ao Espiritismo é que não coube a menor culpa. Se o tal médium tivesse perfeita noção dos princípios básicos da Doutrina Espírita e se estivesse compenetrado da enorme responsabilidade da prática da mediunidade, nunca se deixaria empolgar a ponto de mistificar ou de deixar-se mistificar, contanto que aos olhos dos leigos aparentasse o que, na realidade, não era. E, como esse, há muitos por aí, a esparramar a confusão e a achincalhar o Espiritismo, sem que ao Espiritismo caiba a mínima culpa, de vez que procedem contrariamente aos ensinamentos da Doutrina Espírita!

13

**DO DESENVOLVIMENTO
MEDIÚNICO**

Em palestras anteriores, ao mostrar o mecanismo das Espiritopáticas, isto é, das doenças provocadas, exclusivamente, por atuação espiritual, tive oportunidade de chamar a atenção dos médiuns displicentes sobre as graves conseqüências, que lhes podem advir, pelo menoscabo com que, porventura, encararem o cumprimento de seus deveres espirituais.

Hoje, como irmão mais velho e mais experimentado, cabe-me o indeclinável dever de orientá-los, antes que algum deles, estimulado, quiçá, por minhas palestras, resolva encaminhar-se para um Centro, em busca do desenvolvimento das faculdades mediúnicas.

Na verdade, dada a disparidade de ensinamentos e, sobretudo, de práticas, que por aí existem, não é fácil ao neófito discernir onde está o verdadeiro Espiritismo. O ideal seria, portanto, que, primeiro que procurasse o Centro, o iniciante tomasse contato com as obras básicas da Doutrina Espírita. E, para melhor aproveitamento didático, deveria iniciar a leitura pelo *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, passando em seguida, para *O Céu e o Inferno*, e, depois, para *O Livro dos Espíritos* — todos de autoria de Allan Kardec. Essa ordem é proveitosa, sobretudo, para os que vêm do Catolicismo, ou do Protestan-

tismo, a fim de que não sintam, com maior emoção, o choque decorrente do desmoronamento dos dogmas absurdos a que estavam, anteriormente, escravizados, pelo temor de raciocinarem.

Terminada a leitura dessas obras fundamentais, antes de prosseguir no estudo da Pentalogia Kardequiana, convém que o iniciante leia, de Léon Denis, *Cristianismo e Espiritismo* e *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Com a leitura desses livros, o principiante estaria muito bem orientado, podendo formar um conceito justo do incomensurável valor moral e social da Filosofia Espírita. As demais obras, em número muito elevado, seriam lidas, posteriormente, quando o médium já estiver sob os cuidados de provector orientador, num Centro Espírita de verdade.

O essencial, pois, é que o médium, antes de comparecer ao Centro, esteja teoricamente preparado a ponto de não se deixar ludibriar pelos falsos apóstolos e pelos falsos espiritismos.

Infelizmente, nem sempre é possível proceder dessa forma. Médiuns há que, por falta de instrução, não poderão assimilar os ensinamentos das obras aqui mencionadas. Outros existem, que, torturados pelo desequilíbrio da mediunidade, assediados por Espíritos menos evoluídos, não lograrão compreender patavina da Doutrina, embora dotados de sólida cultura humanista. Uns e outros precisarão, portanto, de amparo espiritual, para que possam entender e valorizar a Doutrina Espírita. Todavia, para que não se arrependam, devem recorrer à experiência de algum amigo espírita, pedindo-lhe a indicação de um Centro de indubitável idoneidade. Caso contrário, arriscam-se a cair num desses falsos Centros Espíritas, onde, com o nome de “cavalo”, o médium fuma charuto e bebe cachaça, participando do vício, radicalmente condenável, de Espíritos retardatários na ascensão espiritual, presos pelo desejo

de saciarem os vícios, ao aparelho sensorial do médium ignorante, que se deixa vampirizar por “protetores” que estão precisando de proteção!

Contudo, se tal desventura acontecesse ao neófito, que, de boa fé, tentou aproximar-se do Espiritismo e, por azar, embicou para um terreiro africano, nenhuma responsabilidade poderia tocar, por isso, à Doutrina Espírita. O erro é da lei, que permite se denomine “espírita” a uma “tenda” em que, além de praticar-se o que o Espiritismo condena, ainda se proíbe a leitura de obras kardequianas, como se fosse possível haver Espiritismo sem Allan Kardec!

Dada a indicação das obras e feita a advertência sobre os falsos Centros Espíritas, vou tocar o dedo na ferida da alma dos médiuns, que, pelo sofrimento, estão sendo chamados ao cumprimento do dever. Cansados de recorrer à Medicina e à religião em que foram criados, muitos desses indivíduos a si mesmos se interrogam sobre o motivo do fracasso do médico e do sofisma do preceptor diante da enigmática provação, que os martiriza dia e noite!

Sirva-lhes de consolo, por enquanto, o saberem que, amanhã, convertidos ao Espiritismo, bendirão as dores que padeceram, porque serviram de cadinho para depurar-lhes o Espírito da ganga das imperfeições morais e dos preconceitos sociais e religiosos, a fim de conduzi-los ao Reino da Luz que lhes mostra a Filosofia Espírita!

Desde já, porém, posso garantir-lhes que, como médiuns, estão compromissados com o Mundo Espiritual, desde que nasceram, ou melhor — antes de nascerem. Porque, com efeito, a mediunidade é organização perispiritual, elaborada por Espíritos superiores, na fase preparatória da nova encarnação, trazida como encargo que o Espírito aceitou, senão como oportunidade que suplicou para redimir longo passado de erros, com graves prejuízos de seus semelhantes!

De toda forma, regressando à Terra, o médium deixa, nos planos espirituais, velhos companheiros — uns, amigos ou parentes queridos; outros, rancorosos desafetos, outrora prejudicados — todos, irmãos sofredores desejando melhoria de situação. E a todos o médium, antes de obter novo corpo, prometeu, solenemente, amparo através de suas faculdades. De modo que, chegando o momento propício ao desabrochamento da mediunidade, fato que ocorre, via de regra, entre 18 e 21 anos, é da lei que os Espíritos, cuja evolução depende, em grande parte, da ajuda do médium, dele se aproximem, tentando, gradativamente, a sintonização das vibrações do seu perispírito ao perispírito do médium, com o fito de comunicar-se com nosso plano e receber, de um doutrinador terreno, a orientação de que carecem. Fato que se justifica, em virtude da barreira vibratória que se interpõe entre o psiquismo negativo de um sofredor e as luminosas emissões telepáticas dos Mestres, criando, muitas vezes, sérias dificuldades, para o intercâmbio mental entre Espíritos que se encontram em planos evolutivos incompatíveis; ao passo que, na Terra, o Espírito sofredor, unido ao médium, pela adaptação de seu perispírito aos órgãos da audição do médium, ouve tão perfeitamente a palavra do doutrinador terreno, como se encarnado estivesse também!

Justificada tal aproximação, se, acaso, o médium ouviu o que expliquei a semana passada, compreenderá porque, com a atuação do Espírito sofredor, seja ele amigo ou inimigo, irá sentir desagradável desequilíbrio na saúde, manifestando-se-lhe, a pouco e pouco, o quadro da doença que determinou a passagem desse Espírito para o outro lado da vida.

E é, assim, acometidos por misteriosas enfermidades que a maioria dos médiuns procura a Doutrina, depois que todos os recursos fracassaram.

Ora, enfermos como se encontram, se, acaso, quiserem desenvolver a mediunidade, o protetor que terão será o próprio sofredor que os está prejudicando. Por um motivo muito lógico. Todo o segredo da manifestação dos Espíritos reside na adaptação do perispírito do Espírito ao perispírito do médium. Ora, com o perispírito impregnado de fluidos pesados e obscuros, como são os fluidos do sofrimento, é claro que ao médium nessas condições só se poderão adaptar Espíritos sofredores. Por isso mesmo, não será difícil que, mal penetre no Centro, se for convidado a participar da “corrente”, o neófito, embora ignorando tudo acerca da mediunidade e do Espiritismo, logo seja “tomado” ou, melhor, “controlado” pelo Espírito sofredor que com ele andava!

Entretanto, se tal acontecer, é profundamente lamentável, porque, neste caso, por um princípio que prevalece no Mundo Espiritual, o Espírito que “abre” a mediunidade, isto é, que dá a primeira manifestação falada, a psicofonia, esse fica, por direito, como responsável direto pelo médium. De modo que, se o médium, através de constantes orações, não cuidar de melhorar o padrão vibratório de seu protetor, numa surpreendente inversão de papéis, em que o médium deve ajudar a evolução do protetor, para que, mais tarde, o protetor, já esclarecido, o ajude também, acontecerá com ele o que tem acontecido com muitos outros médiuns — ao invés de melhorar da saúde, piorará muito, depois que lhe derem como “pronto”! Da verdadeira simbiose com o Espírito sofredor, considerado Guia espiritual, quando é, apenas, usufrutuário dos fluidos vitais do médium, redundará fatalmente um processo de mediunidade torturada, que tanto se poderá manifestar sob a forma duma psiconeurose, como doutra qualquer entidade nosológica.

Tudo isso será evitado, no entanto, se o médium, em vez de correr para o Centro, na ânsia de abrir, precocemente, a mediunidade, visando, apenas, aliviar-se dos sofrimentos, para

retornar à vida fútil da maioria dos homens, cuidar de preparar-se, moralmente, pela leitura das obras básicas, ou pela frequência às palestras doutrinárias, e só depois, quando houver compreendido a gravidade de sua missão, pensar em desenvolver suas faculdades. Pois, como o nome o diz, desenvolver a mediunidade é, sobretudo, espiritualizar-se, destituindo-se de todos os defeitos graves — o orgulho, a vaidade, o ciúme, a concupiscência, a ganância, o apego aos bens materiais, o hábito de falar da vida alheia ou de encarnecer os defeitos dos outros ou de mentir etc. Além disso, para ser, verdadeiramente espírita, não pode manter qualquer vício, como fumar. E para ser médium de Espíritos elevados, verdadeiros “Instrutores da humanidade”, não pode, absolutamente, beber, nem um gole de qualquer bebida alcóolica, como não pode jogar, seja que jogo for, nem por brincadeira. Só assim, por um regime de autodisciplina moral, evitando a atração de Espíritos atrasados, o médium consegue, gradativamente, modificar o campo vibratório de seu perispírito, permitindo-lhe a sintonização com verdadeiros Mestres, de tal modo que possa desenvolver suas faculdades, não com Espíritos sofredores e obscurecidos, como, desgraçadamente é a regra, mas com mensageiros dotados de valiosos conhecimentos e conscientes de suas responsabilidades no movimento de renovação espiritual do homem, que, mais dias, menos dias, será fatalmente, levado avante pela Doutrina Espírita!

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEDIUNIDADE

É cada vez maior o número de criaturas, que, aparentando taras nervosas, ou ostentando quadros de diversas psicopatias, sofrem, na realidade, as conseqüências da mediunidade descontrolada.

Acreditem ou não os psiquiatras, a maioria de seus clientes são indivíduos dotados de faculdades supranormais, mediante as quais podem, de fato, entrar em relação com os Espíritos.

Todavia, não é pelo fato de entrarem em relação com o Mundo Espiritual, isto é, não é pelo motivo de serem médiuns, que tais indivíduos se tornaram psicopatas. Porque, em relação com o Além, sempre estiveram, em todos os tempos, grandes vultos da humanidade, hoje considerados gênios ou santos. E todos os fatos tidos e havidos, em todas as religiões, como autênticos milagres, nada mais são do que fenômenos de mediunidade. De fenômenos de mediunidade está constituída a hagiologia católica e a história sagrada de todos os povos. Sem embargo, seria anticientífico afirmar que as levitações de São Cupertino e as visões de Santa Tereza foram sintomas de desequilíbrio mental. Da mesma forma, seria veleidade considerar as levitações de Home — mais freqüentes e mais bem controladas do que as do santo católico — e as vi-

sões de Swendenborg — tão verdadeiras quanto às da célebre carmelita — como meras manifestações psicopáticas. E, na verdade, fora do transe ou do êxtase — estados inerentes à mediunidade — nem Home, nem Swendenborg jamais revelaram qualquer indício de desequilíbrio mental. Ao contrário, ambos se comportaram, sempre, como pessoas muito sensatas.

Não é, portanto, a mediunidade em si, que provoca a psicopatia: é a rebeldia do médium, que, sentindo, na própria carne, os sinais da mediunidade, foge ao cumprimento do dever espiritual. Se, ao invés de deixar-se dominar pelo comodismo, pela timidez ou pelo sectarismo religioso, o médium seguisse a voz de sua consciência, romperia, certamente, as amarras dos preconceitos e iria indagar, de quem o pudesse orientar, a causa de seus padecimentos, já que, o médico e o padre não lh'a souberam explicar satisfatoriamente. Evitaria, assim, que os sintomas, por sua persistência e intensidade, e, sobretudo, por sua qualidade, assumissem caráter mórbido, transformando-o em infeliz psicopata.

Com efeito, em contato direto com os Espíritos, vendo-os, às vezes, outras vezes, ouvindo-lhes a voz, de toda sorte, sentindo-lhe a presença, o médium, em tal situação, pouco poderia lucrar com a orientação dos que, alheios aos fenômenos mediúnicos, se estribam em teorias absurdas, ou se agarram a suspeitos versículos bíblicos! Orientar, mesmo, só o poderia orientar quem conhecesse o assunto, como o espírita — sobretudo, se fosse médico.

E não se diga que ao Espiritismo cabe a responsabilidade desses deploráveis desequilíbrios mediúnicos. Há, presente, no mundo inteiro, sobretudo nos centros de maior civilização, numerosos indivíduos, estranhos ao movimento espírita, ignorando-lhe a Doutrina, combatendo-a, talvez, e, nada

obstante, sofrendo sérios distúrbios nervosos, cuja verdadeira causa é a “atuação espiritual”. Com o quadro da psiconeurose, o que neles se disfarça é, de fato, a Espiritopatia.

Na verdade, as leis de Deus pairam muito acima das teorias científicas e das crenças religiosas. Por isso mesmo, teorias e crenças são efêmeras, ao passo que a verdade divina é eterna. O médium, médium nasce; e, queira ou não, médium será a vida toda, qualquer que seja sua filosofia ou religião. Assim sendo, crendo ou não, sofrerá, sempre, a influência do Mundo Espiritual: nunca deixará de ser assediado pelos Espíritos. E, como do lado de lá, há Espíritos nos mais díspares graus de evolução — uns, de grande pureza e supinamente felizes; outros, muito imperfeitos, em inenarráveis sofrimentos — evidente se torna que, consoante a categoria do Espírito que dele se aproxima, irradiando-lhe o pensamento sobre o cérebro, numa tentativa de externar o desejo que o empolga, ou a angústia que o tortura, o médium, tanto pode sentir indescritível bem estar como pavorosas sensações. Se o Espírito é evoluído, e, portanto, feliz, a sensação que proporciona é agradável. Caso contrário, nem preciso insistir — os psiconeuróticos conhecem-nas bem.

Contudo, para que se não diga, que essa coisa de Espírito sentir sensação, como se ainda estivesse ligado ao corpo, e, — mais do que isso — transmitir ao médium os sofrimentos que o excruciam, é absurdo devaneio, lembro três fatos fundamentais, que, até hoje, não foram valorizados pelo mundo científico. O primeiro é que, contrariamente à lei da especificidade dos órgãos, está provado, inclusive pelo testemunho insuspeito de César Lombroso, que, em certas pessoas, pode dar-se a transposição dos sentidos. Assim: depois de injustificável cegueira, o paciente passa a ver pela nuca, ou pelo cotovelo, ou pelo dedo do pé, ou por outra qualquer parte do corpo. O

mesmo pode ocorrer, em relação à audição e ao olfato, que, transpostos para outras regiões anatômicas, lá funcionam perfeitamente, sem os órgãos adequados.

Corroborando com este fato, verdadeiramente assombroso, há o caso não menos fantástico da exteriorização da sensibilidade, observada não só no sonambulismo espontâneo como na hipnose profunda, conforme teve oportunidade de comprovar, dentre outros, De Rochas, ex-diretor da Escola Politécnica de Paris. Embora, nesses casos, o paciente nada sinta, podendo ser espetado, queimado, torturado mesmo, a sensibilidade não está destruída: está, fora dos nervos, disposta em camadas, ou em ondas luminosas, perceptíveis pelos videntes. Logo que volte ao corpo, reabsorvida pelo sistema nervoso, momentos antes do sensitivo despertar do transe, tudo voltará ao normal.

Ora, esses dois fatos reunidos — a “transposição dos sentidos” e a “exteriorização da sensibilidade” — servem para demonstrar que, embora normalmente a sensibilidade e os sentidos estejam adstritos a um *substratum* material — o órgão específico — não são, de fato, produzidos pelo elemento nervoso — a verdadeira causa da sensibilidade e dos sentidos reside, ao contrário, em misteriosa radiação, que não só pode ser transportada por via extra-sensorial, ou melhor, extraneorônica, para zonas desprovidas de receptores adequados, como pode, também, ser retirada do corpo, permanecendo, no ar, à distância de até três metros, segundo os cálculos de alguns investigadores.

Pois bem, essa misteriosa radiação é precisamente, aquilo que, se denomina perispírito, também chamado, corpo astral e corpo espiritual, na verdade complicado campo electromagnético, imperceptível, pelos mais sensíveis aparelhos científicos, mas que, conforme testemunham os videntes e afirmam

os Espíritos comunicantes, acompanha o homem depois da morte e continua a ser, no Plano Espiritual, o instrumento das sensações dos habitantes do Além.

Assim sendo, fácil é admitir que, embora desprovido do sistema nervoso, o Espírito, pelo fato de levar, com ele, a energia específica do *sensorium* pode continuar a sentir, depois de morto, todas as sensações que sentia na vida corporal. E é isso mesmo que afirmam sistematicamente, os Espíritos sofredores, quaisquer que sejam as convicções dos médiuns, em relação a este delicado problema.

Explicado como podem os Espíritos continuar a sentir as desagradáveis sensações que os atormentaram durante a enfermidade de que morreram, passo a mostrar como, em princípio, é admissível, também, que, por telepatia, ou por sugestão durante o sono normal, Espíritos sofredores transmitem suas sensações de sofrimento aos médiuns faltosos, que fogem à prática da mediunidade.

Tal qual como os dois fatos anteriores, está comprovado, desde meado do século passado, que a sensação, independentemente do sistema nervoso, pode ser transmitida de um organismo a outro. Como o problema é profundamente perturbador, a Ciência preferiu silenciar, já que não o pôde negar. Mas contra fatos, não há argumentos. E provado ficou, há quase cem anos, que, no “estado de relação”, estando o sonâmbulo em hipnose, o hipnotizador, sem o tocar, a ele pode ficar ligado, pelas sensações. Assim — se se espetar uma agulha no sensitivo, pode acontecer que, em vez dele, quem sinta a dor, seja o hipnotizador, como aconteceu na Sorbona, com Pierre Janet, e, na Ilha Roubaud, com Charles Richet, durante as experiências com Eusápia Paladino. Por outro lado, se o hipnotizador colocar sobre a língua uma substância ácida ou amarga, pode suceder que o hipnotizado logo perceba o sabor. O mes-

mo poderá acontecer em relação a qualquer odor. Além disso, enquanto o sensitivo, em transe, está surdo ao mundo exterior, não reagindo nem a um tiro de revólver, disparado tão rente ao ouvido que chega a chamuscar-lhe a pele, apresenta paradoxalmente notável acuidade auditiva para qualquer palavra cochichada ao ouvido do hipnotizador.

Donde se infere que o sensorio do hipnotizador e o do “sensitivo”, estão ligados entre si, sem interferência dos neurônios, por meio duma radiação do perispírito — sede de todos os sentidos e de todas as sensibilidades; sentidos e sensibilidades, que, durante a vida corporal e, no estado normal ou fisiológico, estão aprisionados em órgãos especiais, mas que, depois da morte, se libertam da matéria, para reunirem-se, todos, no corpo espiritual ou perispírito.

Nessas condições, evidente se torna que, assim como o hipnotizador pode ficar em “estado de relação” com o “sensitivo”, de tal modo que um sinta as sensações que deveriam ser sentidas pelo outro e, isso, a despeito de não haver qualquer comunicação nervosa entre os dois organismos, assim também o médium, atuado por Espírito sofredor, pode sentir, por via extra-sensorial, somente pela “radiação psíquica”, todas as sensações que estão a martirizar o Espírito se, assim, no médium, o quadro clínico da doença que o vitimou, caso que, por ser legítima Espiritopatia, só encontrará tratamento adequado por parte daqueles que aliam aos conhecimentos médicos os conhecimentos espíritas.

Em conclusão: o médium, qualquer que seja a sua crença, é um compromissado com o Mundo Espiritual. Instrumento para aliviar as dores de inúmeros Espíritos desencarnados, jamais poderá fugir, impunemente, aos deveres inerentes ao exercício de suas faculdades supranormais: sua felicidade depende da prática da mediunidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PRODUÇÕES MEDIÚNICAS

Ao lado das falsas produções mediúnicas, originadas da falta de preparação doutrinária dos médiuns, existe, atualmente, na literatura espírita, colossal documentação, comprobatória de fatos absolutamente autênticos, que demonstram, insofismavelmente, a origem extraterrena dos fenômenos.

Ainda agora, acabo de reler interessante reportagem, publicada em fevereiro de 1953, na tradicional *Revue Spirite*, fundada em 1858, pelo glorioso codificador da Doutrina — Allan Kardec. Fê-la, o jornalista Moreau e refere-se aos quadros pictóricos e aos desenhos mediúnicos do pintor Fernando Demoulin, quadros e desenhos, esses, que foram doados pela viúva do artista ao Museu de Brantôme, modesta cidade francesa.

Qualquer que seja o conceito que formastes a respeito das mensagens espíritas, posso assegurar-vos, que os fatos aqui apresentados são verdadeiros, e, por conseguinte, dignos de estudo crítico e de meditação.

Tal como aconteceu com Demoulin, via de regra, a pintura e o desenho mediúnicos manifestam-se em pessoas dotadas de relativa educação artística. Contudo, quer pela técnica da execução, quer pela rapidez da confecção, quer, sobretudo, pelo valor artístico da obra, nas verdadeiras produções mediúnicas, é, sempre, flagrante a superação do próprio artista.

Com efeito, quando Demoulin, levado por um amigo, foi assistir a uma sessão de “mesa falante”, na residência do afa-mado dramaturgo Vitoriano Sardou, já era pintor de reconhecido mérito. Todavia, sua técnica e sua arte estavam de acordo com a arte e a técnica da época. Na verdade, como relata um de seus biógrafos, o pintor saiu da casa do dramaturgo convencido de que, realmente, a “mesa falante” era movimentada por inteligências extraterrenas. Mas o que nunca imaginou foi que, dias após, inopinadamente, se lhe apresentassem os primeiros sintomas de mediunidade!

De fato, certo dia, quando pretendia debuxar um quadro, sentiu, de repente, que se lhe inteiriçava o braço, ao mesmo passo que, estranha força lhe impulsionava o membro em involuntárias contraturas espasmódicas. Assombrado, atirou longe o lápis que retinha entre os dedos hirtos e frígidos. E, dias sucessivos, o fenômeno se lhe manifestou com execrável pertinácia, tolhendo-lhe a liberdade de trabalhar. Era pegar do lápis ou do pincel, mal tentasse delinear o esboço, ou retocar um quadro inacabado, todo o braço se lhe enrijecia, paralisando-lhe a ação, para movimentar-se incoordenadamente. Outras vezes, se tentava esboçar um quadro que concebera, a mão, dominada por vontade estranha, garatujava um turbilhão de traços incoerentes...

Sem embargo, quando o artista, mais acostumado com o fato, perdeu o medo, dando liberdade à força que lhe movimentava o braço, assombrosa surpresa se lhe deparou diante do olhar deslumbrado: foi que, do meio daqueles rabiscos fantásticos, que tanto o perturbaram inicialmente, principiaram a surgir, magicamente, os traços fisionômicos de misteriosas figuras, palpitantes de vida! E tudo com uma técnica tão revolucionária que quem mais se admirava era o próprio artista!

Com efeito, não raro, o esboço principiava por onde deveria terminar, e, no fim, tudo dava matematicamente certo! Houve, por exemplo, desenhos de cabeças humanas que co-

meçavam por uma orelha ou por um olho. Também houve bustos que foram desenhados da maneira mais arbitrária possível: primeiro, um membro; depois, o rosto; em seguida, outro membro, etc. — tudo, separadamente, como se não houvesse plano preconcebido. Entretanto, ao concluir, todas as partes se ajustavam tão harmoniosamente que, sem as provas testemunhais, ninguém acreditaria fossem os desenhos e as pinturas produzidos de maneira tão absurda!

Contudo, a singularidade do fenômeno não estava, somente, nessa desordenada feitura por partes isoladas, que, reunidas, se adaptavam maravilhosamente: estava, também, na presteza da consumação da obra de arte, que durava, no máximo, dez minutos!

E acresce, ainda, uma circunstância: é que, durante a produção, Demoulin permanecia alheio à criação, podendo discutir com os presentes sobre os mais diversos assuntos! De resto, se lhe vendassem os olhos, nem por isso o trabalho cessava; e nunca os retratos atingiram tão sublime perfeição como quando uma equipe de investigadores germânicos deliberou meter-lhe a cabeça dentro dum saco!

Todavia, a produção desses desenhos assombrosos, durou, apenas, dois anos. Porque, assim como o fenômeno surgiu inopinadamente, inesperadamente desapareceu, para maior perplexidade do pintor! Mas, apesar disso, a obra mediúnica de Demoulin foi verdadeiramente grandiosa. Só no Museu de Brantôme estão mais de cem desenhos, que ocupam um salão inteiro. Ao lado, enchendo dois salões, encontram-se os quadros produzidos, em estado normal, pelo consagrado artista. Nessas condições, é fácil o estudo comparativo. Dentre os trabalhos mediúnicos, destacam-se algumas aquarelas e vários quadros a óleo. Mas em tudo e por tudo diferem dos quadros do próprio pintor. O contraste é tão berrante, segundo um

crítico, que qualquer neófito poderia verificar a diversidade de origem, mesmo que, nos trabalhos mediúnicos do pintor, o verdadeiro autor não houvesse apostado, como sistematicamente o fazia, uma assinatura simbólica, como “Teu velho Mestre”, ou “Astartéa”. E que, no caso, os artistas do Além superavam o artista da Terra, não há dúvida, pois, duma feita, certo crítico francês, ao contemplar, embevecido, os desenhos mediúnicos não pôde deixar de exclamar: “Isto não são retratos — são estados d’alma!”

Contudo, a despeito da técnica revolucionária e inimitável, ou pelo menos inimitada até hoje, e não obstante a velocidade com que os quadros eram produzidos, bem sei que, desgraçadamente, em face dos fantásticos poderes concedidos, pela Moderna Psicologia, ao inconsciente, tornando-o onisciente e todo-poderoso, não duvido que, dentre os que me ouvem possa haver alguém que não repute a prova apresentada como cabal demonstração da manifestação dos Espíritos. Por isso mesmo, junto à prova da manifestação artística, que, implicitamente, demonstra a sobrevivência dos artistas que a produziram, por intermédio do pintor encarnado, outra prova, talvez mais convincente ainda, porque, através dela, se identifica um Espírito desconhecido de todos — médium e assistentes — cujos comprovantes só foram obtidos posteriormente. Fica assim afastada a objeção de que os dados fornecidos pela Entidade poderiam ter sido fatos extraídos do subconsciente das pessoas presentes à experiência.

O caso, tomo-o de empréstimo a Ernesto Bozzano, afamado pesquisador, justamente admirado por sua cultura e por sua inteireza de caráter, que, por sua vez, o colheu em *Au revoir, not good bye*, de autoria de Walter Appleyard, Lorde Maior de Scheffield.

Em síntese, as coisas se passaram dessa maneira: valendo-se de um médium pertencente à alta sociedade inglesa, pôde o Lorde obter provas decisivas da sobrevivência de sua própria esposa. Para ele, pessoalmente, a imortalidade e a comunicação dos Espíritos estavam definitivamente demonstradas. Mas para os demais, talvez não o estivesse. Por isso, sua esposa, que, em vida, se preocupara com os fatos espíritas, se propôs a cooperar com os descrentes, dando-lhes uma série de provas complementares, absolutamente irrecusáveis. E, de feito, dias após, incorporada no médium, anunciou que iria trazer à reunião um Espírito desconhecido, cuja posterior identificação seria, evidentemente, de grande valor teórico para a Doutrina.

Momentos depois, manifestou-se um Espírito, que, dentre muitas outras coisas, disse chamar-se George Martin, ter sido mestre-escola, haver residido à Rua Sussex Road, 112 e que fora casado com uma senhora chamada Annie, ainda viva, tendo ele falecido com 65 anos de idade, havia cinco anos.

Pois bem, pondo-se em campo, o Lorde inglês pôde obter confirmação de tudo quanto afirmara o Espírito. No Departamento de Instrução Pública, conseguiu os dados relativo à vida profissional e à escola onde servira Martin; num velho anuário, encontrou o nome de George Martin figurando como morador à Rua Sussex Road, 112 e, finalmente, descobriu a moradia da viúva — tudo exatamente conforme o Espírito do ex-professor havia dito!

Em conclusão: apesar das mistificações, e à margem das teorias aparentemente científicas, adrede engendradas para eliminarem os postulados espíritas, força é reconhecer que, até o presente, não há nenhuma hipótese, ou teoria que, com maior clareza, possa explicar fatos como os que acabo de apresentar, do que a Doutrina Espírita. Logo, até prova em contrário, é com o Espiritismo que está a verdade!

EM TORNO DA ATIVIDADE DO ESPÍRITO DURANTE O SONO

Contrariamente aos princípios da Psicologia clássica e à capciosa interpretação psicanalítica dos sonhos, a Doutrina Espírita ensina que a encarnação terrena se desdobra, para o homem, em dois planos vivenciais: um, em que as vivências ocorrem no estado de vigília; outro, no qual as vivências se processam durante o sono, ambos diretamente ligados ao destino do Espírito, embora separados um do outro por misteriosa lacuna da memória. Lacuna essa que se observa, também, entre o estado de vigília e o sono sonambúlico ou sonambulismo, e o estado de vigília e o sono hipnótico ou hipnose.

Vale dizer, pois, que, à luz da Filosofia Espírita, o homem vive, na verdade, duas vidas paralelas: uma, acordado, outra, dormindo, sendo muito difícil julgar, sob o ponto de vista espiritual, qual das duas é mais significativa, porquanto ambas são imprescindíveis ao progresso do Espírito.

Com efeito, embora, aparentemente, o sono seja um período de repouso para o corpo e para o Espírito, na realidade, não representa inação nem para o corpo nem para o Espírito. Porque se é certo que, durante o sono, é flagrante a abolição quase total dos movimentos voluntários, estando patente o relaxamento muscular; e se é certo, outrossim, que a consciência

está completamente extinta no que concerne às excitações do mundo exterior, não é menos verdade, no entanto, que, apesar da enganadora imobilidade do corpo, interiormente, persiste o dinamismo vital, traduzido na atividade fisiológica de trilhões de células, que jamais descansam; e, fora do alcance dos sentidos humanos, oculto no ilusório repouso do Espírito que anima o corpo adormecido, surge, durante o sono, para o Espírito encarnado, nova forma de atividade, onde as vivências são assinaladas por maior liberdade espiritual, de vez que não estão condicionadas ao mecanismo dos órgãos materiais, dependendo, tão-somente, do corpo Espiritual, corpo astral ou perispírito, que, no Mundo Espiritual, é — diga-se de passagem — o instrumento normal das manifestações do Espírito eterno.

Não fora, pois, a amnésia, que, ao despertar, tal qual ocorre no transe, seja ele mediúnico, sonambúlico ou hipnótico, elimina do campo da consciência as vivências desenroladas durante o sono, não fora essa amnésia, repito, ninguém poderia duvidar de que o sono, longe de ser, como parece, enigmática síncope das atividades espirituais, com paralisação total do estado de consciência, é, ao contrário, momentânea libertação do Espírito encarcerado no corpo carnal, para utilíssima incursão no Mundo Espiritual.

De fato, como afirma a Doutrina Espírita, o Espírito encarnado, durante o sono diário, não só realiza, sob a proteção de seu Guia Espiritual, admirável trabalho de reparação das energias do corpo espiritual ou psicossoma, como amplia suas experiências, no contato com habitantes do Além, convivendo com Espíritos que lhe são afins. Ora, sendo o corpo espiritual ou perispírito, complexo campo de força vital e, por consequência, o animador por excelência da vida celular, evidente se torna que, reforçando as energias do perispírito, o sono, logi-

camente, deverá reanimar, e reanima mesmo, o corpo exausto pelo trabalho diuturno. Portanto, sem entrar na discussão das teorias admitidas pela Ciência para explicar a função do sono, todas elas insuficientes, aqui deixo consignado o relevantíssimo papel que o Espiritismo empresta ao sono, como reparador das energias perispirituais e, conseqüentemente, como mantenedor da vida corporal, porquanto, esgotado o perispírito, campo de forças que regula os fenômenos vitais, a morte, fatalmente, se dará!

Todavia, além dessa função reparadora das energias vitais, o sono, pela liberdade que concede ao Espírito, tanto pode colocá-lo em relação com Espíritos benfeitores, que o instruirão e confortarão, como pode aproximá-lo de Espíritos malfeitores, que, por meio dos pesadelos, ou seja — de terríveis quadros mentais, provocados por sugestão hipnótica, causar-lhe-ão grandes sofrimentos traduzidos, clinicamente, como psiconeuroses ou psicopatias, mas que, na realidade, são Espiritopatias.

Posto que não negue, como não o negam, de resto, os espíritos, que haja pesadelos ligados a distúrbios sensoriais, como seria o caso do indivíduo que, acometido por violenta cólica durante o sono, por associação de idéias, viesse a sonhar, por exemplo, que bravo touro, em furiosa investida, lhe transfixava o intestino, a verdade, porém, é que a maioria dos pesadelos se originam da influência espiritual, que habitantes do Além, por sugestão mental, provocam, durante o sono, nos médiuns que, com eles, têm faltas. E se duvidais, caros ouvintes, podeis fazer uma contra-experiência: tomai, como hipótese de trabalho, o que vos acabo de afirmar. Admitir, por um momento, que vossos pesadelos são quadros hipnóticos provocados por vossos inimigos do Além e, através da oração, diariamente proferida à hora de dormir, procurai conciliar-vos com

eles. Com grande surpresa, vereis que, ao fim de pouco tempo, os costumeiros pesadelos terão desaparecido, tornando-se calmo e reparador o vosso sono, sono que, até então fora agitado e insatisfatório, a ponto de despertardes, muitas vezes, mais cansados do que deitastes!

Também não nego, nem a Doutrina o nega, que há sonhos, disparatados ou não, vinculados às preocupações e atividades diárias, e que demonstram, apenas, que durante o sono, o Espírito pode permanecer dominado pelas próprias imagens mentais, que criou durante o dia, com grande tensão emocional.

Esse tem sido, aliás, o campo onde a Psicanálise, valendo-se dum simbolismo absurdo, pôde tirar as mais arrojadas ilações. Entretanto, não é por essa atividade, fragmentária e incongruente, que o espírita pode garantir que o sono, ao invés de ser o colapso das faculdades espirituais, é a libertação do Espírito, para uma vida mais profunda e mais intensa, onde o instrumento da razão e das sensações já não é nem o cérebro, nem os nervos. Baseia-se, ao contrário, a convicção do espírita, em milhares de fatos, que comprovam uma atividade supranormal do Espírito durante o sono normal, enquanto a consciência está apagada para o mundo ambiente.

De fato, é sabido que Voltaire refez, em estado sonambúlico, e melhor do que o escrevera no estado normal, um dos cantos da *Henriade*. Notório é, também, que Massillon, afamado orador sacro, escreveu, em sonambulismo, muitos dos seus melhores sermões. Por outro lado, no artigo relativo ao sonambulismo, a *Enciclopédia Francesa*, obra inspirada no materialismo ateu, relata o caso de um jovem padre, que, todas as noites, em estado de sonambulismo, se levantava e, dirigindo-se à escrivaninha, compunha os sermões que deveria proferir no dia seguinte, durante o dia, voltando, depois, ao leito, para

prosseguir no sono, sem dar atenção ao que se passava em derredor dele. Intrigados com o caso, alguns companheiros interpuseram entre seus olhos, que, por sinal, estavam fechados, e o papel em que escrevia, grosso anteparo de papelão. A escrita prosseguiu, como se nada houvesse ocorrido, o que prova que, além de ver através das pálpebras cerradas, o sonâmbulo, vê, também, através de um corpo opaco!

Corroborando com este exemplo, posso citar, também, o caso observado pelo prof. Soave, da Universidade de Pádua. Trata-se dum farmacêutico, químico de renome e autor de várias descobertas, que, sistematicamente, se levantava sonambulizado e encaminhava-se para o laboratório, onde continuava os trabalhos interrompidos na véspera. Trabalhava com a mesma perícia que lhe era peculiar. Lidava com fogo, acendendo fornos; dosava medicamentos, alguns prescritos em miligramas, tudo com grande precisão, sem jamais se enganar, apesar de permanecer de olhos fechados e, aparentemente, dormindo, indiferente a tudo que não dissesse respeito ao campo de suas atividades momentâneas.

Muitos outros exemplos poderia acrescentar, para mostrar que, enquanto os sentidos permanecem refratários às excitações ambientais e a consciência ausente, o Espírito, continua, de fato a laborar, de acordo com os objetivos que tem em mira. Todavia, penso que, em relação ao sonambulismo, já falei o suficiente. Passo, portanto, ao domínio dos sonhos verídicos, setor onde se comprova, também, a atividade espiritual noutra plano vivencial. Para não me alongar, dois exemplos apenas. Primeiro, o sonho de Mme. Titus, caso célebre, porque convenceu William James, renomado filósofo e psicólogo norteamericano. Uma jovem, Berta, desapareceu, numa vila americana, em 31 de outubro de 1898. Inúmeras pesquisas não na descobriram. Mais de cem pessoas participaram da busca,

vasculhando tudo, inclusive os bosques adjacentes. Alguém suspeitara de que ela se houvesse atirado ao rio mas os escafandristas nada encontraram. Parecia que todas as esperanças estavam perdidas. Contudo, noutra vila, a vários quilômetros de distância, Mme. Titus, vê, em sonho, o local exato, onde se encontrava o cadáver. E, no dia seguinte, parte para lá e aponta exatamente o lugar onde estava o corpo, “de cabeça para baixo, de modo que só se pode ver uma das solas dos pés” disse ela. Seguindo suas instruções o escafandrista mergulhou e encontrou, a sete metros de profundidade, o corpo da desventurada jovem, preso numa galhada e na posição indicada, confirmando-se, assim, nas mínimas particularidades, o sonho de Madame Titus!

Agora, para terminar, o sonho do prof. Hilprecht, afamado arqueólogo, que participara das escavações de Nipour, na Babilônia. Depois de tentar, em vão, a decifração duma escrita cuneiforme encontrada em dois fragmentos de ágata e cuja cópia lhe fora remetida, o arqueólogo estava convencido de que um dos fragmentos era uma proclamação do Rei Kourigalzu, nada concluindo, porém, em relação ao outro. Entretanto, uma noite sonhou que lhe aparecia um sacerdote de Nipour, explicando-lhe que ambos os fragmentos pertenciam à mesma peça. Não se tratava duma pulseira, como imaginara Hilprecht, mas dum cilindro votivo, enviado pelo Rei ao templo de Bel. Não obstante, como posteriormente o rei ordenou fosse adornada a estátua do deus Ninibe com pendants de ágata, e como não houvesse com que atender à vontade real, os próprios sacerdotes deliberaram romper o cilindro, enfeitando com ele o referido deus. Orientado, por este sonho, o arqueólogo, mal despertou, correu a juntar os dois fragmentos e, com grande surpresa, verificou que a inscrição, até então indecifrada, tornou-se claramente inteligível, confirmando o

que, em sonho, lhe dissera o Espírito do ex-sacerdote babilônico! E mais — quando, mais tarde, pôde examinar os originais, o prof. Hilprecht verificou, com assombro, como os dois pedaços se ajustavam exatamente, prova de que foram, de fato, partidos da mesma peça!

Ora, senhores ouvintes, em face de fatos como esses, não se pode negar a existência e a sobrevivência da alma, pois, como afirma o Espiritismo, o homem vive em dois planos existenciais — o do estado normal, quando acordado, e o do sono, quando o Espírito, parcialmente livre do corpo, vive uma vida semelhante à que viverá, quando, pela morte, se livrar do corpo carnal. Vale dizer que, mesmo encarnado, o Espírito nunca deixa de participar da Vida Espiritual, embora, acordado, raramente tenha consciência disso. De toda forma, porém, como o sono abre ao Espírito a porta para o Mundo Espiritual, o momento do repouso é de transcendental significação, nunca devendo deixar de ser precedido pela oração invocatória da proteção espiritual, para que a noite seja de paz, em companhia de Espíritos bondosos, em vez de ser de atribulações e pesadelos, pela vingança de antigos inimigos, que, ao encarnar, deixamos no outro mundo!

A RESPEITO DOS SONHOS PROFÉTICOS OU MEDIÚNICOS

Em palestra recente, na qual focalizei a função espiritual do sono normal, contrariamente à fantasmagórica interpretação freudiana, válida, talvez, para um número insignificante de sonhos, salientei a importância, não só sob o aspecto psicológico como filosófico, dos chamados pesadelos, e, sobretudo, dos sonhos mediúnicos.

Hoje, embora compungido com a tragédia, não posso escusar-me, de chamar a atenção para um fato verdadeiramente sensacional, ligado à morte da menina afogada em Teresópolis. Refiro-me ao sonho de um encarcerado, pelo qual se pôde localizar o corpo da infortunada criança.

Como devem lembrar-se os que então me ouviram, citei naquela palestra dentre outros, o caso de Mme. Titus, que, à distância de vários quilômetros, “viu”, em sonho, o local exato onde se encontrava o corpo duma jovem, desaparecida em misteriosas circunstâncias. Tal foi, no entanto, a nitidez do sonho, e tão clara a lembrança dele, que a médium se transportou de sua vila para mostrar ao escafandrista, o ponto onde deveria mergulhar, advertindo-o, ainda, de que o corpo estava a grande profundidade, de cabeça para baixo e preso num galho de árvore.

Momentos depois ao flutuar com o corpo, encontrado exatamente nas condições descritas, o mergulhador, que, anteriormente, havia realizado, sem o menor resultado, inúmeras buscas, tremia de emoção. Interrogado pelos circunstantes se estava com medo do cadáver, o escafandrista, apontando para a médium; respondeu: “Não! Estou com medo daquela mulher!”

E não era para menos. Depois de tantas pesquisas improfiáveis, das quais participaram não só a polícia como grande parte da população local, vir de longe, doutra cidade, uma mulherzinha desconhecida e, confiantemente, afirmar — “É ali, naquele ponto, a sete metros de profundidade, preso a velho tronco de árvore; de cabeça para baixo, que está o corpo”; e, seguindo-lhe as instruções, o escafandrista, imediatamente, achar o que tanto procurara em vão, isso, senhores ouvintes, para quem não conhece os prodígios da mediunidade, é mesmo de arrepiar os cabelos!

Em suma, para mostrar a transcendental significação deste fato, basta dizer que ele convenceu William James, psicólogo de renome e afortunado filósofo do pragmatismo norte-americano, da existência dos fenômenos parapsicológicos!

Pois bem, senhores ouvintes, segundo informação colhida na imprensa, a proeza de Mme. Titus, acaba de ser superada, espetacularmente, no caso da menina Adoración. Depois de tantas pesquisas, algumas realizadas pessoalmente pelo próprio delegado de polícia, e quando já se admitia que, ao invés de queda da ponte e afogamento, o que teria havido seria rapto com seqüestro, eis que um preso da cadeia local, precisamente aquele de quem menos se poderia suspeitar, afirma às autoridades que, por duas noites consecutivas, sonhava onde se encontrava o corpo e, tão convicto está de localizá-lo, que suplica ao delegado permissão para acompanhar a turma de buscas.

Concedida, finalmente, a licença, José Luiz de Barros, o preso, entrou em ação. E para que se lhe possa acompanhar o roteiro, reproduzo a descrição do repórter de *O Jornal*. “Partiu do local onde caíra a menor, no córrego sobre o qual fica a ponte Imbui. O córrego desemboca no rio Triunfo, que, por sua vez, vai dar no Paquequer, onde foi encontrado o corpo. Descendo o rio abaixo, enfrentando uma série de obstáculos, o preso chegou, finalmente, ao ponto onde se encontrava o cadáver, próximo a piscina da Madeira, na Usina Amaral Peixoto.”

Como se vê, senhores ouvintes, a confiar-se no depoimento da imprensa — e tudo diz que se deve confiar — o sonho deste cidadão, foi, sem dúvida alguma, um sonho criptestésico; e, sob o ponto de vista parapsicológico, assume maior significação do que o da médium norte-americana, porquanto o sonho se repetiu por duas noites consecutivas, de modo que, se, no caso americano, o cálculo de probabilidades já não deixava margem à dúvida, no caso brasileiro, a certeza moral é total!

Eliminada, matematicamente, toda probabilidade de coincidência, fica de pé, conseqüentemente, a prova de que, durante o sono natural, quando o cérebro, exausto pelo labor diário, e, além disso, privado de apreciável cota sangüínea em virtude das alterações fisiológicas ocorridas nessa fase de repouso, se encontra num estado de inferioridade funcional em relação ao estado de vigília, longe de haver abolição das faculdades espirituais, o que há é notável atividade subconsciente do Espírito de quem dorme. Atividade que, não raro, aflora à consciência, seja sob a forma de pesadelos, onde se caracteriza a ação hipnótica de Espíritos desencarnados com os quais a vítima tem dívidas a saldar, seja sob a forma de sonhos verídicos, que podem prestar grande auxílio ao que sonha ou a quem o sonho se refere.

Nesta última hipótese, o fenômeno pode depender, exclusivamente, do desprendimento do Espírito durante o sono, para rápida excursão no Mundo Espiritual; mas, na hipótese do pesadelo, o fenômeno está ligado à interferência de Espíritos vingativos, que, por sugestão mental, provocam quadros hipnóticos terríficos. E tão violenta é, muita vez, a carga emocional do pesadelo, que, em certos casos, determinam graves acidentes noturnos, como infarte do miocárdio ou hemorragia cerebral, consumando-se, assim, uma vingança espiritual, que será atribuída, talvez ao fato de a vítima ter-se deitado de estômago cheio...

Numa e noutra hipótese, porém, as vivências desenroladas durante o sono, atestam que o Espírito não dorme enquanto o organismo repousa, o que mostra, mais uma vez, que é muito relativa a dependência entre a alma e o cérebro — fato que, infelizmente, não foi até hoje, devidamente considerado nem pelos psicólogos, nem pela maioria dos filósofos!

A verdade, porém, é que tais vivências não constituem apatrimônio de ninguém — todos os homens, durante o sono, entram em contato com o Além, embora pouquíssimos sejam os que guardam memória disso. Mas há uma explicação para o fato. A Vida Espiritual, que se processa durante o sono diário, coloca o Espírito em relação com o seu passado, dando-lhe a lembrança doutras vidas e restabelecendo-lhe o convívio de velhas amizades ou antigas inimizades. No entanto, poucas pessoas existem que, ao despertar, poderiam suportar, serenamente, o impacto emocional dessa recordação. De fato, dificilmente quem teve, outrora, títulos de nobreza, fortuna e honrarias, se conformaria em viver, na presente encarnação, na posição de anônimo operário pobretão. Sem embargo, esse retrocesso social é regra para quantos não souberam aproveitar a oportunidade de progresso espiritual que a riqueza e os

títulos nobiliárquicos lhes deram, porque, dominados pelo orgulho e pela vaidade, transformaram esses bens em instrumento de perdição!

Casos há, porém, em que piores, ainda, seriam as consequências da recordação, porque muitos se veriam face a face com o espectro de velhos crimes, e, talvez não se sentissem com coragem para resgatá-los agora, em dolorosas provações, lado a lado com as vítimas de suas ignomias, estariam, destarte, sujeitos a novas quedas, cometendo outros crimes, ou, quiçá, atentando contra a própria vida!

Donde se infere que, contrariamente ao que se poderia imaginar, há uma razão providencial para que, ao despertar, o homem não se recorde das atividades de seu Espírito durante o sono noturno.

Contudo, à parte do pesadelo — sintoma de má assistência espiritual — muitas criaturas têm sonhos verdadeiros, como esse do preso de Teresópolis. Crentes ou descrentes, tais indivíduos são, sempre, médiuns. Como, porém, a mediunidade, em si, não depende da moral, havendo médiuns dotados de caráter sem jaça, como os há completamente degenerados, não é para estranhar que os fenômenos tanto se manifestem no seio das selvas africanas, como nas grades duma penitenciária ou nos leitos dos manicômios, nos Centros Espíritas, ou nos laboratórios dos cientistas. A diferença é que, nos médiuns íntegros, de caráter ilibado, os fenômenos se mantêm num plano elevado, inspirados por um poder altamente moralizador; ao passo que, nos médiuns relapsos, descambam para a mistificação e para a exploração, embora possa haver um ou outro fenômeno verdadeiro. Por isso é que, ao lado dos sonhos proféticos de um médium venerável, como José, pai de Jesus, surge, de vez em quando, um sonho autêntico num médium culposo, como o preso de Teresópolis. E, quase sempre, a degra-

dação moral do médium já é uma conseqüência do repúdio à mediunidade, de modo que, por não aceitar as advertências do Protetor espiritual, o médium acaba dominado por Espíritos atrasados e perversos, que o levam a toda sorte de vícios e de crimes. Tudo diz que, no caso em foco, é essa a situação espiritual do médium. Mas, de qualquer forma, tão grande é a misericórdia de Deus, que, através de um sonho real, de caráter criptestésico, um médium faltoso pôde minorar a aflição de dois corações dilacerados pela dúvida sobre o paradeiro do corpinho da filhinha amada, e, ao mesmo tempo, dar uma prova aos cétricos.

Lamentável será, no entanto, se a prova não servir, também, para o encarcerado, alertando-o sobre a existência duma vida mais sublime do que a da Terra, onde os valores não se medem pelos padrões deste mundo, mas pelas qualidades eternas do Espírito, valendo, portanto, o esforço da regeneração!

DESINTERESSE DO MUNDO CIENTÍFICO PELOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS

Um dos fatos mais chocantes que se observam, presentemente, nos círculos de nossas atividades culturais, é o injustificável desinteresse do mundo científico pelos fenômenos espíritos.

Se os assombrosos fenômenos da mediunidade ainda se processassem, como outrora, no interior dos tabernáculos, abroquelados da bisbilhotice indiscreta de profanos curiosos; se o homem de ciência, para observá-los, ainda se visse forçado a metamorfosear-se em sacerdote ou em taumaturgo, compreender-se-ia que, ao espírito positivo, que impele, atualmente, o admirável progresso da Ciência moderna, repugnasse, instintivamente, semelhante empreitada. Mas quando os fenômenos espíritos já transpuseram os umbrais dos templos de iniciação, para se manifestarem por toda parte, dentro dos lares, no recesso dos laboratórios, nos leitos dos hospitais e, até, nas vias públicas, não se justifica a negligência dos cientistas, e principalmente dos médicos, que, diante dos fatos, se limitam a enquadrá-los na nosografia da opulenta patologia humana, rotulando-os com uma etiqueta pernóstica, greco-latina, e passam depois ao largo, cheios de empáfia, crentes de que solucionaram o problema, porque afastaram hipóteses importunas, que poderiam retificar seus conhecimentos, desmerecer seus trabalhos científicos e ofuscar o brilho de seus títulos honoríficos!

Mas, na verdade, os que assim procedem não se comportam como autênticos cientistas, porque, acima de tudo, o verdadeiro homem de ciência deve colocar o amor à verdade.

Belo exemplo dessa probidade intelectual deram, aliás, muitos sábios, que, convocados pela opinião pública, não se recusaram a abandonar as tarefas que, na ocasião os absorvia, para se entregarem, de corpo e alma, à investigação dos fenômenos supranormais da mediunidade. E mais do que isso: em concluindo pela autenticidade dos fenômenos espíritas, não se entibiaram com as represálias dos que por acaso se julgassem prejudicados, e vieram a público, para testemunhar o fruto de suas laboriosas experimentações. Foi assim com William Crookes. Elogiado por todo mundo quando se anunciou sua aquiescência em investigar os fenômenos espíritas. Apupado mais tarde, quando, depois de quatro anos de pacientes e rigorosas pesquisas, concluiu pela veracidade dos fatos. Foi assim com Robert Hare, professor da Universidade de Pensilvânia, que veio a campo para arrasar o Espiritismo e saiu da luta totalmente convertido pelos fatos. Assim foi com Mapes, professor de química, na Academia Nacional dos Estados Unidos, que, por ter observado que alguns amigos estavam empolgadíssimos pela “magia moderna”, deliberou investigar o assunto com o intuito de salvá-los dessa corrida vertiginosa para o abismo — segundo suas próprias expressões. Em contato com os fatos, porém, o afamado químico foi dominado pela evidência da demonstração, tornando-se Espírita convicto. Assim foi, também, com o célebre naturalista Russel Wallace: surgiu para desmascarar os farsantes, mas voltou vencido e convencido da realidade do Espiritismo. Também foi assim com Ernesto Bozzano, positivista intolerante, polemista terrível, inimigo declarado do Espiritismo. Provocado, entrou na liça de lança em riste, certo de que, ao primeiro golpe, fulminaria a serpen-

te. Mas o que supunha um tremendo malefício social era, na verdade, a mais profunda filosofia religiosa que até hoje se concebeu. De modo que, em pouco tempo, os fatos transformaram o iracundo gladiador em entusiasta paladino do novo ideal...

Para que prosseguir? Tem sido esta a senda dos homens de ciência que honestamente observaram os fatos espíritos até à presente data. Um a um, todos se convenceram da realidade dos fenômenos supranormais da mediunidade, embora nem todos tenham alcançado a finalidade desses fatos intencionalmente provocados. Alguns, por não poderem negar os fatos, escolheram, arbitrariamente, alguns deles e forjaram, assim, teorias estapafúrdias, com que pretendem combater o Espiritismo. Mas o máximo que conseguirão será jogar cisco nos olhos dos inespertos, que se não previnem contra aquilo que Francis Bacon denominou de “ídolos de tribo”, os preconceitos da grei, e aceitam, ingenuamente, informações de segunda mão, sem se preocuparem, jamais, de se aproximarem, também, da fonte originária dos fatos e tirarem a limpo suas conclusões.

Infelizmente, grande parcela de verdade assiste ao afamado autor do *Novo Órgão*, quando afirmou que: “Os homens primeiro determinam as questões de acordo com sua vontade, e, depois, recorrem à experiência, e, torcendo-a ao sabor de seus desejos, conduzem-na como um escravo num préstito.”

Prova eloqüente da força do preconceito científico é a seguinte confissão de Flournoy, professor de psicologia da Universidade de Genebra, que, durante bastante tempo esteve em contato com os fenômenos mediúnicos: “Para a humanidade das remotas eras — disse ele — como atualmente ainda para a grande massa que a compõe, a hipótese espírita é a única verdadeiramente aceita conforme ao mais elementar bom

senso, enquanto nós, cientistas, saturados de mecanismo naturalista desde os bancos escolares, essa mesma hipótese nos revolta até às maiores profundezas do bom senso, igualmente mais elementar.”

A verdade é que um sábio, por mais contrários que sejam os fatos às suas opiniões, nunca se deveria desviar das regras do método experimental, nem deturpar os fundamentos da Lógica, com o intuito premeditado de não se desapegar de suas teorias e de suas crenças.

Desgraçadamente, porém, o fato sói suceder até com inteligências privilegiadas, como a de Helmholtz, sábio físico e consumado fisiologista, que não titubeou em afirmar, peremptoriamente, que “nem o testemunho de todos os sábios da Sociedade Real (onde se aglutina a nata da cultura inglesa) nem a evidência de seus próprios sentidos o poderiam convencer da telepatia, tão impossível era o fenômeno.”

No entanto, a despeito do valor científico do sábio investigador alemão, a telepatia está cientificamente demonstrada com as memoráveis experiências realizadas pelos membros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres; o que mais uma vez demonstra o relativo valor da opinião dos sábios, quando eles falam de assuntos que escapam à esfera de suas cogitações. Porque a verdade é esta: contra fatos, não há argumentos. E se, porventura, os fatos só se podem explicar pela intervenção das almas dos mortos, gostem ou não os homens de ciência, o fato entrará para o rol das verdades conquistadas à natureza, e todos terão de aceitar a comunicação dos habitantes do “outro mundo” com a humanidade terrena e os ensinamentos que eles nos trazem de lá. E existe, atualmente, tantas provas decisivas nesse sentido que se fica perplexo para as escolher. Não são fatos fortuitamente observados por curiosos, não. São provas coligidas por eminentes vultos da Ciên-

cia, em demoradas e pertinazes investigações. Para me não alongar, menciono, apenas, as célebres experimentações realizadas por três sábios germânicos, mundialmente conhecidos: Zöllner, Webber e Fechner, experimentações das quais participaram várias outras notabilidades da ciência alemã e nas quais serviu de médium um médico abnegado, o Dr. Slade, que pagou caro a felicidade de possuir admiráveis dotes mediúnicos, pois, além das calúnias de que fora vítima, ainda penou o terrível sofrimento moral dum vexatório processo, que, em Londres, lhe moveu um cientista inescrupuloso, que agiu de má fé, e que, apesar do insistente oferecimento do médium para submeter-se a novas investigações, com ampla liberdade de controle científico, terminantemente se obstinou em impedir a reabilitação do acusado, demonstrando, destarte, seu ódio implacável contra o Espiritismo.

Aliás, o fato em nada afetou a dignidade do Dr. Slade tão numerosos foram os homens de ciência que deram testemunho da autenticidade dos fenômenos por ele produzidos.

Dentre a grande variedade de fatos extraordinários produzidos mercê das faculdades desse médium notável, destaco apenas uma, para não me alongar muito: o prof. Zöllner comprou, e marcou, duas ardósias, dessas que se usavam antigamente nas escolas; uniu-as, em seguida, colocando uma sobre a outra e amarrou-as fortemente, tendo tido o cuidado de deixar encarcerada, no pequeno interstício formado pelas superfícies internas das ardósias, pequena ponta de lápis de pedra. Estavam presentes, além do médium, os professores Webber e Scheibner. As pedras foram colocadas sobre pequena mesa, enquanto os investigadores estavam ocupados com outra experiência concernente à influência exercida, a distância, pelo médium, sobre uma bússola encerrada dentro duma redoma de vidro. Nesse ínterim, todos ouviram, distintamente, o ruído

do lápis a escrever na superfície interna das pedras. Isto, sem contato de ninguém, estando o médium à relativa distância, ocupado noutra míster. Pois bem: desfeitos os nós, desamaradas as pedras, lá estava escrito, como se por mão humana escrito fosse, o seguinte: “Nós nos achamos dispostos a abençoar todo aquele que se sente inclinado a investigar um assunto tão impopular como é o Espiritismo na atualidade.”

Como negar, meus irmãos, a intervenção de inteligências extraterrenas no mecanismo desses fenômenos? E se tais inteligências afirmam sistematicamente que já habitaram este mundo, com que direito podemos negá-lo?

Houve um cientista que chegou ao cúmulo de confessar ao afamado filósofo norte-americano William James, outro convertido ao Espiritismo, que os sábios deveriam se coligar para conservar tais fatos ocultos, pois eles vinham destruir muita coisa de que os sábios não podiam abrir mão! Parece incrível, mas é verdade. Muito pode, com efeito, o preconceito. Mas a verdade pode muito mais. Por isso o Espiritismo não teme, não temerá jamais, e desafia a argúcia dos homens de ciência, para investigar os fatos em que se baseia, porque está absolutamente seguro de que o futuro lhe pertence.

19

**MENSAGENS
ESPÍRITAS**

Há muita gente que ri das mensagens espíritas, considerando-as meras ficções, oriundas da imaginação enfermiça dos médiuns. Mas isso pouco importa. Porque, em compensação, todas as grandes conquistas de nossa civilização sofreram, também, a princípio, o combate incruento de inveterados escarnecedores. E nem por isso a verdade deixou de progredir.

Força é reconhecer, no entanto, que, em relação às mensagens do Além, existem, infelizmente, muitas vezes, justificados motivos para a dúvida e, até, para formal desmentido. Porque, de quando em quando, surgem por aí suspeitos escritos assinados por ilustres falecidos, que são verdadeiro atentado à Doutrina, à gramática e, até, ao bom gosto. E, por incrível que pareça, esses bestialógicos, trazem, quase sempre, a assinatura de vultos, por todos os títulos veneráveis, como Oswaldo Cruz e Ruy Barbosa!

Contudo, afastada a hipótese de mistificação, procedimento com o qual a Doutrina nada tem a ver, admitido que, realmente, a mensagem provenha de um habitante do Além, pelo fato de ser falsa a identidade do assinante, embora a mensagem possa comprometer o médium que a psicografou, nenhuma incriminação pode caber ao Espiritismo.

Com efeito, baseado em secular experiência efetuada graças à participação de médiuns integrados nos mais díspares grupos sociais e pertencentes às mais diversas crenças, o Espiritismo pôde proclamar com Allan Kardec, que pelo fato de o homem morrer, sua personalidade não sofre, como geralmente se imagina, grande modificação. E nem, mesmo, se altera a aparência física, que é mantida noutra faixa vibratória imperceptível à visão normal, mercê do corpo espiritual, que o acompanha na vida de além-túmulo, e que é, na verdade, o arquétipo do corpo carnal.

Conservada, pois, após a morte física, a personalidade humana, com todas as virtudes e defeitos que possuiu em vida, evidente se torna que, no Mundo Espiritual, há habitantes dotados de todas as qualidade boas, ou más, encontradas, na Terra, entre os homens.

De fato, quem foi bom, como homem, bom continua, como Espírito; quem foi mau, mau permanece do lado de lá; quem foi desonesto, mentiroso ou viciado; viciado, mentiroso e desonesto se conserva no Plano Espiritual. Ainda mais: quem foi culto, culto persiste; e quem foi ignorante, ignorante permanece. Em suma — a Vida Espiritual, pelo menos durante algum tempo depois da morte, enquanto o Espírito, por seu esforço não conquista novos valores, é simplesmente um prolongamento do purgatório terreno.

Assim sendo, desde que se admita que os Espíritos podem comunicar-se conosco — é isto está provado, experimentalmente, por homens de ciência — é claro que havemos de receber mensagens cujo valor deverá variar consoante a categoria do Espírito que a envia. Uns, por serem sábios e bons, instruem e elevam moralmente; outros, ignorantes e presunçosos, iludem e prejudicam; perversos e vingativos outros, espararam discórdias e sofrimentos; outros, viciados, contagiam com os vícios, levando a vítima à degradação.

Todavia, para evitar os inconvenientes do intercâmbio com Espíritos que, ao invés de aprimorar as qualidades do médium, possam contribuir para prejudicá-lo, seja instigando-o ao erro e à degradação moral, seja alimentando-lhe a vaidade e a ilusão, a Filosofia Espírita preconiza a prévia preparação doutrinária do médium antes do contato mais íntimo com o Mundo Espiritual. Se, portanto, como acontece, freqüentemente, o médium, antes de preparar-se moralmente, se mete, por interesse ou por vaidade, a forçar prematuras comunicações com o Além, é óbvio que só lhe acudirão Espíritos afins, tangidos pela vaidade, quando não pela sádica satisfação duma vingança!

Com efeito, agindo como agem os homens, cá na Terra, o Espírito, afoito, que, porventura acoresse ao chamamento do médium leviano, trataria de conquistar-lhe a confiança, para dominá-lo mais tarde. E como, na hipótese, a imprudência do médium teria sido motivada pela vaidade de aparentar o que não é, nada melhor, para conquistá-lo, do que incensar-lhe a fatuidade, razão por que, via de regra, o Espírito interessado, toma, de empréstimo, um nome respeitável, como o de Bezerra de Menezes.

Ora, por desconhecer a Filosofia Espírita, e por ter subestimado a necessidade da retificação do comportamento, primeiro, que entrasse em comunicação com o Além, o jactancioso médium passa a julgar-se aparelho de Espíritos elevados e, com falsas assinaturas, não se vexa de difundir as mais sesquipedais sandices, comprometendo o bom nome da Doutrina, e caminhando muita vez, para o hospício...

E, contudo, ao Espiritismo é que não toca a mínima responsabilidade por tão lamentável leviandade! Ao contrário; ensinando que cada qual tem exatamente a proteção a que faz jus, e que o verdadeiro merecimento não é o que transparece aos olhos dos homens, desfigurado pelos requintes da dissi-

mulação, mas o que transluz diante de Deus, a Doutrina Espírita estimula o aperfeiçoamento moral do médium ensinando-lhe o meio pelo qual poderá ficar livre da assistência de Espíritos inferiores, e atrair, para si, a simpatia e a cooperação de Espíritos instrutores.

E a prova é que, ao lado dessas mensagens mentirosas, que atestam a falta de proteção de quem as recebe, há outras, absolutamente verdadeiras, sobre cuja origem não é lícito duvidar. Eis um exemplo. Foi obtido através de um médium de vida moral impoluta — Stainton Moses, que, anteriormente, fora provento pastor protestante.

O fato ocorreu, numa ilha, próximo da costa inglesa, onde na época, em 1874, residia o conceituado médium. Aí, em companhia dum médico, seu amigo íntimo, costumava realizar sessões admiráveis, onde fenômenos assumiam os mais variados aspectos — desde os subjetivos, como a vidência e a audiência de fantasmas, que pela visão e pela audição do médium se identificavam aos conhecidos por acaso ali presentes, na ocasião, até os objetivos, como a levitação de pesados móveis, em plena claridade do dia!

Pois bem, duma feita, inesperadamente recebeu Moses a comunicação dum Espírito desconhecido, que, dentre outras coisas, dizia que, em vida, se chamara Abraão Florentine, que fora cidadão norte-americano, que participara da guerra de 1812 e que morrera, aos 83 anos de idade, no dia 5 de agosto do ano em curso, isto é, de 1874.

Como nenhuma pessoa ali presente jamais ouvira falar em semelhante indivíduo, Meyers, o afamado psicólogo de Oxford, resolveu publicar o caso num jornal londrino, pedindo, na própria publicação, fosse o fato transcrito pela imprensa norte-americana, dado o interesse científico da comprovação da mensagem.

Lendo, por acaso, o anúncio, conhecido advogado norte-americano, tomou interesse pelo caso, e, por uma dessas felicidades coincidências, que, às vezes acontecem, quando os Espíritos para isso trabalham, o causídico, dias após, deparou, com grande estupefação com o nome de Abraão Florentine, em velha publicação do Ministério da Guerra, onde, juntamente com outros antigos combatentes, o ex-soldado, fazia reivindicações junto ao Governo. De posse desse dado, o advogado norte-americano apressou-se em comunicá-lo ao sábio inglês, dizendo-lhe que, na Secretaria do Ministério da Guerra poderia colher melhores informações. E, de fato, aceito o alvitre, Meyers escreveu àquele órgão do Governo americano e obteve a resposta de que, na verdade, Abraão Florentine servira ao exército no começo do século, participara da referida guerra e que apresentara reclamações relativas à doação de terras prometidas aos antigos combatentes. Acrescentou, ainda, que a viúva continuava viva e residindo em Brooklin.

Senhor desses fatos, o psicólogo londrino escreveu a um amigo norte-americano, o Dr. Crowell, rogando-lhe localizasse a viúva e tomasse seu depoimento. Encontrada depois de algumas peripécias, a viúva confirmou plenamente o teor dessa estranha mensagem, obtida por um médium desconhecido, em longínquo país, a Inglaterra, onde ninguém nada sabia sobre a vida obscura do obscuro soldado norte-americano, que, não obstante, teve a glória de dar, depois de morto, belíssima prova de sobrevivência! Mobilizando, involuntariamente, talvez, intelectuais de grande projeção social, inclusive renomado psicólogo, autor de *Personalidade Humana*, obra traduzida em várias línguas!

Para concluir: as mensagens apócrifas e as asneiras rascunhadas por médiuns levianos ou vaidosos, talvez vaidosos e levianos ao mesmo tempo em nada podem afetar a Doutrina Espírita. Porque a grande verdade é essa — cada médium recebe a mensagem que merece!

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MENSAGENS ESPÍRITAS

Em que pese o cepticismo da Ciência oficial, a autenticidade das mensagens espíritas e, por conseqüência, a comunicação dos “mortos” com os “vivos” é, atualmente, um fato rigorosamente comprovado. Eliminadas as mistificações, ainda assim, tantas são as provas decisivas e irremovíveis que só por ignorância ou má fé poderá negar o intercâmbio entre o nosso e o plano dos Espíritos. E o mais notável é que, na maioria dos casos, a demonstração proveio de indivíduos inteiramente infensos ao Espiritismo — fato que revigora o valor das provas, dada a insuspeição dos testemunhos.

De resto, dentre os que colaboraram para a comprovação da manifestação dos Espíritos, destacam-se renomados sábios, que, a despeito da prevenção com que entraram em contato com os fenômenos, acabaram convencidos, convertidos e empolgados com a Filosofia Espiritual. Pode afirmar-se, mesmo, que nunca houve fenomenologia alguma que fosse investigada por uma plêiade tão numerosa de pesquisadores quanto a Espírita. Como é notório, os fenômenos espíritas têm sido esmiuçados, basculhados, revolvidos e estudados de todos os ângulos, por psicólogos, como Meyer e Morselli, por antropologistas, como Lombroso, por fisiologistas, como Richet, por

naturalistas, como Wallace, por matemáticos, como Mappes e De Rochas, por físicos, como Crooks, Lodge e Barret, e por muitos outros cientistas de reputação mundial. Além disso, grande número de intelectuais, dentre os quais avultam professores universitários, médicos, engenheiros, advogados, escritores, filósofos e, até, pastores evangélicos, pesquisaram, controlaram e confirmaram a realidade das manifestações espíritas. E o mais significativo é que, até hoje, ainda não houve investigador algum, que, depois de demorado convívio com os fenômenos, os negasse, atribuindo-os à fraude ou ao erro de observação. Negações e acusações têm havido, é verdade, mas partindo exatamente daqueles que não têm autoridade para acusar ou negar, de vez que, tolhidos por estultos preconceitos, pouco investigaram; e, se investigaram, investigaram mal, porquanto mutilaram, arbitrariamente, a fenomenologia espírita, procedendo à maneira dos parapsicólogos, que escolhem os fenômenos ao sabor de suas conveniências, de modo que, apesar do rigor com que investigam, chegam a conclusões inteiramente falsas, tudo atribuindo a forças imanentes do próprio médium.

Na verdade, o animismo, isto é, o desdobramento da personalidade do médium, com libertação do subconsciente, poderia, até certo ponto, explicar um ou outro fenômeno isolado; mas o conjunto dos fatos, tal como se nos apresenta em suas polimorfias manifestações, esse, só na Doutrina Espírita encontra lógica e cabal explicação. Ora, no método experimental, tão exaltado hodiernamente, é ponto pacífico que, quando há várias hipóteses para explicar certa categoria de fatos, a mais verdadeira é a que explica maior número deles. Logo, aplicando a regra aos fenômenos espíritas, força é concluir-se que, dentre as hipóteses vigentes, a verdadeira é mesmo a espírita.

De resto, há fenômenos tão sugestivos que, ainda quando observados isoladamente, não deixam margem à dúvida. Sobretudo quando se atenta no *modus operandi*. Haja vista as “mensagens” obtidas pelo afamado violinista von Reuter e, principalmente, por sua mãe, ambos médiuns psicógrafos, não obstante serem, a princípio, contrários à teoria espírita. Embora políglotas, pois falavam, além do inglês, língua materna, o francês, o alemão, o espanhol e o italiano, e possuíam boas noções do latim e do sueco, muitas mensagens lhes foram transmitidas em línguas de que não tinham a menor idéia, de modo que só se tornavam compreensíveis depois de traduzidas por outrem. Ao todo, os Reuter, mãe e filho, receberam mensagens em quinze línguas diferentes, inclusive em russo, húngaro, norueguês, polonês, holandês, irlandês, lituano, persa, árabe e turco, línguas essas que ambos ignoravam totalmente!

O mais interessante, porém, é que as “mensagens” não eram grafadas manualmente, e sim, indiretamente, por meio dum aparelho rudimentar, um “indicador alfabético”, dotado de ponteiro móvel, que oscilava, sem contato visível, apontando as letras. Ainda assim, vendavam-se os olhos do médium, que apenas o tocava, de leve, com os dedos. Geralmente cabia à Sra. Reuter a função de médium, encarregando-se o filho da anotação das “mensagens”. Nessas condições, dentre muitos outros, manifestavam-se Espíritos de antigos conhecidos. Todavia, grande perplexidade perdurava no espírito do artista acerca da verdadeira origem das “mensagens”. Sobretudo porque, submetidas à crítica do Dr. Walter Prince, amigo do violinista, e então presidente da afamada *Society for Psychological Research*, de Londres, as mensagens eram, sistematicamente, atribuídas a uma mistificação do próprio subconsciente dos dois Reuter. Agarrado a umas tantas idéias preconcebidas, como “cerebração inconsciente”, “memória visual” e quejandos, Walter Prince

não se preocupava em indagar do *modus faciendi* desses dois médiuns extraordinários. Adversário do Espiritismo, apegava-se a qualquer explicação que o eliminasse da competição entre as hipóteses prováveis. Com isso, desesperava o casal amigo, que, fiado em sua autoridade científica, chegava a duvidar um do outro, cada qual se perguntando se não estaria sendo vítima duma farsa lamentável. Foi então que, para dirimirem todas as dúvidas, mãe e filho combinaram não se apartarem um do outro, até que uma mensagem comprobatória lhes fosse dada. E, com efeito, durante vinte e quatro horas, permaneceram sempre juntos, dormindo no mesmo quarto, e não se separando por mais de cinco minutos, tempo indispensável à satisfação de certas imposições fisiológicas. Em tais condições, não poderia perdurar, no espírito do filho, a dúvida suscitada pela suspeição do Dr. Walter Prince, em cuja opinião poderia dar-se o caso da Sra. Reuter “preparar” as “mensagens”! E o violinista, desorientado pela crítica desse autêntico “amigo da onça”, nem raciocinou que as “mensagens”, além de transmitidas em línguas ignoradas, eram escritas invertidamente, para serem lidas diante do espelho. Ainda mais: durante a transmissão das mensagens sua mãe permanecia o tempo todo de olhos vendados, razão por que não poderia influir, de qualquer forma, no movimento do ponteiro, que indicava as letras a anotar!

De toda forma, porém, a prova decisiva surgiu, finalmente, salvando Von Reuter do abismo duma dúvida terrível. Conforme lhes havia prometido um Espírito familiar, em mensagem de véspera, a Sra. Reuter, sem ter-se afastado da vista do filho durante o tempo todo, e, portanto, sem ter tido tempo de “preparar” uma falsa “mensagem”, conforme a acintosa hipótese aventada pelo Dr. Walter Prince, recebeu uma comunicação em polonês, língua da qual, nem o filho nem a mãe, os únicos presentes na ocasião, não pescavam patavina. Enviada

ao Dr. Kroner, presidente da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Berlim, fora traduzida por um polonês, membro daquela associação e era bem merecido pito ao violinista, pelo estado de dúvida em que se encontrava, apesar das numerosas provas de sobrevivência que vinha recebendo, ora pessoalmente, ora por intermédio de sua progenitora!

Compreendendo, por fim, a inanidade das críticas de Walter Prince, os Reuters mandaram o obstinado zoilo às favas e aderiram lealmente à verdade, convertendo-se ao Espiritismo. E é isso, que há de acontecer a quantos investigarem, criteriosamente, a fenomenologia espírita, porque contra fatos, não há argumentos e, digam o que disserem, só a Filosofia Espírita explica racionalmente os fatos e imprime novo sentido à vida, rasgando o véu do mistério, para mostrar ao homem a bondade de Deus e o destino glorioso da criatura humana!

CONSIDERAÇÕES SOBRE O RECEITUÁRIO ESPÍRITA

É inegável que a maioria das pessoas que procuram o Espiritismo fazem-no compelidas pelo anseio de obterem uma receita para enfermidades que a Medicina não solucionou, ou cujo tratamento não podem custear. É fora de dúvida, também, que grande parte se beneficia com as prescrições obtidas. Isto prova que há, de fato, algumas indicações certas. Eu, pessoalmente, não posso duvidar de que há médiuns receitistas, pois, conforme já tenho declarado, em sucessivas oportunidades, devo minha conversão à Homeopatia a cura de minha esposa mediante uma receita obtida por intermédio de um médium receitista. Isso depois de haver lutado, debalde, durante seis meses, com todos os recursos da Alopatria disponíveis naquela ocasião; e apesar da aversão com que a doente iniciou o tratamento homeopático!

Sem embargo, sou forçado a reconhecer que, para desgraça do Espiritismo, são ainda raríssimos os verdadeiros médiuns receitistas, enquanto que falsos médiuns receitistas pululam como cogumelos por toda parte.

Na verdade, depois de um quarto de século de investigações, só encontrei dois médiuns nos quais pude certificar-me da autenticidade da prescrição. O primeiro, foi o que serviu,

involuntariamente, para minha conversão ao método terapêutico de Samuel Hahnemann. Médiun extraordinário, dotado de várias faculdades, inclusive da mediunidade receiptista, psicografando, automaticamente, as prescrições do Além, enquanto sua atenção estava voltada para outro assunto, duma feita palestrando comigo, em sua casa. Contudo, a despeito de ser um médium excepcional, esse receiptista, embora assim o confessasse, não era propriamente espírita. Católico de criação, chegada a época do cumprimento do compromisso espiritual, depois de repelir durante muitos meses as manifestações que se lhe afluíam à consciência, foi, finalmente, subjugado por um inimigo de vidas passadas que o levou ao estado de obsessão. Alarmada a família, fracassados os recursos do Catolicismo e da Medicina, esboroaram-se os preconceitos e o obsedado foi, em desespero de causa, levado a um Centro onde o Espiritismo o amparou — a ele e ao obsessivo — que, por vingança, tentara destruir sua personalidade, mantendo-o, por hipnose, sob o domínio de sua vontade tirânica. Amparados, obsedado e obsessivo, a cura prontamente se processou, para gozo de todos e glória do Espiritismo. Todavia, depois da árdua experiência, era de esperar que o médium procurasse no estudo da Doutrina, que o salvou da loucura, a razão da obsessão e o segredo dessa força espiritual que o arrebatou das garras de feroz inimigo do outro mundo... Todavia, assim não procedeu. Preferiu trilhar o caminho que se lhe afigurou mais curto para alcançar seu objetivo. O que lhe interessava, no momento, era não recair, não voltar ao tormento da cruel Espiritopatia. E como lhe haviam dito que o recurso contra o assédio dos Espíritos maus era a prática da caridade mediúnica, julgou, certamente, que, trabalhando como médium, tudo se resolveria, transformando-se-lhe a vida em perene mar de rosas... Doce enlevo esse, com que se embala a displicência de

muitos médiuns! Desinteressado, pois, pelo lado doutrinário, entregou-se, o médium, ao comando discricionário dos Espíritos que nele encontravam valioso aparelho de comunicação com nosso mundo. E, fascinado pelo fulgor das próprias manifestações de que era objeto, passou a superestimar seu próprio valor diante do grande Além, imaginando-se dispensado do manuseio das obras básicas do Espiritismo, onde poderia encontrar estímulo para seu aperfeiçoamento moral, ao lado das advertências sobre os riscos que ameaçam o médium imprevidente. Muitas vezes adverti-o do perigo e concitei-o ao estudo. Não obstante, nunca me ouviu. Desculpava-se dizendo-me que os próprios Guias lhe interditavam a leitura, sob a alegação de que, ignorando-a, maior prova poderia ele dar aos céticos, quando a ensinasse. Mas, na verdade, seu raciocínio estava toldado pela onda de incenso com que lhe hipertrofiavam a vaidade, os turbulários interesseiros, que o cercavam, para vampirizar-lhe a mediunidade, explorando a caridade de benévolos Mensageiros do Além, imprudentemente desviados de problemas transcendentais do Mundo Espiritual, para virem à Terra a fim de atenderem a futilidades, senão a caprichos, de criaturas que não estão à altura de valorizar o maravilhoso intercâmbio entre os dois mundos, o nosso e o dos Espíritos. Em síntese, para encurtar a história, esse médium, que tão relevantes serviços poderia ter prestado à Doutrina Espírita, por falta de preparação doutrinária, acabou sendo vítima da própria mediunidade e internado num nosocômio de psicopatas, onde permaneceu alguns meses, segregado do mundo, em demorada, mas necessária, pausa para meditação!

Quanto ao outro médium a que me referi, esse, mercê de Deus, fez dos postulados da Doutrina o roteiro de sua vida, e, por isso, jamais se envaideceu das faculdades que possui, tendo prestado ao Espiritismo um concurso que ainda é cedo para ser avaliado e a respeito do qual peço permissão para silenciar, de vez que sua vida está ligada à minha.

Todavia, contrastando com a raridade de autênticos médiuns receitistas, numerosos médiuns, ignorando a responsabilidade que assumem, se metem a receitar, a torto e a direito, dando vazão à vaidade, para não dizer à impostura, fato que contribui sobremodo para a desmoralização do Espiritismo. Médiuns há que não se vexam de decorar nomes de remédios da Homeopatia para fingirem que são receitistas. Disso tenho provas cabais. Fui, faz vários anos, presidente de importante organização espírita, onde havia um consultório mediúnico, local destinado ao exercício da Medicina do Além, por intermédio de uns poucos médiuns, tidos e havidos como receitistas. Entretanto, como o principal deles era meu cliente, juntamente com toda a família, era evidente que sua mediunidade receitista só valia para os estranhos, não servindo em causa própria, o que a tornava suspeitíssima a meus olhos. Assim sendo, mal assumi a direção da entidade, expliquei de público e raso que, em face da lei, não poderia consentir houvesse ali um consultório mediúnico, infração duplamente punível, pelo Regulamento da Saúde Pública e pelo Código Penal, razão porque iria transformá-lo em consultório médico, assumindo, pessoalmente, a responsabilidade do tratamento dos enfermos. Em compensação, declarei ainda, estava disposto a ir para a cadeia junto com os médiuns receitistas, dando-lhes ampla liberdade para receitarem, nas sessões por mim presididas, se, porventura os que lá costumavam receitar, se submetessem a um teste comigo, dando-me oportunidade de trocar impressões com os colegas do Além, que, através deles, vinham receitando no referido consultório. Esperei embalde, porém, porque os médiuns receitistas de lá se escafederam; e quando, por acaso, topavam comigo, na via pública, esgueiravam-se, lépidos, no meio dos transeuntes...

Como esses, existem muitos médiuns por aí, uns mistificadores, mistificados outros, todos, desgraçadamente, concorrendo para o descrédito do Espiritismo.

De fato, é muito comum ver-se em suposta “receita espírita”, disparate deste jaez: remédios homeopáticos misturados com mezinhas caseiras, e, até, com medicamentos alopáticos. Tamanho contra-senso jamais o cometeria um médico deste mundo, fosse ele alopata ou homeopata, a menos que fosse de “quatro patas”... Muito menos o faria um médico do “outro mundo”. E o motivo é óbvio. Assim como na Terra estão encarnados numerosos Espíritos empenhados numa luta titânica em prol da difusão do Espiritismo, Doutrina que consideram heróico antídoto contra a fúria fratricida, que, de quando em quando, empolga o globo, mantendo-o em permanente “guerra fria”, da mesma sorte, do lado de lá, Espíritos superiores, encarregados da disseminação da Filosofia Espírita, lutam para disciplinarem as manifestações, de tal modo que, falando ao coração, não deixem de satisfazer a razão. Nessas condições, as mensagens relativas à Medicina, cuja finalidade precípua não é, como erroneamente se imagina, praticar a caridade, mas acima de tudo, demonstrar a sobrevivência, mediante a interferência duma “inteligência” dotada de conhecimento ignorado pelo médium, devem ser, necessariamente, receitas corretíssimas, que produzam curas rapidíssimas. Assim sendo, para ter permissão de vir dar uma prescrição através dum médium, o ex-médico terreno deverá reunir à capacidade profissional um conjunto de virtudes excepcionais. Daí a pureza de vida que se impõe ao médium receitista. E como, via de regra, pouquíssimos são os que querem sujeitar-se às normas morais e disciplinares, indispensáveis ao equilíbrio do perispírito do médium que aspira a servir de aparelho a um cientista, raríssimos são ainda os médiuns receitistas — fato que se choca com o número de indivíduos que “tiram receitas” nos inúmeros Centros existentes atualmente.

Entretanto, se todo médium, antes de tentar “desenvolver a mediunidade” fosse obrigado a freqüentar uma “escola de médiuns”, onde além do estudo sistemático da Filosofia Espírita, ficasse sujeito à rígida disciplina iniciática, indispensável não só ao perfeito equilíbrio psicossomático como à reforma moral de quem pretende tornar-se instrumento de comunicação entre dois planos de vida, se isso ocorresse, sistematicamente, jamais o Espiritismo ficaria sujeito ao vexame de aparentar uma seita de embusteiros, como, malgrado seu, sói acontecer muitas vezes!

Não julgueis o Espiritismo pelas falsas mensagens dos falsos médiuns! Procurai o esplendor dessa admirável revelação divina, na fonte viva de sua filosofia! Não vades, apressadamente, em busca de provas, exigindo do Espiritismo o que nem sempre ele vos pode dar; não que não tenha para vos ofertar, mas porque não conta com médiuns preparados para vos transmitirem tudo que os Missionários do Além vos desejam oferecer de grandioso, de sublime e de indescritível, para a felicidade dos homens e para a glória do Criador!

22

**CONSIDERAÇÕES SOBRE
AS "ESPIRITOPATIAS" I**

Demonstrado como ficou, na palestra de segunda-feira, com os fatos observados na "transposição dos sentidos" e na "exteriorização da sensibilidade", que a causa primária da sensação não reside, como parece, nos receptores específicos, e sim no fluido vital de que estão impregnados; e admitida a hipótese de que esse fluido, parte integrante do perispírito, que, no transe sonambúlico, hipnótico ou mediúnico, escapa, parcial e momentaneamente, do organismo, acaba escapando, definitivamente, com a morte do corpo físico, para envolver o Espírito recém-desencarnado; aceitas essas premissas, evidente se tornou, penso eu, que, embora desprovido do sistema nervoso, o Espírito, munido que fica do verdadeiro instrumento das sensações, o perispírito ou corpo espiritual, pode perfeitamente continuar a sentir as mesmas sensações que sentia durante a vida terrena!

Assim sendo, justificado ficou, também, o motivo por que, mesmo através de médiuns, que, por defeituosa formação religiosa imaginam que as almas nada de parecido podem sentir, os Espíritos sofredores, via de regra, acusam sofrimentos relacionados com a doença que os vitimou.

Eu próprio, dentre centenas de outros casos, posso apresentar o exemplo dum cidadão nortista, que, acometido de pneumonia, falecera aqui, no Rio, onde fora humilde carrega-

dor, a despeito de ter tido boa instrução, tão difícil se lhe apresentara o ganha-pão para a família. A primeira vez que este Espírito se me manifestou, incorporado em minha senhora, para dar uma prova à minha mãe, apresentou-se-me com o quadro clínico da pneumonia que o matou: a tossir e a queixar-se de intensa pontada no pulmão, dispnéia, forte cefaléia e indescritível mal-estar geral. Até aí, tudo poderia correr por conta duma auto-sugestão da médium. A primeira dificuldade, porém, seria explicar, como, de repente, mal o Espírito se lhe apossou dos centros nervosos e controlou-lhe o órgão da fonação, logo a temperatura da médium atingiu grande elevação, perceptível ao simples contato manual. Mas o que provou que, de fato, quem ali estava, não era o Espírito da médium, no fenômeno anímico do auto-sonambulismo, e sim Espírito estranho, personalidade completamente independente da personalidade da médium, foram as provas acumuladas durante três sessões consecutivas, em que me debati com o Espírito, quase uma hora de cada vez, tendo-me ele dado tudo o que lhe era possível, para que, em meu espírito, não perdurasse a mínima dúvida acerca de sua identidade. E diga-se de passagem não só a mim ele convenceu, mas a quantos assistiram às reuniões.

Voltando ao tema, porém, quero ressaltar outro fato indispensável à compreensão do assunto: é que, no estado de relação magnética, observado entre hipnotizador e hipnotizado, ou entre o sonâmbulo e o magnetizador, as excitações dos receptores sensoriais de um deles podem originar sensações correspondentes no outro. Vale dizer que, independentemente das vias nervosas, as sensações podem ser transferidas dum, para outro organismo. Fato de todo em todo inexplicável, se não se admitir que o instrumento das sensações é o perispírito, e que, no caso, é a radiação do perispírito do hipnotizador ou do magnetizador que atinge o perispírito do sensitivo em transe.

E, sendo assim, compreensível se torna que, possuindo os Espíritos, da mesma forma que os homens, este maravilhoso instrumento das sensações que é o perispírito, e podendo a radiação do perispírito dum homem transmitir ao perispírito doutro homem suas sensações, razão não há para negar que um Espírito possa transferir a um médium as sensações que o compungem. Por conseqüência, teoricamente, é admissível que um Espírito provoque num ser humano, as sensações, que, por ventura, esteja sentindo.

É inegável que, hoje, mais do que ontem, existe grande número de criaturas, tidas como “nervosas”, que, a despeito do resultado negativo dos exames e pesquisas médicas, vivem atormentadas por mil sintomas torturantes, e, sobretudo, tremendamente angustiadas pelo mau pressentimento de que vão ser acometidas, a cada passo, pelas mais temíveis doenças.

Se, porventura, lhes aparece, na pele, um sinalzinho qualquer, antes de consultarem a quem lhes possa orientar, deixam-se martirizar, dias e dias, pela idéia fixa de que “aquilo” é indício de câncer; se, acaso, perceberam uma anomalia no ritmo cardíaco, logo imaginam — e passam a viver intimamente o drama — que estão sofrendo do coração; se, ao invés disso, é uma tossezinha, que, de vez em quando, lhes apoquentá, admitem, sem mais, que já estão tuberculosas..

Aliada a essa obsessão pelos mais perigosos estados mórbidos, nota-se-lhes, chocante instabilidade emocional. Dominadas por injustificável melancolia, choram à mínima emoção. Padeendo de anorexia, sem apetência para os mais saborosos acepipes, refugam a alimentação; ou debicam-na, apenas, ingerindo insuficiente cota de nutrimento. Alegam, muita vez, que o alimento não lhes sabe bem, e que, quando teimam, entala-se-lhes um bolo na garganta, que lhes obsta a passagem do alimento! Além disso, sentem, quase permanentemente,

estranha sensação de que não têm forças para encher completamente os pulmões — sensação essa que se lhes desvanece, quando, à guisa de válvula escapatória, emitem profundo suspiro. Muito sensíveis, de resto, aos fenômenos meteorológicos, esses pacientes sofrem, sobretudo, com as bruscas variações barométricas e com a acumulação de cargas elétricas, que precedem às procelas. Outras, no momento do entrechoque dessas cargas, tão mal se sentem que quase desmaiam sob a influência dos relâmpagos. E, culminando no quadro mórbido, aparecem freqüentes insônias, acompanhadas de angustiante sensação de medo, senão de terror. E, quando conseguem adormecer, quase sempre sob o efeito de drogas pouco recomendáveis, essas criaturas vêm-se presas de terríveis pesadelos, nos quais fantasmas conhecidos ou desconhecidos, se comprazem em atormentá-las!...

Nesse quadro, aqui sucintamente focalizado, onde, à luz dos conceitos médicos atuais, se configura a psiconeurose, e no qual, em detrimento doutros sintomas, procurei ressaltar a disparidade entre estado orgânico e o estado mental, rico de doenças imaginárias, e a situação noturna, caracterizada pelo pavor e, sobretudo, pelo conteúdo dos sonhos, eu, com licença dos freudeanos, diagnostico: mediunidade descontrolada ou, melhor: Espiritopatia incipiente!

E, como o drama é de muitos e os quadros sobremodo variáveis, para facilitar a compreensão, imagino um exemplo, semelhante aos que, me têm sido dado constatar, em mais de vinte anos de observações.

Suponhamos que, de um médium, até então indiferente ao seu dever espiritual, se aproximou, atraído por justificada afinidade, um Espírito, vitimado pela tuberculose pulmonar. Se o referido Espírito foi considerado faltoso por seus superiores hierárquicos, e, por isso, não lhe retiraram do perispírito os

fluidos vitais correspondentes às sensações da doença, embora Espírito, desprovido do sistema nervoso, ele continua, na Vida Espiritual, a sentir tudo o que sentia na Terra, antes de desencarnar.

Nessas condições, se, durante longo tempo, irradiar seu pensamento sobre um médium, à medida que for adaptando o perispírito ao perispírito do médium, com o fito de controlar-lhe os centros nervosos e valer-se da escrita ou da palavra, muito antes que surja a “comunicação”, já o médium estará a sentir todas as manifestações da tuberculose, apesar das provas negativas do laboratório e do raio X.

Com efeito, tal qual acontece no fenômeno anímico, observado na “relação magnética”, onde o magnetizador ou o hipnotizador, somente por uma radiação do perispírito, independente dos neurônios e da sugestão verbal, transferem ao sensitivo as sensações que sentem, o Espírito, no fenômeno espírita, também por uma radiação do perispírito, transmite ao médium as sensações que o torturam!

De sorte que o médium, a princípio, cismará que vai ficar tuberculoso. Impressionado, cada dia mais, perde o apetite. Mal alimentado, emagrece. Emagrecendo, assusta-se cada vez mais, piorando o estado mental. Ninguém lhe removerá a idéia de que está tuberculoso. Está tão dominado, pelo pensamento do Espírito, quanto o sensitivo o fica, sob o pensamento do hipnotizador. Depois, sentirá falta de ar. Depois, tosse. Depois, vomitará sangue... E, se não for amparado em tempo, ficará, mesmo, tuberculoso!

Não obstante, os médicos que imaginam que, pelo fato de terem sido descobertos microorganismos patogênicos, ficou afastada, implicitamente, a teoria, aceita desde remota antiguidade, de que os Espíritos podem, também, provocar doenças, discordarão, liminarmente, de qualquer sugestão nesse sentido e aconselharão a levar o doente ao psiquiatra.

Lá chegando, o médium ouvirá certamente muitos conceitos relacionados com a libido — o Proteu da hodierna Psiquiatria — será brindado com erudito diagnóstico, rotulado com um termo greco-latino, e aconselhado a tomar tranquilizadores. Talvez tome alguns choques também. Contudo, pouco aproveitará. E curado definitivamente nunca ficará. A menos que, rompendo os preconceitos sociais e religiosos, a família o leve a um bom Centro Espírita. Então, sem terem dito nada a ninguém, todos verão um fato surpreendente: no decorrer da sessão, um médium, na mesa, em prantos, principia a queixar-se de tudo o que o doente costuma sentir; e, enquanto o Espírito, ali manifestado, se identifica como amigo ou parente falecido, a vítima da “Espiritopatia”, como que por encanto se sente tão aliviada como se já estivesse curada! E curada ficará, de fato, se seguir as orientações dadas.

Assim, sem fé e, quiçá, constrangido por ter sido levado a um Centro Espírita, o médium faltoso, que jamais pensara em empregar suas faculdades em benefício da humanidade, acaba sentindo, na própria carne, graças à abnegação doutro médium, o alívio que um dia poderá dar a outras criaturas, que, como ele, procurarão, debalde, lenitivo na Medicina, quando o socorro está neles mesmos, e o caminho, no Espiritismo!

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS "ESPIRITOPATIAS" II

Nas palestras anteriores, de acordo com o que comprova a prática espírita, procurei demonstrar — 1º) que, embora desprovidos de sistema nervoso, os Espíritos podem, de fato, sentir as mesmas sensações que possuíam na vida terrena — tais como: dor, calor, frio, sede, fome, etc.; 2º) que, além de sentirem tais sensações, os Espíritos podem transmiti-las aos médiuns, provocando-lhes, sob o disfarce duma psiconeurose, autêntica Espiritopatia, isto é, uma doença ocasionada, exclusivamente, pela atuação espiritual.

Como devem recordar-se os que me deram a honra de escutar-me, baseei-me, para isso, em fatos indestrutíveis, observados cientificamente, desde o meado do século passado, mas que, desgraçadamente, não foram devidamente valorizados até hoje, desvirtuada que tem sido a verdadeira interpretação com hipóteses engenhosas, é verdade, mas que fogem à realidade e cujo mérito consiste em cortejar os preconceitos, que, neste particular, ainda imperam no mundo científico!

De toda forma, porém, já se não pode negar que a transposição dos sentidos, observada diversas vezes, por diversos cientistas, e a exteriorização da sensibilidade, comprovada diferentes vezes, por diferentes investigadores. Esses dois fatos,

reunidos, queiram ou não, os pontífices da Ciência oficial, demonstram, inelutavelmente, que, em dadas circunstâncias, a sensação pode tornar-se independente do órgão específico. Tanto assim que, não só os sentidos podem funcionar sem o “receptor adequado”, servindo de exemplo o indivíduo que, momentaneamente cego e surdo, vê, no entanto, pela extremidade dos dedos e ouve pelo calcanhar, — como, o que é, talvez, mais espetacular ainda, a sensibilidade à dor e, provavelmente, todas as formas de sensibilidade ligadas à pele, podem, também, escapar, provisoriamente, do corpo, para projetar-se, no espaço, à distância de dois ou três metros!

Ora, comprovado que a sensação pode manifestar-se independentemente do receptor adequado, verificada a função sem a presença do órgão, força é concluir-se que, embora normalmente esteja condicionada a determinadas estruturas celulares, a sensação pertence, de fato, a um elemento imperceptível, que tanto pode situar-se nos órgãos específicos, como pode deslocar-se, por via extrasensorial, para um ponto qualquer da periferia do corpo, ou, mesmo, para fora do organismo!

Ao enigmático detentor das sensações, o Espiritismo denomina fluido vital, parte integrante de complexo campo de força, que, em vida, penetra na intimidade de todas as células do organismo, e, depois da morte, acompanha o Espírito, envolvendo-o e servindo-lhe de instrumento para suas manifestações — é o perispírito, ou corpo espiritual.

Donde se infere que, levando consigo o verdadeiro instrumento das sensações, o perispírito, é evidente que o Espírito, posto que desprovido dos neurônios e dos receptores específicos, pode continuar a sentir, com efeito, as sensações que sentia durante a encarnação terrena.

Estribado neste fato e apoiado, ainda, na transferência sensorial que se processa no estado de relação magnética, observado entre o sonâmbulo e o magnetizador, ou entre o sensiti-

vo e o hipnotizador, estado no qual as excitações dum organismo despertam sensações correspondentes no outro, baseado, portanto, em fatos de observação, pude afirmar, com a máxima convicção, que, tal acontece no fenômeno anímico, de homem para homem, um Espírito sofredor, no fenômeno espírita, de Espírito para médium, pode transmitir, pela radiação do perispírito sobre o perispírito do médium, a angústia e os sofrimentos, que o compungem na Vida Espiritual. E, assim sendo, à medida que se vão sintonizando as vibrações do perispírito do Espírito sofredor com as vibrações do perispírito do médium por ele atuado, o médium, gradativamente, irá apresentando o quadro proteiforme das psiconeuroses, quando, na verdade, seu mal é legítima Espiritopatia, cuja verdadeira terapêutica está na prática do Espiritismo.

Hoje, baseado noutra ordem de fatos, vou mostrar como, além dessas “Espiritopatias”, relativamente benignas, outras existem, muito mais rebeldes, que tomam, quase sempre, a feição de grave psicopatia.

Antes, porém, para tornar inteligível o problema, vou rememorar alguns fatos de suma importância, que, como os anteriores, não foram devidamente considerados, dada a nefasta hegemonia alcançada, nos meios científicos, pela Escola de Nancy, que, ilusoriamente, transformou a sugestão numa espécie de panacéia universal — servindo para tudo e tudo explicando, quando, na verdade, serve pouco, porque pouco explica.

O primeiro fato sobre o qual desejo chamar a atenção é que, contra a vontade e as convicções do sensitivo, o hipnotizador pode obrigá-lo a realizar um ato incompatível com sua dignidade. Negado reiteradamente por diversos hipnotizadores, existem atualmente provas irrecusáveis. Tudo depende, naturalmente, de dois fatores hoje relegados — a sensibilidade do hipnotizado e o magnetismo do hipnotizador. Nem todo sen-

sitivo será dominado pela vontade do hipnotizador a ponto de praticar um ato contra sua dignidade. Nem todo hipnotizador terá suficiente força magnética para obrigar um sensitivo a comportar-se contra suas convicções. Mas, de toda forma, há casos em que o sensitivo, não só é hipnotizado, contra a vontade, como, contra a vontade, realiza atos que nunca realizaria espontaneamente.

Juntando a prova à assertiva, posso citar a insuspeita observação de Estabooks, que, sobre ser autoridade em matéria de hipnotismo, vota, como quase todo hipnotizador, ingênita antipatia ao Espiritismo. Afirma este autor que, com seus próprios olhos, viu, duma feita, um hipnotizador de ribalta hipnotizar respeitável cidadão, diácono da Igreja local, obrigando-o, depois, a subir ao palco, e, lá, andar de quatro, fincar bananeiras e, por fim, despojar-se da austera indumentária, até ficar seminu, diante duma platéia em gargalhadas. Despertado, tão indignado ficou o ilustre varão que desfechou violenta murrça, no queixo do debochado hipnotizador, prostrando-o ao solo!

Por incrível que pareça, suggestionados pela Escola de Nancy, ainda há quem diga que, num caso assim, foi a sugestão, ou melhor, a auto-sugestão, que atuou!

Sem embargo, vou prosseguir, apresentando, agora, depois dum episódio de ribalta, uma observação provocada num laboratório de Psicologia. Por ela, ver-se-á até que ponto a vontade do hipnotizador pode dominar o comportamento do hipnotizado. Fê-la o prof. Rowland, da Universidade de Baylor. Numa caixa aberta, colocou, o professor, uma cascavel, irritando-a, em seguida, até que se tornasse perigosíssima. Logo após, ordenou ao hipnotizado apanhasse, na caixa, junto da cascavel, um objeto propositadamente ali deixado. Imediatamente, sem medir conseqüências, o sensitivo introduziu a mão na caixa! E teria sido mordido, se, dentro da caixa, separando

o terrível ofídio do objeto desejado, não estivesse interposto um vidro invisível, de fabricação especial, fato inteiramente ignorado, é claro, pelo hipnotizado. Prova, portanto, esta observação, que, com o risco da própria vida, o hipnotizado é obrigado, por um impulso insopitável, a realizar a ordem do hipnotizador!

Muito sugestivo, também, nesse sentido, foi o fato de terem os norte-americanos conseguido, por meio do hipnotismo, a confissão de segredos de guerra de um comandante de submarino alemão, graças aos quais mais fácil se tornou a invasão da Europa.

Ora, quem conhece as tradições de honra dum oficial germânico, não poderá duvidar que não haveria tortura capaz de arrancar-lhe o segredo. No entanto, dominado pela vontade do hipnotizador, confessou, passivamente, tudo o que sabia em relação às minas submarinas do Canal da Mancha, problema vital para as tropas invasoras!

Positivado o fato de poder agir, o hipnotizador contra o arbítrio do hipnotizado, mostrarei, agora, que, também um Espírito pode atuar, de modo semelhante, sobre a vontade do médium. Para isso, porém, é preciso que se saiba que, na hipnose, o que voga não é, como se pensa, a palavra articulada — é a força magnética do pensamento, que a acompanha. E a prova é que se pode hipnotizar sem proferir palavra, somente mentalizando a ordem, da mesma maneira que se pode hipnotizar, telepaticamente, emitindo o pensamento a distância — fato comprovado por uma comissão de sábios, estando a sensitiva no sul da França e o hipnotizador, em Londres. De toda forma, se um bom hipnotizador aproximar-se de um bom sensitivo adormecido, no leito, em sono natural, e, sem dizer palavra, lhe afirmar, mentalmente, que, ao despertar, estará paralítico dum membro, ou que, ao tentar alimentar-se, sentirá

um aperto na garganta, que o não deixará deglutir, no dia seguinte, fatalmente, se lhe manifestará a paralisia funcional, ou o espasmo psicógeno. Se, porém, ao invés disso, o hipnotizador preferir provocar uma alucinação, basta mentalizar que, ao acordar, o sensitivo verá, junto dele, belo cão policial e que deve cuidar do animal: ao despertar, não só o sensitivo verá o canzarrão, como em tudo se comportará como se, de fato, o tivesse, de verdade, consigo. E — mais grave que tudo isso — se, porventura, alvitrasse o hipnotizador, por obrigar o sensitivo a cometer um ato condenável, poderia induzi-lo, por exemplo, a surrupiar o relógio do companheiro. E tão compulsória é a força da sugestão *post-hipnótica*, que, inevitavelmente, o furto se daria!

Dito isto, explicado que o hipnotizador, sem proferir palavra, só por sugestão mental, isto é, pela força magnética do pensamento, pode não só provocar, no sensitivo, afecções funcionais como anomalias do comportamento, evidente se torna que os Espíritos, que também pensam, e que também possuem força magnética no pensamento, podem, igualmente, ocasionar ao médium, por sugestão mental *post-hipnótica*, processada durante a noite, no sono normal, não só distúrbios funcionais de diversas ordens, como sérios desvios do comportamento, determinando, assim, a configuração clínica de grave psicose!

De toda sorte, não é nada agradável a situação dos médiuns faltosos, que, *moto próprio*, procuram ocultar as faculdades que possuem. Veladas aos olhos dos homens, essas faculdades são portas abertas aos Espíritos. Assim sendo, se a passagem for forçada por um sofredor, tudo se resumirá numa psiconeurose; mas se, ao contrário, a porta for arrombada por um obsessor, o quadro exigirá um manicômio.

Contudo, há duas terapias a tentar — uma, de ação mais rápida, talvez, mas de efeito menos duradouro, porque remove

o efeito, sem eliminar a causa — é o hipnotismo; outra, de ação menos espetacular, mas muito mais eficiente, porque apaga os sintomas doutrinando e regenerando a causa, os Espíritos sofredores ou obsessores — é o Espiritismo.

Todavia, como na espécie, melhor será prevenir do que remediar, é, sempre preferível o tratamento profilático. E, para esse, só há um caminho — a Filosofia Espírita!

CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA SOBREVIVÊNCIA DOS “MORTOS”

Negar a sobrevivência do Espírito já não é, como foi, no século passado, quando era *chic* ser ateu, prova de autodeterminação e de independência intelectual — é sinal de lastimável displicência, senão de injustificável ignorância, em face das provas decisivas apresentadas pelo Espiritismo.

De fato, a certeza da sobrevivência está definitivamente assegurada não só pela prova testemunhal de centenas de criaturas, que, através da própria mediunidade, ou por intermédio doutro médium, lograram restabelecer o contato com parentes, ou amigos desencarnados, como, também, pelas provas convergentes, obtidas por inúmeros investigadores, que, forçados pela evidência dos fatos, se viram obrigados a admitir, contra suas próprias convicções, que, na verdade, as personalidades que se manifestam, no transe mediúnico, são Espíritos de antigos habitantes da Terra. Isso não significa, entretanto, que qualquer indivíduo, na primeira tentativa, vá entrar em comunicação com o Espírito que deseja. Não, absolutamente. Os fenômenos espíritas não se repetem à vontade — são como os fenômenos astronômicos: dependem de condições que nem sempre se conjugam. E, como os fenômenos biológicos, não se restringem à estrita relação de causa e efeito, à maneira dos

fenômenos mecânicos. Ao contrário, estão condicionados a complexa causalidade, magistralmente estudada em *La Psychologie Inconnue*, por Emíle Boirac, reitor da Academia de Dijon, obra premiada pela Academia de Ciências da França.

Com efeito, defendendo, sempre, os fenômenos espíritas não duma, mas de várias causas, umas inerentes ao médium, outras relacionadas com o ambiente e com os assistentes, e, finalmente, outras subordinadas à Vida Espiritual, pode acontecer — e acontece freqüentemente — que, embora estando presente o médium, por não serem boas as condições ambientais e desfavoráveis as exigências experimentais, não se manifeste o Espírito solicitado; da mesma forma que, estando perfeito o telescópio e sendo más as condições atmosféricas, pode falhar a observação. Por outro lado, admitindo esteja o médium em ótimas condições e o ambiente inteiramente favorável, pode suceder que o Espírito invocado não possa, ou não queira manifestar-se, pois, no caso, ao contrário do que se dá na Astronomia, o objeto de observação tem livre arbítrio e além disso, está submetido às leis da hierarquia espiritual.

Assim sendo, o fracasso da observação não pode comprometer as assertivas do Espiritismo no que tange ao problema da sobrevivência.

Ao contrário, na maioria dos casos, o insucesso provém do desconhecimento desses fatos. Tocados pela dor da saudade, ou espicaçados pela curiosidade, muitos indivíduos tentam entrar em comunicação com amigos e parentes falecidos, ignorando, porém, totalmente em que condições o prodígio se torna exequível. Há, mesmo, os que impõem, como condição *sine qua non*, para se converterem à Filosofia Espírita, que, em comparecendo a uma sessão, logo se lhes apresente o Espírito com o qual desejam comunicar-se. Querem assim, embora ignorem o grau de pretensão, que se faça táboa rasa das leis que

regem o intercâmbio do plano terreno com os Planos Espirituais, em atenção à sua orgulhosa imposição! E como, com semelhante arrogância, dificilmente fariam jus, à dádiva da conversão a uma Doutrina tão sublime e confortadora, como o é o Espiritismo, é mais que provável, é quase certo, que não conseguirão a prova que, sem merecerem, tentaram forçar!

Todavia, se antes de exigir qualquer coisa, o cético, tal qual se faz no domínio das ciências experimentais, procurasse adquirir os conhecimentos teóricos indispensáveis à orientação das pesquisas, saberia que, no campo da fenomenologia espírita, também há leis inderrogáveis. E mais do que isso: que o merecimento perante Deus entra na equação das manifestações de além-túmulo como uma constante irremovível!

Em verdade, no âmbito dos fenômenos espíritas, não basta saber investigar — é necessário merecer a prova. A teoria facilita sobremaneira a investigação; e evita o desânimo, porque explica os fracassos. Mas não assegura o sucesso, que só o merecimento espiritual do pesquisador pode garantir, porque os fenômenos dependem da boa vontade de Inteligências livres, antigos habitantes da Terra, que podem simpatizar, ou não, com as aspirações do investigador.

Contudo, quando não se cultiva a dúvida por princípio, e, sim como ponto de partida para a investigação; quando se busca a verdade por amor a verdade, sem espírito preconcebido, é quase certo que, em havendo mérito, se as demais condições forem favoráveis, a prova da sobrevivência, mais dias, menos dias, surgirá de maneira irretorquível.

Foi, aliás, o que sucedeu com o Dr. Van Eaden, conceituado médico holandês. Profundamente cético quanto à imortalidade da alma, resolveu, no entanto, aceder às incitações dos amigos e apurar se, finalmente, havia ou não sobrevivência do Espírito. Homem de ciência, compreendeu imediatamente que

a prova, para tornar-se válida, não poderia ser, apenas, dialética — deveria, ao contrário, basear-se em fatos positivos; e, para isso, o caminho mais curto, consistiria, é evidente, em entrar em contato com o Espírito de algum amigo falecido. Claro que, para maior certeza, o médium deveria ser absolutamente idôneo. Razão por que preferiu a cooperação da Sra. Thompson, que, anteriormente, fornecera provas tão decisivas a Meyers, renomado psicólogo inglês, que se convertera ao Espiritismo.

A luta do médico holandês foi, com efeito, bastante árdua. A princípio, embora verossímeis, as provas não foram convincentes. A entidade que se lhe manifestava dizendo chamar-se Nelly aparentava ser uma personalidade independente da personalidade da médium. Todavia, como não fora, em vida, das relações do pesquisador, perdurava, em seu espírito, irremovível dúvida a respeito dessa “entidade”. Sem embargo, Nelly sempre solícita, esforçara-se para convencer o médico, fornecendo-lhe notícias de vários amigos falecidos, todas com grandes probabilidades de serem verdadeiras. Mas a prova decisiva só apareceu mais tarde. Foi quando Nelly, falando pela garganta da médium, isto é, em comunicação psicofônica, surpreendeu o médico com o aviso de que, brevemente, viria palestrar com ele um velho amigo. E veio mesmo. E a prova foi crucial. Expressando-se correntemente em holandês, língua sobre a qual a médium não sabia patavina, o Espírito, pela psicofonia da médium, deu provas tão cabais a respeito de sua identidade, que, no relatório apresentado à afamada Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres, o Dr. Van Eaden afirmou textualmente: “Tive a impressão indubitável de conversar com meu amigo em pessoa!” E acrescenta — “Falava-lhe em holandês e ele, imediatamente, me respondia, sempre corretamente.” Além disso, o Dr. Van Eaden frisa como a alegria do amigo transparecia, visivelmente, na expressão fisionômica e na mímica da médium. Acresce, ainda, uma circunstância de suma importância: foi que durante a “incorporação”, a voz da médium, se

tornou rouquenha e entrecortada por impertinente tosse seca — fato que muito pesou no julgamento do cético pesquisador. E a razão foi simples. Duma feita, esse amigo tentara suicidar-se, golpeando o pescoço. Socorrido em tempo, nunca mais recuperou o timbre normal da voz, nem se livrou de renitente tosse seca. Ora, o fato era totalmente desconhecido pela médium. Logo, ela não poderia imitá-lo, se, no caso, representasse uma farsa. Também não é admissível que o fenômeno partisse, por via telepática, do próprio médico holandês, porque, para ele, foi motivo de grande estranheza que, depois de morto, como Espírito, o amigo ainda conservasse aquelas mazelas do corpo carnal. De resto, corroborando com os fatos anteriores, a médium, ao despertar, queixou-se amargamente de intolerável odor de iodofórmio, que a asfixiava. Foi então que o Dr. Van Eaden se recordou que, de fato, na ocasião da tentativa de suicídio, fora esse o desinfetante preferido, razão por que seu amigo teve de suportar, durante muitos dias, o terrível fedor. Ora, tudo isso era absolutamente ignorado pela médium, dentre outros motivos tudo aconteceu num país distante, a Holanda, onde a médium nunca fora.

Nessas condições, todas as provas convergem para uma única conclusão, a mesma conclusão a que chegou o pertinaz investigador holandês: é que foi, de fato, o Espírito do amigo “morto” que voltou à Terra, para demonstrar-lhe, que, embora considerado “morto”, continuava, na verdade, mais vivo do que nunca! Pelo menos para o Dr. Van Eaden, ~~esta~~ provada a sobrevivência da alma. E se juntarmos todas as provas obtidas por todos os doutores Van Eaden da literatura espírita, ver-se-á que, sem sombra de dúvida, o problema da sobrevivência da alma é questão superada — porque, queiram ou não os detratores do Espiritismo, está cientificamente demonstrada — e demonstrada pelos vultos mais proeminentes dos diversos ramos do saber humano, que, desde o meado do século passado quiseram consagrar algum tempo à investigação dos mistérios da fenomenologia espírita; portanto, negar a existência da alma já não é sintoma de cultura — é prova de caturrice ou de ignorância!

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS APARIÇÕES DOS “MORTOS”

Contestando a comunicação dos mortos em desaforada missiva dirigida a Camille Flammarion, Pélagaud, então presidente da Sociedade de Antropologia de Lion, apresentou, dentre outras, as seguintes objeções: “Se os mortos pudessem reaparecer — disse ele — todos o fariam, e, sobretudo, por coisas úteis àqueles que amaram... essas aparições não se limitariam a pouquíssimas pessoas, e, ainda assim, para dizer-lhes tolices. Além disso — prossegue o antropologista — é evidente que, se os mortos pudessem reaparecer, fá-lo-iam completamente nus. Pois onde arranjariam vestuários desde muito apodrecidos com os quais pretendem vê-los? Tais aparições só podem ser subjetivas e realizar-se nos cérebros d’aqueles que os vêem. Então — continua o antropólogo — então como deixam sinais materiais sobre os trastes e nas placas fotográficas? Há aí um dilema do qual é impossível sair. Em resumo — conclui o missivista — não há, em tudo isso, nada absolutamente sério, digno de um homem de ciência...”

Estampando em *A Morte e seu Mistério* a destemperada crítica do presunçoso cientista, Flammarion, glória legítima da Ciência e destemido campeão dessa arrojada devassa dos “fenômenos naturais desconhecidos” ligados ao Espiritismo, reconhe-

cia, com certa melancolia a aversão do mundo científico a esse gênero de investigações, confessando lealmente: “Não há dúvida de que o espírito científico oficial assim como a opinião mundial são contrários a essas pesquisas: notei-o todas as vezes que chamei a atenção para tais problemas, em diversas revistas da França e do estrangeiro. O fruto não está maduro. Tem-se medo. Os confessores são amiúde os conselheiros desses escrúpulos; crentes e racionalistas não compreendem ainda que a averiguação da existência da alma e de sua sobrevivência a uma vida tão fugitiva, tão frágil, tão rápida é o mais importante de todos os estudos, que é rigorosamente científico e que representa o primeiro dever dos sábios” — concluiu o afamado astrônomo francês.

Hoje, graças à coragem duma plêiade de sábios, dentre os quais se inclui o nome aureolado de Flammarion, é bem outra a tendência observada na Ciência oficial, onde, embora disfarçadamente, com o rótulo de Parapsicologia, apreciável fração da fenomenologia espírita já penetrou nos laboratórios universitários, para honra da independência moral com que os verdadeiros cientistas devem investigar a verdade, jamais se detendo diante de preconceitos religiosos ou de interesses materiais. E apesar de não estar com procuração para responder a Pélagaud, agora habitando o outro mundo, e, por conseguinte, com outra compreensão acerca das leis divinas que regem as manifestações dos “mortos”, quero servir-me da interpelação que fizera a Flammarion, para esclarecer os radiouvintes, que, porventura, estejam, mentalmente no anacrônico estádio do censor do renomado astrônomo e não menos afamado metapsiquista francês.

Inicialmente, não posso deixar de estranhar que um homem de Ciência, como Pélagaud, que, por sua formação mental, deveria ser mais modesto no pautar regras num domínio de

pesquisas alheio às suas atividades, houvesse firmado sua atitude negativista no fato de os mortos não reaparecerem a toda gente, como se, para tornar-se verdadeiro, um fenômeno qualquer devesse manifestar-se, universalmente, à humanidade inteira! Se assim fora, não haveria, até o presente, nenhuma Ciência organizada. Pois, à parte as ciências de observação, como a Astronomia, cujos fenômenos não se reproduzem à vontade do investigador, nas próprias ciências experimentais, a observação, para surtir efeito, deverá ser “armada” de aparelhagem técnica. Sábio que seja, o investigador pode estar, face a face, com o fenômeno, sem suspeitá-lo sequer, se, porventura, não estiver munido, na ocasião, do instrumento indispensável. Sem o telescópio, não verá certos astros; sem o microscópio, não enxergará os micróbios; sem o prisma, não decomporá a luz; sem o electroscópio ou o contador de Geiger, não medirá certas radiações. Logo, para que os “mortos” apareçam a uns, e não apareçam a outros, bastará que, para vê-los, ou para senti-los, haja o homem de estar equipado com faculdades supra-normais. Além disso, é preciso se atente no fato de que os “mortos” não são, nem mais, nem menos, do que homens que perderam o corpo carnal, conservando, portanto, no Espírito, as qualidades e os defeitos que possuíam na Terra. Conseqüentemente, de acordo com suas conveniências, podem, ou não, querer reaparecer entre os vivos. De resto, como é fácil pressupor, o Mundo Espiritual não pode dispensar uma hierarquização de valores e um regime disciplinar, de modo que pode ocorrer, e ocorre freqüentemente, segundo informam os próprios habitantes do Além, que, embora um “morto” queira comunicar-se com o parente “vivo”, seus superiores se opõem a isso, não havendo, por conseqüência, a desejada manifestação. Em suma — várias hipóteses podem ser formuladas para explicar por que certos indivíduos entram em contato

com os “mortos” e outros não. E, a respeito das leis que regem o intercâmbio entre o nosso, e o Mundo dos Espíritos, a Doutrina Kardequiana reúne preciosos ensinamentos, originários do Além. Sem entrar, no entanto, no mérito da questão, isto é, sem discutir por que os “mortos” não reaparecem a todas as criaturas, como desejaria o irritado argüidor de Flammarion, vou diretamente aos fatos, para mostrar que, ao contrário do que ele imaginava, os fenômenos não são tão subjetivos, ou, pelo menos, não estão tão adstritos ao cérebro dos “videntes” quanto afirmou convictamente. Sirva-nos de exemplo a observação do Reverendo Carlos Tweedale, pastor protestante e membro da Real Sociedade Astronômica de Londres. Publicada em 20-7-1906 numa revista científica — *English Mechanic and World of Science* — essa observação fora, posteriormente, incorporada na citada obra de Flammarion. Relata o reverendo, que, dum dia, tendo despertado às primeiras horas da madrugada e estando o quarto parcialmente iluminado por belo luar, viu, de repente, uma forma humana esboçar-se por diante dum das portas de seu armário. Nebulosa, a princípio, adquiriu, a pouco e pouco, acentuada nitidez, desenhando-se então as feições de sua avó; com uma particularidade: é que trazia à cabeça uma touca, estufada à moda antiga. Crente de que fora vítima dum alucinação, o reverendo não deu maior importância ao fato, adormecendo em seguida. Todavia, no dia seguinte, durante o “breakfast”, mal principiou a descrever o ocorrido, seu pai, muito nervoso, levantou-se inopinadamente, abandonando os alimentos, quase intactos. Entremetidos, a mãe do reverendo justificou tão insólita atitude explicando que também seu esposo, às primeiras horas da madrugada, vira a mãe dele de pé, junto de seu leito, desaparecendo, porém, quando o filho lhe dirigiu a palavra. Pai e filho haviam visto, portanto, separadamente, e quase à mesma hora,

o vulto da mãe de um, que era avó do outro. E diante da coincidência da dupla aparição ambos pressentiam que algo de fático deveria ter acontecido à velha. E aconteceu mesmo. Por volta de meio dia, chegou o telegrama anunciando a morte da anciã, cerca de duas horas antes de ter aparecido ao neto e ao filho quase simultaneamente. De resto, mais tarde ficou apurado que outra filha, residente aproximadamente a 30 km da casa do reverendo, também vira, na mesma noite e quase à mesma hora, a aparição da anciã, de modo que, ao todo, três pessoas — um neto, um filho e uma filha — independentemente uma das outras “viram” a mesma “aparição”, o que afasta, *in limine*, a hipótese de alucinação, a menos que se queira admitir um fenômeno de alucinação em série, provocado, isoladamente, em três elementos da família, o que não é, absolutamente provável.

De resto, escrevendo posteriormente ao viúvo, e remetendo-lhe, junto, um desenho da touca que vira no fantasma da avó, obtive o reverendo a resposta de que a semelhança entre a touca colocada na morta e a desenhada por ele era maravilhosa, concordando, além disso, a descrição que fizera da “aparição” com a aparência da defunta! Fato que, por sua vez, reforça a tese de que a aparição foi real, e não alucinatória, no sentido patológico do termo. De toda forma, o caso foi autêntico e constatado por pessoas infensas ao Espiritismo, sobretudo o relator que era pastor protestante.

Conseqüentemente, contra a opinião dos Pélagauds que por aí existem, os “mortos” reaparecem e manifestam-se com a mesma aparência que possuíam em vida. E quanto aos vestuários, que tanto intrigou o antropólogo, o Espiritismo, estribado no depoimento de milhares de Espíritos, ensina que o perispírito pode aparentá-los, sob a influência do pensamento e da vontade. E disso há, até, provas materiais. Com Felícia

Scatcherd, por exemplo, foram produzidas, durante quarenta anos, numerosas das chamadas “fotografias” do pensamento. Acudindo duma feita, a um chamado do arcediogo Colley, Felícia viajou com a roupa leve, por tencionar regressar no mesmo dia. Mas, por falta de condição, fora obrigada a dormir no presbitério. Pouco antes da partida, o arcediogo quis fotografá-la. Um tanto contrafeita, Felícia lembrou-se, no momento, de certa blusa bordada, com a qual preferia fotografar-se. Pois bem, revelada a chapa, lá estava, meio transparente, sobre a roupa que vestia ao ser fotografada, a imagem da blusa bordada que desejava vestir na ocasião — fato que comprova o poder ideoplástico do pensamento e, em grande parte, explica a faculdade que os Espíritos têm de aparentarem que estão vestidos de roupas semelhantes às que possuíam na vida terrena.

Donde se infere que, contra a opinião dos cétricos, os “mortos” não só se manifestam, como podem manifestar-se com roupas idênticas às que usavam, embora as verdadeiras já estejam podres!

CONTUDO, OS ESPÍRITOS SE MANIFESTAM!

No complexo domínio da fenomenologia espírita, entra em equação um fator decisivo, que, até hoje, não foi devidamente valorizado pelos homens de ciência: é o mérito espiritual do investigador.

De fato, nos outros setores da natureza, nunca se leva em conta a influência desse elemento, porque prevalecem os valores conquistados pela cultura científica e pelo rigor da técnica. Mas, no âmbito do Espiritismo, embora a formação científica e a engenhosidade da técnica sejam requisitos valiosíssimos, a tudo sobreexcede o merecimento diante de Deus. E o motivo é simples: a produção dos fenômenos está condicionada à cooperação dos Espíritos. Ora, os Espíritos são homens que perderam o corpo carnal, mas, nem por isso, se despojaram dos sentimentos que exornam a personalidade humana. Logo, como todos nós, são susceptíveis e ciosos de sua dignidade pessoal. Conseqüentemente, não se sujeitariam de bom grado a serem postos à prova por investigadores presunçosos, desprovidos de força moral perante eles. Sobretudo, quando a pesquisa é feita com intuito faccioso, não para apurar, mas para derrocar a verdade que esses Espíritos missionários procuram demonstrar à humanidade.

Por outro lado, sábios tem havido, como Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris, que tão impregnados estão de preconceitos acadêmicos, que, a despeito de terem estado, longos anos, em contato direto com os fenômenos, não puderam chegar a uma conclusão definitiva sobre a origem das manifestações. Escolhi, propositadamente, o exemplo do prof. Richet, não só pelo seu renome científico, como porque prestou relevante serviço ao Espiritismo: é que não sendo espírita e sentindo, até, ingênita ojeriza pela Doutrina Kardequiana, Richet, com todo o peso de sua autoridade e todo o rigor técnico de que era capaz por sua formação científica, provou, perante o mundo, a veracidade dos fenômenos espíritas!

Ora, é isso que, no estado atual da questão, importa, antes de tudo à causa do Espiritismo — é que os sábios demonstrem, com toda segurança técnica, a realidade dos fatos. Porque, comprovados ou melhor — recomprovados os fatos, já tantas e tantas vezes comprovados, pouco influirá a opinião do sábio, se, porventura, seus conceitos não se harmonizarem com o produto de suas investigações. Hipóteses esparsas, que explicariam um ou outro fato isoladamente, mas que não permitem a formulação duma lei geral, não resolvem o problema. No próprio *Método Experimental*, magistralmente exposto por Claude Bernard, o critério é escolher, dentre as hipóteses prováveis, aquela que explica o maior número de fatos. Ora, de todas as hipóteses até hoje formuladas, quer pelo prof. Richet, fundador da Metapsíquica, quer pelos modernos parapsicólogos, nenhuma explica, racionalmente, o conjunto dos fatos: só o Espiritismo tem a verdadeira chave do mistério, tornando inteligível a intrincada fenomenologia. De modo que, fundada para destruir o Espiritismo, a Metapsíquica, ou, como prefere a maioria, a Parapsicologia, ao contrário do que imaginam seus adeptos, longe de prejudicar o Espiritismo, virá solidificar-lhe

o prestígio, de vez que, fatalmente, os investigadores se verão um dia em face de fenômenos que lhes comprovarão a sobrevivência e a manifestação dos “mortos”... Concluíram, então, que, ao lado dos fenômenos anímicos, provenientes das faculdades subscientes do próprio médium, ou como prefere Sudre, do próprio metagnomo, existem, também, fatos espíritas, provenientes de Espíritos desencarnados, antigos habitantes deste mundo, que voltam, para comprovar sua sobrevivência e convidar a humanidade à regeneração moral! E, não raro, os sobreviventes dão provas de identidade.

Haja vista o fato ocorrido com Helena Smith, cujos fenômenos foram estudados pelo prof. Flournoy, da Universidade de Genebra. Psicólogo de renome, por ter observado os fatos com espírito preconcebido, o mestre suíço, apesar de haver contado com a colaboração dessa médium admirável, perdeu-se em hipóteses capciosas, desviando-se do verdadeiro caminho que os fatos lhe apontavam. Com efeito, Helena, que, além de médium de incorporação, era vidente, clariaudiente e psicógrafa, afirmou, certo dia, ao prof. Flournoy que estava “vendo” diante de si o Espírito de um ancião de pequena estatura. Em seguida, informa que o velhinho queria obrigá-la a escrever qualquer coisa e, entrando em rápidas contrações musculares, levou o braço em direção dum lapiseira, apanhou-a, e, sobre uma folha de papel, escreveu, com estranha caligrafia a seguinte assinatura — “Chaumontet, sindic”. Terminada a rubrica, a médium diz ao psicólogo que estava “vendo”, tal como era em 1839, pequena aldeia desconhecida, que, logo depois, identificou, porque “viu” um poste com um letreiro dizendo “Chessenaz”.

Quinze dias depois, novamente em transe, a médium afirmou ao professor que estava vendo, outra vez, o mesmo ancião, mas que, agora, ele viera acompanhado por um sacerdote-

te, a quem chamava de “meu querido amigo Burnier”. E como a aparição dos dois se reproduzira dias depois, Flournoy, com o intuito de colher prova objetiva dessa “visão mediúnica”, pediu ao “Guia” de Helena obtivesse a aquiescência do sacerdote para traçar, à maneira do amigo, sua assinatura numa folha de papel que lhe ofereceu. Dito e feito. Controlando o braço da médium, o padre assinou — “Burnier, salut”.

Obtidas as assinaturas, o cético psicólogo entrou em sindicâncias e descobriu que Chessenaz era obscura vila francesa, sobre a qual a médium afirmava nada saber. Localizada a vila, o professor escreveu ao alcaide, rogando-lhe informações acerca de um tal Chaumontet e de um sacerdote chamado Burnier. A resposta não se fez esperar. O alcaide esclareceu que João Chaumontet fora síndico de 1838 a 1839 e que André Burnier havia sido cura no período compreendido entre 1824 e 1841. Ambos haviam falecido e foram amigos. Como prova da existência dessas duas criaturas, o alcaide mandou ao prof. Flournoy, uma ordem de pagamento, extraída do arquivo, da comuna, onde se encontravam, reunidas, as assinaturas de ambos — a do síndico e a do cura. Confrontadas, essas assinaturas coincidiram exatamente com as assinaturas feitas em transe pela médium, reforçando, assim, a evidência dos fatos. Dessa forma, apesar da absurda explicação que Flournoy tentou dar, para fugir à hipótese espírita, a verdade é que para quem não se deixa cegar pela paixão, provada ficou, mais uma vez, a sobrevivência e a comunicação dos Espíritos. E é isso que interessa ao Espiritismo!

COMENTÁRIOS EM TORNO DAS SUPERSTIÇÕES

Sexta-feira, dia 13... Dia de azar, o dia de hoje — terá dito muita gente. Lamentável superstição — dir-vos-ei eu. Superstição tão lamentável quanto lamentável é toda credence. Porque, com crer em abusões, milhares de criaturas se prejudicam, a cada passo, acarretando múltiplos dissabores na solução dos problemas diários, e, pior do que isso, acumulando imprevistos sofrimentos para a vida de além-túmulo.

Assunto bifronte, a primeira face da questão é fácil de ser desmascarada — basta analisá-la à luz da razão crítica. Que nexos poderia haver entre um dia da semana ou a data do mês com o destino duma criatura? Data do mês e dia da semana são meras convenções humanas, já que o tempo comporta diversas unidades para sua mensuração. Com referência ao nosso planeta — poeira de átomo perdido na imensidão do Universo — é notório que não só o período consumido pela translação da Terra em derredor do Sol, como o tempo gasto pelo curso de nosso satélite, têm sido tomados como padrão de duração do ano.

Na verdade, além dos calendários solares e lunares — os primeiros, adotados pelos cristãos e os outros, de origem árabe, preferidos pelos muçulmanos — também houve os calen-

dários lunissolares, primitivamente seguidos pelos gregos, chineses, hindus, mongóis e judeus. Isso para não citar os calendários vagos, usados, outrora, pelos persas e armênios.

De resto, mesmo entre os calendários solares, não há perfeita coincidência entre eles. Na tentativa de Numa Pompílio para acertar os ponteiros do tempo, o ano lunar dos itálicos, que contava 304 dias, passou a marcar 355, para abranger o período de rotação de nosso globo em torno do astro-rei. Mas como esse número de dias ainda era insuficiente, outro imperador, Júlio César, determinou que fosse de 365 dias a duração do ano. Mesmo assim, o tempo da Terra não coincidia exatamente com a revolução completa do planeta em torno do Sol. Para melhorar a situação, o Papa Gregório XIII novamente corrigiu a posição dos ponteiros, modificando o número de horas suplementares, que assinalam o término do ciclo de translação da Terra; e, para remediar um atraso de 10 dias, seguiu o alvitre de Luiz Lílio, o astrônomo, ordenando que o dia seguinte a 4 de outubro de 1582 não seria 5 e, sim, 15.

Como se vê, as datas — aí compreendidos os dias da semana e do mês — são pura convenção humana. Não podem, portanto, influir no destino das criaturas. A menos que se admita um fatalismo incompatível com todo senso de responsabilidade moral. Fato absurdo, que a razão repele *a priori*.

Todavia, se, por um lado, é fácil compreender quanto o ridículo comportamento do supersticioso pode prejudicá-lo materialmente, protelando compromissos sociais, ou adiando a execução de deveres indeclináveis — compromissos e deveres cuja omissão é, muita vez, motivo de angústia e de humilhação — por outro lado não se atina, à primeira vista, com os danos que tão insólita atitude poderá causar ao crendeiro, depois da morte. Contudo, se me derdes atenção, prezados ouvintes, penso que vos posso esclarecer.

Como premissa, deveis admitir, no entanto, ao menos como hipótese de trabalho, como se faz no âmbito das investigações científicas, dois fatos que, para mim e para muita gente douta, estão absolutamente provados. O primeiro é que, cercando por todos os lados a humanidade terrena, vive, em nosso plano, outra humanidade invisível, incorpórea, constituída, quase toda, de antigas criaturas terrenas, e, por conseguinte, muito semelhantes, em tudo, aos habitantes deste mundo. Sobretudo porque os que aqui ficam, presos, pelos desejos ou pelas afeições ou pelas duas coisas ao mesmo tempo, sem coragem de desprenderem-se dos parentes ou de abdicarem aos prazeres da Terra, esses, são Espíritos que se não despojaram, ainda, de certas imperfeições, incompatíveis com os planos espirituais destinados àqueles que aspiram à conquista de maiores valores morais, em benefício da evolução de seu próprio Espírito.

O outro fato, que tereis de admitir, caros ouvintes, para elucidação do problema das superstições, é que essa humanidade invisível, ainda que o não percebeis e nem mesmo o pressintais, atua, incessantemente, sobre as criaturas humanas, senão ostensivamente, como acontece com os médiuns, pelo menos discretamente, por intermédio duma faculdade universal — a intuição. Faculdade maravilhosa, na verdade, cuja análise tem desafiado a argúcia dos filósofos do tomo de um Bergson, ela constitui como que o ponto de interseção das duas humanidades, que coexistem em nosso planeta — a encarnada e a desencarnada. Através dela, telepaticamente, recebemos, a cada momento, a inspiração para o bem, ou para o mal — tudo dependendo dos sentimentos que nutrirmos na ocasião. Vale dizer que, através do mágico mecanismo da intuição, ainda uma vez, se cumpre a lei de afinidade espiritual. Os semelhantes se atraem! Ao sábio, devotado à Ciência e ao progresso da humanidade, a intuição facilitará, fora dos cânones da Lógica, a idéia

clara do problema ou a interpretação instantânea do fenômeno. Idéia e interpretação que ele, muitas vezes, procurou, de balde, durante dias e dias de incessante vigília. Para muita gente, e, quiçá, para ele próprio, a descoberta foi obra do gênio, trabalho inconsciente das camadas profundas da personalidade. Mas, para quem conhece, de fato, o mecanismo da intuição, foi interferência de um amigo do Além, cientista doutros planos, onde leis aqui desconhecidas já foram formuladas desde muitos séculos. Por isso mesmo, até hoje, a Lógica não pôde estabelecer princípios que permitam transformar todo sábio em inventor. Para isso, mister se faria que a invenção fosse fruto do raciocínio, quando não é — é problema de intuição, ligado ao merecimento moral do inventor — e, não somente, ao seu conhecimento científico, como se poderia imaginar.

Em contraste com o exemplo do descobridor, o tarado, situado como marginal no grupo social, também sofre influência da intuição. E como, no caso, o que lhe importa é fazer o mal — roubar, assassinar ou cometer outro qualquer crime — quem lhe inspira o plano de ação são Espíritos perversos, antigos delinquentes terrenos, que, embora despídos do corpo carnal, não conseguiram ainda retificar seus péssimos sentimentos. Entre o gênio e o tarado, há personalidades dos mais diversos valores. Todas, porém, estão em ligação imperceptível com o “outro mundo”, por intermédio da intuição. Mil fatos o provam. Um indivíduo vai viajar. À última hora, tem sob forma de pressentimento, a nítida intuição de que algo catastrófico irá acontecer. Acovardado, volta para casa. Mas depois fica devendo àquela intuição o fato de não se ter espantado no desastre ocorrido. Outro exemplo: um cidadão dirige o automóvel. Tudo corre bem. Mas, de repente, o carro perde o impulso. O motor parou. O chofer desce e começa a padecer. Examina tudo — a parte elétrica e a parte mecânica

— e não descobre a causa. Leva o veículo à oficina. Lá, também, não encontram a explicação e pedem-lhe que deixe ficar o carro. Desanimado, o viajante já vai partir a pé. Mas, inesperadamente, estaca. Uma idéia acaba de atravessar-lhe o cérebro: um cisco na gasolina. Volta e afirma ao mecânico, com tanta certeza, a causa do enguiço, que o operário logo descobre o entupimento. Eis aí a intuição a solucionar aquilo que o raciocínio não resolveu! E, se houvesse vantagem, poderia multiplicar os exemplos. Em todos eles, ao invés de um dom misterioso do subconsciente, o que se impõe é a ação do pensamento de Espíritos familiares, desejosos de prestar auxílio. Da mesma forma, se o chofer possuísse péssimas qualidades, poderia ser intuído, por Espíritos afins, para riscar um fósforo à boca do tanque de gasolina. E a explosão, se não espostejasse, causar-lhe-ia tremendos danos!

Diante do exposto, compreensível se torna o conluio geralmente existente entre o supersticioso e os Espíritos atrasados.

Um dia, ao sair de casa para realizar um negócio, um sujeito tropeça num gato preto. Aparece um supersticioso, sofrendo, já, a atuação de Espíritos ignorantes e supersticiosos como ele, e diz ao autor do tropeção que o dia lhe sairá de azar, porque encontro com gato preto dá peso. O sujeito fica imaginando. Sugestionado, não raciocina. Se, porventura, não realizar o negócio e admitir que o gato influenciou no caso, estará no caminho da perturbação. Se for médium, poderá ficar obsedado. De toda forma, será muito prejudicado. Porque toda vez que topar um gato preto, transferirá para outro dia o assunto que deveria liquidar com urgência. E isso, em muitos casos, não poderá deixar de trazer-lhe sérios aborrecimentos.

De resto, desde que aceitou a primeira superstição, não é difícil aceitar outras. Amanhã só se levantará com o pé direito. E se, por distração, tocar o solo, em primeiro lugar, com o pé

esquerdo, tudo, que, a contragosto, lhe acontecer nesse dia, os Espíritos zombeteiros lhe darão a intuição de que o azar foi por ter levantado com o pé esquerdo. Depois, a pouco e pouco, virão outras superstições. A desgraça provocada pelo espelho quebrado, o prenúncio de morte pelo pio da coruja, ou pelo vôo da borboleta negra, à beira do leito do moribundo...

Mas há também superstições para dar sorte. A figa, contra o mau olhado; a pata do coelho, para o bom êxito; a semente de certas favas, para facilitar a dentição e mil outras crendices, que por meio do pensamento, formam um elo magnético entre o supersticioso e os Espíritos zombeteiros, que com ele se divertem, roubando-lhe, durante a encarnação, valiosos fluidos vitais, com grave prejuízo para a saúde; e, pior ainda, obrigando-o a permanecer, depois de desencarnado, em planos inferiores, compatíveis com o atraso dos Espíritos que lhe incentivaram as superstições!

Na verdade, todos os minutos de que dispomos na Terra são abençoada oportunidade para resgate de erros passados e conquista de novos valores, para nosso progresso espiritual. Não há dia aziago, nem dia propício. Todo dia nos traz alegrias e decepções. Porque é da vida do planeta essa alternativa entre o sorriso e a lágrima. E a dor é o agulhão que nos toca para frente. De toda forma, nosso destino está condicionado à sábia lei de causalidade moral. Não haveria de ser o amuleto, o caco de planta ou a posição do rabo do elefante que modificaria o destino das criaturas. Modificar o destino modifica a regeneração espiritual do homem, porque o sofrimento é, sempre, corretivo — nunca vingança de Deus.

Reparadas as faltas, adquiridas as virtudes, as provas tornar-se-ão cada vez mais suaves. É assim que se melhora o destino. É assim que se espanta o azar; não é carregando um talismã ao pescoço, nem fazendo “figa” com a mão...

A RESPEITO DA MEDIUNIDADE TORTURADA

A debulhar-se em lágrimas, ocultando-me, porém, os motivos de seus cruciantes sofrimentos, procurou-me, em meu consultório, uma pobre moça, que, desesperada, me vinha solicitar colocasse seu nome junto do microfone durante esta explanação, a fim de que fosse ela amparada por meus Protetores Espirituais.

O caso é tão sugestivo que deliberei desviar-me do roteiro até aqui seguido, para me dirigir, hoje, não aos céticos e aos adversários do Espiritismo, mas aos crentes em geral, e, em particular, aos médiuns torturados, que, desorientados, buscam, em vão, lenitivo por toda parte — na Medicina, nos curandeiros, na cartomancia e, até, nas macumbas!

Na verdade, posto que sensibilizado com a confiança depositada em meus Guias Espirituais, atentaria contra minha própria consciência, se, porventura, houvesse alimentado a ilusão da irmã que me veio pedir ajuda espiritual; pois, apesar de não se ter identificado, identifiquei-a eu, por suas vibrações perispirituais, na posição de médium sofredor, a padecer os distúrbios psíquicos da mediunidade torturada. Numa palavra — um caso de Espiritopatia, disfarçado no quadro clínico duma neurose de angústia.

Nessas condições, a solução cabal e definitiva, do problema não poderia estar condicionada, conforme expliquei à suplicante, à eventual proteção de meus Guias Espirituais, exigindo, ao contrário, frequência obrigatória a uma escola doutrinária, em Centro Espírita idôneo, onde, a par dos esclarecimentos relativos aos seus padecimentos, pudesse receber os ensinamentos morais necessários à retificação de seu comportamento, juntamente com os estímulos indispensáveis à sua integração nos deveres mediúnicos — única maneira pela qual um médium em tal situação poderá obter o equilíbrio mental e a paz espiritual.

Qualquer oração em benefício de um médium na situação da mencionada irmã, embora, no momento, lhe dê agradável sensação de alívio, pelo amparo de Espíritos benfeitores, atraídos pelos sentimentos caritativos de quem orou, não soluciona definitivamente o caso, de vez que o sofrimento tem sua justificação e a felicidade, seu preço.

«Todos os Espíritos encarnados na Terra são imperfeitos e devedores.» No ciclo das sucessivas encarnações e ocupando as mais diversas situações na família e no grupo social, como filho, irmão, pai, sobrinho, primo, neto ou simplesmente companheiro, subordinado ou chefe etc., todos os Espíritos vão contraindo dívidas de gratidão, criando novas amizades ou, ao contrário, cometendo faltas e incompatibilidades com seus semelhantes. Em conseqüência, à medida que se alarga o círculo das vidas sucessivas, aumenta, automaticamente, o número de criaturas com as quais cada Espírito trava relações e desperta simpatias ou antipatias. Assim sendo, é evidente que, enquanto um Espírito permanece encarnado, desencarnados se encontram muitos outros, que, em anteriores encarnações, foram seus parentes, seus amigos ou seus inimigos — inimigos, amigos e parentes, que, de acordo com o grau de evolu-

ção, ocupam os mais diferentes planos espirituais, desde aqueles onde a felicidade é indescritível até os em que impera a dor, a revolta e o desespero.

Ora, provado como está que os Espíritos podem interferir na vida terrena, influenciando discreta ou ostensivamente as ações humanas, segundo o indivíduo é ou não médium, é natural que cada um de nós, conforme o comportamento das anteriores encarnações, poderá estar cercado de amigos ou de inimigos invisíveis. Cercado de amigos, — fruto de nossa dedicação, de nossa bondade e do nosso amor, — a vida terrena se nos tornará mais agradável, as provações mais suaves e as lutas menos árduas, porque, em virtude dessa assistência espiritual, grande coragem nos impulsiona em todas as dificuldades, serena resignação nos conforta em todas as desgraças e imorredoura esperança nos acalenta até o derradeiro momento da partida para o Além. Cercado de inimigos, — produto de paixões e de crimes de nosso pretérito — a vida terrena se nos antolha inçada de terríveis obstáculos, as lutas quotidianas marcadas de cruéis frustrações, as provações agravadas e prolongadas pela revolta e pelo desânimo!

Isso, que acontece com todos, quaisquer que sejam suas crenças ou suas descrenças, acontece, com muito maior intensidade, para o bem ou para o mal, com os médiuns, porquanto sobre eles a ação dos Espíritos é muito mais palpável e decisiva. E é justo. Porque o médium, embora não seja um Espírito eleito, é, até certo ponto, um privilegiado. Além de possuir faculdades supranormais, que o colocam em relação com o Mundo Espiritual, dando-lhe a certeza da sobrevivência, e, conseqüentemente, modificando-lhe a conceituação da vida terrena, o médium está equipado com um aparelhamento neuro-psíquico com o qual poderá ajudar a evolução de muitos irmãos desencarnados, a principiar por seus próprios Proteto-

res Espirituais. E isso é muito importante. Porque as criaturas que não são médiuns são forçadas a auxiliar o progresso dos Espíritos, com os quais, noutras vidas, contraíram dívidas morais, em situações mais difíceis e muito mais limitadas — nos laços consangüíneos ou nas relações sociais, na posição de parente ou de benfeitor.

Eu me explico. Suponhamos que, num impulso incontrolado, certo cidadão mata outro. Além da punição terrena e do sofrimento na Vida Espiritual, a falta só será reparada se, em futura encarnação, o criminoso encarnar como mãe ou pai da vítima, contribuindo, assim, para lhe dar aquilo que indevidamente lhe tirou em vida anterior — o corpo carnal, dádiva divina, que ninguém destruirá impunemente. Dando o corpo carnal, o amor, a educação e tudo o mais que os pais dão aos filhos, o ex-assassino estará apagando, com amor, o ódio antigo, para equilíbrio da lei da fraternidade. De toda forma, porém, a tarefa será muito árdua, porque, no exemplo, o filho nunca será amigo do pai, trazendo, como traz, em seu subconsciente os resquícios da maldade que lhe fizera outrora o atual benfeitor..

Além disso, se esse pai, nas anteriores encarnações, prejudicou muitas criaturas e se as dívidas com elas contraídas devem ser pagas com a dedicação paterna, é claro que, por maior que seja o número de filhos, a dívida só poderá ser saldada com uma dezena ou duas de Espíritos, sendo mesmo excepcional o casal que consegue “coleccionar” vinte filhos!

Ora, se no caso, o assassino pudesse encarnar como médium, ser-lhe-ia possível amparar um número muito maior de Espíritos por ele prejudicados. Bastaria se consagrasse à Doutrina e à caridade. Facilitando a manifestação dos antigos inimigos, a fim de que fossem doutrinados por pessoa competente, esses desafetos, mais dias, menos dias, compreenderiam

que só o amor constrói para a eternidade e, agradecidos ao médium por lhes terem dado oportunidade de progredir, ingressando em planos melhores, perdoariam o mal do passado, pelo bem do presente. Donde se infere que a mediunidade é sagrada oportunidade para o resgate de velhas dívidas espirituais. Assim sendo, é razoável que o médium que, por qualquer motivo se recusa a exercer suas faculdades, venha a sofrer as conseqüências de seu egoísmo, aturando o assédio de Espíritos sofredores, por ele prejudicados em outras vidas e com ele compromissados no Além, para serem amparados através de suas faculdades mediúnicas.

A muitos radiouvintes causará espécie o fato de necessitarem os Espíritos do esclarecimento terreno, quando o poderiam ter lá mesmo, nos planos espirituais. Mas, na verdade, tudo no Espiritismo tem sua explicação — e sua comprovação. A questão é muito complexa. Mas, sem entrar em pormenores, posso afirmar que os Espíritos que se encontram em grande sofrimento, nos planos mais próximos de nosso planeta, não percebem as vibrações, do pensamento dos doutrinadores dos planos superiores. Estão, via de regra, cegos e surdos para o mundo do Além. Mais fácil lhes é ouvirem a voz humana, através do fluido vital das células do órgão de Corti, assim como lhe é mais fácil verem as imagens deste mundo, por intermédio do fluido vital da retina do médium, do que vislumbrarem os quadros deslumbrantes do Mundo Espiritual com a visão de seus próprios Espíritos, envoltos como estão nas trevas do sofrimento.

Como se depreende, para tais Espíritos o aparelhamento mediúnico representa valioso instrumento sensorial para a comunicação e o amparo espiritual.

Ora, sabendo que através das faculdades do médium eles podem ser aliviados, é claro que todo médium que não cumpre seus deveres espirituais terá de viver assediado por Espíri-

tos sofreadores, revoltados contra seu egoísmo a cobrar o cumprimento dos compromissos com eles assumidos na Vida Espiritual, pois somente por causa desses compromissos ele nasceu médium. E muito pior será a situação do médium se, dentre esses Espíritos, algum houver que seja seu inimigo. Porque este, não lhe provocará, apenas, o quadro da neurose — acabará determinando as mais graves psicopatias, vingando-se do inimigo que não quis a reconciliação de um passado delituoso.

Podem parecer absurdo, mas é verdade. E a explicação não é difícil. É notório que o hipnotizador, sem proferir palavra e, até, atuando a distância, pode dominar inteiramente a vontade do sensitivo, transformando-lhe a personalidade e obrigando-o a cometer atos muito graves. Agindo de perto, sem proferir palavra, ou atuando de longe, de toda forma o que está em jogo não é a sugestão — é a radiação do pensamento do hipnotizador, embora, para muitos, esses conceitos possam parecer arcaicos.

Por outro lado, estando o “sensitivo” a dormir, em sono natural, se o hipnotizador dele se aproximar, e, sem dizer palavra, pensar que, ao acordar, ele estará paralisado, paralisado acordará, de fato, somente por sugestão mental *post-hipnótica* — ou melhor — por sugestão telepática *post-hipnótica*.

Ora, de tudo se poderá destituir os Espíritos — menos do pensamento. Pois não pensar é o mesmo que não existir, já que existir é pensar, como disse Descartes. E se um homem, desde que seja hipnotizador, pode, somente pela ação telepática do pensamento, atuar sobre a mentalidade do sensitivo, a ponto de transformar-lhe a personalidade ou de provocar-lhe um quadro clínico, como o da paralisia ou outro qualquer, por que razão os Espíritos, possuindo como possuem pensamento e podendo agir como podem sobre os médiuns, não lhes poderiam ocasionar graves alterações no estado psíquico e, até, no estado físico, com a manifestação dos mais díspares estados mórbidos, desde as psicopatias até as doenças orgânicas?

Tudo isso acontece, porém, nos médiuns que não praticam a mediunidade, seja porque não acreditam no Espiritismo, seja porque não querem ter incômodos maiores, preferindo a vida fútil da sociedade, os prazeres prejudiciais, ou a inércia do egoísta à luta pela verdade, ao sacrifício pelo próximo e à iluminação pela mediunidade redentora!

Quando, porém, o médium, compenetrado de suas obrigações espirituais, resolve colocar, definitivamente, suas faculdades em benefício da evolução dos Espíritos passa a ser considerado um trabalhador da Vida Espiritual e, em consequência, recebe especial proteção, ficando abroquelado contra a investida de entidades perversas ou sofredoras. Obtém, assim, o equilíbrio físico e mental. Passa a desfrutar boa saúde e a viver com paz de espírito, desaparecendo, automaticamente, todos os sofrimentos da mediunidade torturada. E é por isso mesmo que aconselho os médiuns torturados a freqüentarem as sessões doutrinárias de bom Centro Espírita — única maneira pela qual poderão libertar-se, para sempre, dos seus padecimentos.

OS DOIS CAMINHOS DO MÉDIUM

A exploração dos mistérios do Além, efetuada ininterruptamente durante mais de um século, por intermédio de milhares de médiuns, oriundos das mais diversas crenças, forneceu ao Espiritismo uma noção bastante fiel das condições de vida depois da morte.

Todavia, para que a assertiva seja válida, sinto-me na obrigação de dar aos que desconhecem os rudimentos da Doutrina Espírita sucinta orientação acerca da mediunidade ou seja — desse complexo conjunto de faculdades supranormais que permitem ao homem o contato com os habitantes do Além. Força é confessar, contudo, que, se quisesse colocar a questão em termos rigorosamente científicos, sentir-me-ia embaraçado, porquanto a Ciência oficial, a despeito da empolada terminologia com que disfarça a ignorância, não sabe, de fato, o que é, em última análise, a mediunidade, classificando-a como tara mental, quando não a enquadra como psicopatia, tão cega está pelos preconceitos acadêmicos!

Sem embargo, para o objetivo em mira, basta que se vos apresente um conceito prático, mediante o qual se vos torne inteligível a intrincada fenomenologia que caracteriza a mediunidade. Com esse intuito, e contemplada do ângulo espíri-

ta, pode definir-se a mediunidade como maravilhoso equipamento do corpo espiritual ou perispírito, que, no decurso da evolução biológica, desponta em determinados seres humanos, marcando criaturas compromissadas com os habitantes do “outro mundo”. De modo que, apesar da preciosa oportunidade de progresso espiritual que enseja, a mediunidade, muito mais do que um privilégio, é, de fato, pesado ônus para quem a traz. E, na verdade, se para os que a cultivam, inspirados por doutrinas que a sabem valorizar, a mediunidade é instrumento de rara felicidade, para os que a refugam, seja porque estejam subjugados a religiões contrárias, seja porque preferem o comodismo egoísta, acaba tornando-se instrumento para dolorosa expiação.

Eis, pois, a razão por que, nessa época de brutal materialismo, quando a humanidade procura sorver, com sofreguidão, os efêmeros prazeres terrenos, tantos médiuns existem no mundo inteiro a sofrerem as dramáticas conseqüências da mediunidade torturada, dominados que estão por Espíritos atrasados, também sedentos das sensações da carne e dos ilusórios prazeres deste mundo!

Contudo, ao Espiritismo é que não cabe a mais mínima responsabilidade pela expansão da mediunidade desequilibrada ou patológica, cuja verdadeira etiologia ainda é motivo de especulações metafísicas por parte dos sistematizadores da Psiquiatria! O Espiritismo, ao contrário, é fator decisivo no equilíbrio mental do médium. Pela sublimidade da revelação que contém, o Espiritismo conforta, moraliza e eleva a dignidade de quem o pratica com a lealdade e a austeridade que lhe são devidas. Nunca poderia concorrer, portanto, para qualquer perturbação mental. As enfermidades mentais acometem, ao contrário, os médiuns que se furtam ao indeclinável dever de colocarem, a serviço da humanidade, as inestimáveis faculda-

des com que foram dotados. Em compensação, os médiuns que praticam honestamente o Espiritismo são tão protegidos espiritualmente, que, nas maiores adversidades, demonstram estóica serenidade! Na verdade, consideram-se felizardos por possuírem prodigiosa via de acesso ao Mundo dos Espíritos — o mesmo que, desde eras primitivas, fora vislumbrado por todos os “iniciados” quaisquer que tenham sido suas crenças.

Com efeito, todo médium vive numa espécie de universo quadridimensional, em permanente contato com os Espíritos. Contato ostensivo, muitas vezes; outras vezes, apenas sensitivo ou intuitivo. Ostensivo, sensitivo ou intuitivo, o contato pode ser agradável ou desagradável — tudo dependendo da espécie de Espírito que dele participa. E note-se — os Espíritos atrasados tomam contato com maior facilidade, porque suas vibrações perispirituais se assemelham a vibrações do campo mediúnico da maioria dos médiuns, criaturas despidas de aspirações espiritualizantes, quando não de todo em todo mergulhadas no charco das paixões! E é dessa íntima convivência de médiuns faltosos com Espíritos inferiores que se geram os quadros tenebrosos das psicopatias e das mais graves delinquências... Numa palavra, no intercâmbio com os Espíritos, cada médium tem a proteção que merece.

De resto, posto que o médium seja aparelho insubstituível na investigação dos mistérios do Além, é preciso não esquecer que, ao contrário dos instrumentos de laboratório, ele tem vontade própria e, quase sempre, por força de sua hipersensibilidade, é super-emotivo e, não raro, muitíssimo susceptível. Nessas condições, além de poder inibir voluntariamente os fenômenos, impedindo que se manifestem, pode, outrossim, imitá-los, mistificando deploravelmente. De sorte que é aconselhável a máxima cautela na aceitação dos fatos que nos revelam. Contudo, o critério foi sabiamente fixado por Allan Kar-

dec na introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, onde o Mestre estabeleceu que só se deveriam considerar autênticos os ensinamentos, que, ministrados por diferentes médiuns, desconhecidos entre si, apresentassem perfeita concordância, senão na forma, pelo menos, no fundo. E nada mais justo. Porque, ao contrário das demais religiões, oriundas, todas elas de revelações de caráter pessoal, a Filosofia Espírita é, na realidade, uma revelação de equipe — fato que lhe imprime excepcional autoridade moral.

De fato, foi do confronto de milhares de mensagens, partidas de diversas nações, originárias de diferentes médiuns, sec-tários das mais díspares crenças que surgiu o corpo de Doutrina que constitui a Codificação Kardequiana. Nessas condições, o Espiritismo, além de possuir maior e melhor conhecimento da Vida Espiritual, tornou-se uma Doutrina indestrutível, porque ainda que se matassem todos os espíritas, os ensinamentos seriam novamente reproduzidos, através dos médiuns restantes, pertencessem eles às religiões que pertencessem!

Ora, dentre as surpresas reveladas pelo estudo comparativo dessas mensagens, ressalta claramente o fato de que, perdendo o corpo carnal, o Espírito não modifica sua personalidade; ao contrário, sobrevive com todos os hábitos, com todos os defeitos e, também, com todas as virtudes que possuiu na Terra, conservando, inclusive a mesma convicção religiosa ou a mesma descrença!

Por outro lado, ensinam os Espíritos que, de acordo com a evolução espiritual, o pensamento pode tornar-se força criadora, com notável poder plástico, ou melhor, ideoplástico, que atua até sobre o próprio corpo espiritual. De sorte que, em dadas situações, o Espírito que se manifesta pode tomar a aparência física que mais lhe convenha. E é graças a essa faculdade que os Espíritos protetores de católicos, ao se lhes manifes-

tarem, tomam a aparência de “anjos” ou de “santos” — tudo de conformidade com as crenças que alimentam. Da mesma forma, em se tratando de criaturas que acreditam no Diabo, Espíritos perversos, com o intuito de apavorá-las, disfarçam-se em Belzebu, com chifre, e rabo, e tudo mais, que caracteriza a figura imaginária do Demônio!

Na verdade, o Espiritismo prova que o “outro mundo” é constituído de Espíritos que atingiram os mais antagônicos graus de evolução — uns, verdadeiros “Missionários do bem”, dotados dos mais excelsos predicados morais e intelectuais, e, por conseguinte, com capacidade para serem autênticos Instrutores da humanidade, na complementação da revelação que Jesus não pôde dar claramente, porque o assassinaram miseravelmente, antes que terminasse sua gloriosa missão, e sem que tivesse tido, ao menos, tempo de conquistar um discípulo que, à maneira de Platão com Sócrates, possuísse a cultura e o talento, para transmitir à posteridade o verdadeiro pensamento do glorioso Mestre da Galiléia; — outros, Espíritos atrasados, com todas as maldades esparramadas entre os tipos mais desprezíveis da escória humana, autênticos “satanazes”, verdadeiros “exus”, providos de todas as forças capazes de arrastarem as criaturas espiritualmente faltosas às mais calamitosas situações sociais...

Nessas condições, em havendo o médium, tanto se podem manifestar Espíritos boníssimos, como Espíritos satânicos — tudo dependendo dos predicados morais do médium. Médium sincero, despido de vaidade, destituído de vícios, sentindo no coração profundo amor aos Guias Espirituais, respeitando intransigentemente os postulados da Doutrina Espírita, torna-se, na verdade, aparelho precioso, cuidadosamente protegido, livre de maléficas atuações e de temíveis mistificações, porque passa a ser considerado, pelos Espíritos superiores, como legí-

timo colaborador dos “Instrutores da humanidade”, participando, durante a encarnação, dos alevantados ideais dos Mentores que dirigem o planeta. Médiun rebelde, egoísta, vaidoso, viciado, desonesto, explorador, trampolineiro, mistificador é ponto de infecção, pântano moral, esterquilíneo asqueroso, porque se torna presa de Espíritos degradados, de antigos facínoras, de tremendos anarquistas, de verdadeiras feras, em suma, revoltados contra a Terra, por tudo que aqui sofreram de injustiça, de ingratidão e de barbaridade — Espíritos que, de toda maneira, tentam vingar-se do mundo que os não compreendeu, ou — o que é mais certo — que eles não compreenderam!

Nessas condições, só existem duas alternativas para o médiun: ou pratica o Espiritismo, corrigindo-se moralmente e obedecendo fielmente os princípios da Doutrina, e, neste caso, a vida se lhe tornará amena, tantas serão as provas de amparo espiritual; ou rebela-se contra o Espiritismo, renega a mediunidade, deixa-se dominar por Espíritos inferiores, atraiçoa a palavra empenhada antes da encarnação, repele seus verdadeiros amigos e protetores, e, conseqüentemente, dá trágico mergulho no abismo de terríveis provações, com dolorosas encarnações reparadoras, retardando, assim, de muitos séculos, sua ascensão espiritual, pela desídia com que recusou o amparo do Espiritismo!

mecanismos da mediunidade e da gênese das Espiritopatias — atuação de Espíritos desencarnados sobre o organismo humano — que foram classificadas pelo Mestre Penna Ribas em diversas categorias, consoante a evolução dos Espíritos que a provocam.

Fundador da *Associação Espírita Jesus Cristo* e seu diretor de assistência médico-social em 1936.

Presidente da *Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro* em Niterói, de março a dezembro de 1948.

Cidadão do Estado da Guanabara, título concedido pela *Assembléia Legislativa* do então Estado, em função de requerimento subscrito por inúmeros Deputados e por inspiração do Deputado Átila Nunes.

Fundador e presidente da Associação dos *Jornalistas Espíritas*.

Autor de livros revolucionários para a ampliação do conhecimento filosófico-religioso Espírita e da Homeopatia. São eles:

- *JESUS DE NAZARÉ — COMO ELE FOI COMO ELE É;*
- *CAMINHO DA ILUMINAÇÃO;*
- *VERDADES IMPERECÍVEIS;*
- *CARTILHA NEO-ESPÍRITA;*
- *A INFÂNCIA DE JESUS;*
- *A LUZ VEM DO ALTO.*
- *PRODÍGIOS DA HOMEOPATIA.*

O Dr. Penna Ribas, nos seis primeiros livros nos expõe ensinamentos valiosos, e, que podem tornar realidade a fraternidade entre todos os Espíritos encarnados e desencarnados; objetivo do Mestre dos Mestres — Jesus de Nazaré. Em *Prodígios da Homeopatia*, descreve os resultados que obteve com a Homeopatia, ao longo de mais de 50 anos de clínica, curando inclusive pacientes desenganados pela Alopatia.

LEI DA ATRAÇÃO UNIVERSAL

Os Espíritos se atraem na razão direta da identidade de seus sentimentos e na razão inversa do antagonismo de seus sentimentos, isto é, quanto maior o antagonismo, menor a atração e maior a repulsão.

Dr. Penna Ribas, em *Jesus de Nazaré — como ele foi. Como ele é.* Pág. 44.

ISBN 85-86004-03-0



9 788586 004032